

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

IVAN URSO BORGES

UMA ANÁLISE CRISTÃ DO FILME O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO

SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP

2024

IVAN URSO BORGES

UMA ANÁLISE CRISTÃ DO FILME O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Dr. Airton Rodrigues



SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

B644a Borges, Ivan Urso

Uma análise cristã do filme O Caçador e a Rainha do Gelo / Ivan Urso Borges -- São Bernardo do Campo, 2024.

112 p.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2024.

Orientação de: Airton Rodrigues.

1. Linguagem religiosa 2. O caçador e a rainha do gelo (Filmes cinematográficos) – Crítica e interpretação 3. Cinema – Aspectos religiosos 4. Cristianismo e cultura 5. Cultura e religião I. Título

CDD 261

A dissertação de mestrado intitulada: “UMA ANÁLISE CRISTÃ DO FILME O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO”, elaborada por IVAN URSO BORGES, foi apresentada e aprovada em 11 de dezembro de 2024, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Airton Rodrigues (Presidente/UMESP), Prof. Dr. William Bezerra de Figueiredo (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Cleber Araujo Souto Baleeiro (Titular/UNICAP).



Profº. Dr. Airton Rodrigues
Orientador e Presidente da Banca Examinadora



Profº. Dr. Marcelo da Silva Carneiro
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: Pós-Graduação em Ciências da Religião

Área de Concentração: Linguagens da Religião

Linha de Pesquisa: Epistemologia e Linguagens da Religião



Essa pesquisa teve apoio da Fundação de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Dedico esta obra a todos para que seja um instrumento de contribuição na pesquisa e na vida de uma forma geral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me sustentou e me ajudou a chegar até aqui.

Agradeço ao meu pai, Samir, minha mãe, Liliana e minha irmã Debora pelo suporte, apoio e oração em favor da minha vida.

Agradeço aos professores e professoras que sempre me ajudaram na caminhada acadêmica, me auxiliando a melhorar e apresentar muitos textos incluindo esta dissertação.

Aos amigos e amigas de caminhada, pastores e pastoras, e a todos que estiveram e estão presentes em minha vida.

Em memória, agradeço ao professor Antônio Carlos que me incentivou desde o início a prosseguir nos estudos acadêmicos.

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas.
A ele, pois, a glória eternamente. Amém!”
Romanos 11.36

RESUMO

O presente trabalho busca investigar e analisar as possibilidades das linguagens religiosas do cristianismo e sua influência nas artes, especificamente o cinema. Trata-se da análise interna do filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) a partir do método de Manuela Maria Fernandes Penafria. Dessa forma, a proposta é que existem elementos presentes no filme que podem dialogar com o cristianismo. Para isso, utilizamos o método de correlação de Paul Tillich que

permite a interação entre áreas diferentes, abrindo caminhos de diálogo bem como verificando a aplicação deste método. No primeiro capítulo, procuramos apresentar aspectos introdutórios como por exemplo conceitos de religião, cultura, cinema e a importância da comunicação através das artes, no caso desse trabalho. Também apresentamos as razões e fundamentos que levaram à escolha do filme, bem como trazemos uma proposta de estrutura que pode auxiliar na compreensão das divisões do tema. Ainda é importante destacar que se trata de um filme de proposta não religiosa, fator que não impede a pesquisa já que muitas áreas podem ser relacionadas às outras, complementando e ajudando no desenvolvimento de outras pesquisas. No segundo capítulo há uma investigação específica do filme analisando imagens, símbolos, diálogos, lugares e outros fatores que podem ser destacados na narrativa fílmica, sempre lembrando do contexto, da época, dos princípios de cada personagem. Uma das ênfases na análise do filme é o tema do amor, sentimento muito amplo atualmente. O enredo fílmico trabalha princípios morais do amor, como por exemplo o amor de casal, de família, amigos etc. Um dos pontos que divide posições no filme é a afirmação do amor e a negação dele, gerando conflitos, guerras e morte. No terceiro capítulo apresentamos a aplicação do método de Tillich, colocando diversos elementos do filme e do cristianismo, isso de uma forma aproximada respeitando os respectivos contextos. Por fim, pretendemos demonstrar que em meio às tantas abordagens possíveis, linguagens religiosas do cristianismo também podem dialogar com o filme.

Palavras-chave: Linguagens religiosas; Cristianismo, cinema e filme; Cultura e religião; Análise interna de filmes; Método de correlação.

ABSTRACT

This paper seeks to investigate and analyze the possibilities of religious languages of Christianity and their influence on the arts, specifically cinema. It is an internal analysis of the film *The Huntsman: Winter's War* (2016) using the method of Manuela Maria Fernandes Penafria. Thus, the proposal is that there are elements present in the film that can dialogue with Christianity. To this end, we use Paul Tillich's visualization method, which allows interaction between different areas, opening paths for dialogue as well as verifying the application of this

method. In the first chapter, we seek to present introductory aspects such as concepts of religion, culture, cinema, and the importance of communication through the arts, in the case of this work. We also present the reasons and foundations that led to the choice of the film, as well as bring a proposed structure that can help in understanding the divisions of the theme. It is also important to highlight that this is a film with a non-religious proposal, a factor that does not impede the research since many areas can be related to others, complementing, and helping in the development of other research. The second chapter presents a specific investigation of the film, analyzing images, symbols, dialogues, places, and other factors that can be highlighted in the film narrative, always remembering the context, the time, and the principles of each character. One of the emphases in the analysis of the film is the theme of love, an extremely broad feeling in today's world. The film's plot works with moral principles of love, such as love between couples, family, friends, etc. One of the points that divide positions in the film is the affirmation of love and its denial, generating conflicts, wars, and death. The third chapter presents the application of Tillich's method, placing various elements of the film and Christianity, in an approximate way, respecting their respective contexts. Finally, we demonstrate that, amidst so many possible approaches, religious languages of Christianity can also dialogue with the film.

Keywords: Religious languages; Christianity; cinema and film; Culture and religion; Internal analysis of films; Correlation method.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1: RELIGIÃO, CINEMA, CULTURA E AS LINGUAGENS RELIGIOSAS	15
1.1 Linguagens religiosas do cristianismo	16
1.2 A estética da recepção e alguns impactos possíveis	17
1.3 Alguns estudos e olhares sobre o cinema	20
1.4 Paul Tillich e o pensamento da cultura e da religião.....	23
1.5 O método de correlação de Paul Tillich.....	28
1.6 Paul Tillich e o tema do amor	31

1.7 Religião e Cinema	34
1.8 Abordagens nos filmes.....	36
1.9 Alguns autores que trabalham o diálogo entre religião e cinema: um olhar para o Cristianismo	39
1.10 A influência da cultura e a cultura da influência	42
CAPÍTULO 2: ANÁLISE DO FILME O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO (2016) ..	45
2.1. A escolha do filme O caçador e a rainha do gelo (2016)	45
2.2 A estrutura e o funcionamento do filme.....	48
2.3. O filme a partir das Ciências da Religião e do Cristianismo.....	49
2.4. Discursos presentes no filme.....	50
2.5. Análise interna do filme <i>O caçador e a rainha do gelo (2016)</i> – Dinâmica da narrativa	52
2.5.1 Início do filme	54
2.5.2 Freya como a rainha do gelo	57
2.5.3 Sete anos se passam na narrativa.....	58
2.5.4 As vulnerabilidades de Freya e a sequência da jornada de Eric e Sara.....	59
2.5.5 O encontro “pacífico” de Freya com o grupo	61
2.5.6 Freya toma posse do espelho	61
2.5.7 Um final feliz.....	63
2.6. Pontos de vista	63
2.6.1 Sentido visual/sonoro	64
2.6.2 Sentido narrativo.....	65
2.6.3 Sentido ideológico.....	67
2.7. Alguns temas presentes no filme <i>O caçador e a rainha do gelo (2016)</i>	68
2.7.1 A linhagem real	69
2.7.2 Seres e animais fantásticos	70
2.7.3 Alguns ambientes presentes na narrativa	71
2.7.4 Possível ambientação histórica e social do filme.....	74
2.7.5 A figura feminina no filme.....	75
2.7.6 A estação do inverno	78
2.7.7 Símbolos, elementos e personagens que podem dialogar com o cristianismo.....	79
CAPÍTULO 3: A CORRELAÇÃO ENTRE O FILME E AS LINGUAGENS RELIGIOSAS DO CRISTIANISMO.....	82
3.1. Alguns símbolos do filme e sua possível associação com o cristianismo.....	83
3.1.1 Espelho	83
3.1.2 Colar	85
3.1.3 A posição da rainha.....	85
3.1.4 O ideal de reino.....	86

3.1.5 O palácio real.....	88
3.1.6 O bem contra o mal.....	89
3.1.7 O ideal do serviço	91
3.1.8 O amor tudo vence	92
3.1.9 O tema do sacrifício.....	94
3.1.10 Uma soteriologia da rainha Freya	95
3.1.11 Nem vivo, nem morto	96
3.1.12 O altar de pedras	97
3.1.13 A onisciência de Freya	98
3.1.14 Freya e sua volta ao amor	100
3.1.15 Fé, esperança e amor	102
3.2. O impacto dos símbolos e a correlação entre cultura e religião.....	103
Considerações finais	105
REFERÊNCIAS.....	108

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) do diretor Cedric Nicolas-Troyan com o roteiro de Evan Daugherty e Craig Mazin. O filme mostra a rainha Freya que passa por uma metamorfose, e passa a sugerir que as pessoas são mais felizes a partir da proibição de amar, o que se torna uma política em seu reino que assume a forma de lei imposta. Ainda mais, as ações desse reino acabam envolvendo seus súditos em guerras violentas “excessivas”, sem limite, quanto a sua extensão e brutalidade, retratando um clima de vontade de submissão ou extensão do outro, cheio de ódio.

O filme mostra a história que veio antes do conto da Branca de Neve, explicando que havia duas rainhas que eram irmãs, Freya e Ravena. Ravena era má e sua irmã era boa e inocente, uma pessoa muito gentil. Porém, Ravena não queria ver a felicidade da irmã e por isso matou o filho dela induzindo que foi seu companheiro o culpado do crime. Isso deixou Freya muito triste e abalada, e, acreditando que foi seu futuro esposo o culpado pelo crime, acabou matando-o com seus poderes mágicos que estavam até então ocultos. A partir daí, a história se segue com Freya que se afasta de todas as pessoas, construindo assim o seu próprio reino. No entanto, ela passa a ser má, fria, sem amor e destruindo reinos com o seu exército. Existem duas leis que ela impõe aos seus servos e servas: lealdade e a proibição de amar. Nesse sentido, ela sofre ainda mais quando dois dos seus soldados infringem essas leis. Na narrativa, um espelho mágico também tem papel importante porque é a fonte de sabedoria e poder, e quem o possui pode ter todo o poder do mundo (é o que Freya deseja). O filme segue com duas forças opostas a todo momento se manifestando: o amor contra a guerra, a luta pelo direito de amar contra um sistema jurídico e político que impede as pessoas de agirem assim.

A narrativa do amor no filme é apresentada tanto de afirmação quanto de negação, e compõe o enredo do filme. Entretanto, não se trata somente de uma negação do amor por um recuo silencioso. Em vez disso transforma-se essa negação na organização da vida que se resume em um contínuo estado de guerra que envolve e consome todas as pessoas e somente conhece a submissão ou a aniquilação dos povos vizinhos e, supostamente, das suas culturas e religiões, narrada como uma fúria desenfreada sem limite. Nossa proposta de pesquisa é de abrir um diálogo entre as características específicas dessa narrativa dupla, pelo fato também de que narrativas opostas de ódio e amor, de extinção e acolhida, de desrespeito e respeito, de ameaça de aniquilação e propostas de reconciliação se tornaram mais frequentes como linguagens da religião opostas, com o agravamento que as linguagens do ódio são mais e mais

encontradas na sociedade e até em grupos religiosos. O filme apresenta uma proposta não religiosa daquilo que acontece quando se faz uma opção contra o amor, como uma narrativa que dá significado e qualidade a vida, e descreve os resultados em imagens sinistras e apocalípticas, uma forma de não alcançar o propósito de vida. Com isso comunica para nossa realidade que estava – e ainda está – se vendo diante da escolha de optar para uma linguagem religiosa do amor ou de ódio. Uma narrativa que até parece em um primeiro momento simples, onde um espelho mágico é também um elemento principal de orientação no próprio filme, refletindo sobre uma religiosidade que aparentemente faz escolhas parecidas e cria linguagens (religiosas) semelhantes. Há uma negociação aparentemente secular que nos leva a refletir sobre a religião. Entretanto, o que no filme se revela uma negação do amor como caminho de construir a felicidade – em muitas religiões há a possibilidade da prática e convicção de representar a afirmação do amor como parte da essência da própria religião no sentido amplo.

Isso nos dá duas oportunidades: primeiro, olhar a partir do filme para o campo religioso. O discurso do amor na religião é essencial? O discurso do ódio seria simplesmente o outro lado da religião? Que diz a própria religião sobre isso, em específico o cristianismo? É possível, por exemplo, hoje, unir um discurso de ódio com a religião? Segundo: pode se perguntar se esta reflexão e essas narrativas conflitantes sobre o amor podem ser consideradas profundamente religiosas em uma roupagem não religiosa, ou seja, as narrativas aparentemente seculares revelam, no mínimo, uma profunda sensibilidade religiosa, senão acabam representando, linguagens religiosas.

Olhamos para os filmes como um produto cultural, e é sempre uma voz para entendermos o momento que estamos vivendo. O filme é uma mídia popular e é uma forma de entender a relação entre cultura e religião. Entendemos essa mídia como uma caixa de ressonância da cultura a qual ela pertence, e a cultura, a partir da descrição da relação entre cultura e religião de Paul Tillich, como preenchidas pelas narrativas religiosas que as constituem. Além disso, julgamos como necessário de revisitar a compreensão que o amor – e não o ódio – seja um elemento essencial da religião, partindo essa vez de concepções do próprio Paul Tillich e do cristianismo em geral. Finalmente, procura-se entender a presença das linguagens religiosas na cenografia contemporânea, inclusive quando não há um propósito religioso imediato ou direto.

É interessante quando pensamos sobre linguagem religiosa ou da religião. Edgar Morin explica que

[...] a partir do século XVIII, a racionalidade passa a ser vista como uma disposição mental que suscita um conhecimento objetivo do mundo exterior, elabora estratégias

eficazes, realiza análises críticas e opõe um princípio de realidade ao princípio do desejo. Os avanços da ciência, da técnica e da economia confirmam a sua eficácia. No entanto, citando Platão e Freud, entende que especificidade racional é insuficiente porque ignora a loucura, a afetividade, o imaginário, o mitológico, o lúdico, o religioso. [...] (MORIN apud OLIVEIRA, 2017).¹

Assim, racionalidade e outros tipos de linguagem caminham juntas pois o ser humano é complexo e diverso. Linguagem não se apresenta apenas texto, a narrativa é mais do que texto. Os filmes, por exemplo, envolvem áudio, narrativas, enredos, vestimenta/figurinos, tipos de fala, personagens, contextos históricos do passado, presente e futuro, entre outros aspectos.

A análise do filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) mostra-se importante porque vivemos em um mundo onde a ficção e a realidade se encontram a todo momento, e o cinema é um dos ambientes que proporciona essa relação. O filme trabalha muitas questões, e pretendemos também destacar a temática do amor e a sua relação com as linguagens religiosas do cristianismo.

¹ Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/89/edicao-1/direito-e-cinema>> - Acesso em 31 out. 2022.

CAPÍTULO 1: RELIGIÃO, CINEMA, CULTURA E AS LINGUAGENS RELIGIOSAS

O que seriam linguagens religiosas? É interessante pensar sobre o mundo em que vivemos, onde existem muitas linguagens. Palavras, atitudes, artes, gestos... Tudo pode ser linguagem que comunica algo a alguém ou ao grupo.

John Konings traz uma reflexão sobre a linguagem religiosa, estabelecendo uma distinção entre ela e a narrativa sagrada.

[...] A linguagem diz respeito à forma e a narrativa, ao conteúdo. [...] Uma coisa são as formas de expressão religiosa, que podem eventualmente incluir temas como nascimento virginal e arrebatamento ao céu. Outra coisa são os dados factuais envolvidos na narrativa sagrada, por exemplo, que um homem do povo, crucificado por razões não totalmente esclarecidas, acaba sendo considerado o messias (in)esperado, ao qual, então, a linguagem religiosa atribui a esperança de uma volta gloriosa. No meio de tudo isso, pode-se vislumbrar ou crer que exista algo que escapa às expressões da linguagem religiosa e das narrativas mitológicas, conhecidas pelo estudo comparativo das religiões. (KONINGS, 2016, p. 237).²

Observando a citação acima, Konings esclarece que linguagem possui relação com a forma e narrativa se relaciona com o conteúdo. De acordo com esse autor, podemos observar as artes e a cultura pop como lugares que podem abranger tanto formas religiosas quanto conteúdos religiosos. Nesse sentido, podemos colocar que linguagem religiosa é uma forma de expressar conteúdos religiosos, talvez modos indiretos que transmitem uma mensagem religiosa. Já a narrativa sagrada lida com a história de pessoas e ambientes relatados nos escritos religiosos como a Bíblia, por exemplo. Linguagens são temas centrais que remetem a conteúdos factuais, e narrativas são as próprias histórias contadas nos livros e materiais considerados sagrados.

No mesmo artigo, Konings ainda explica que tanto a linguagem como a narrativa, apesar de terem propostas diferentes, na verdade estão interligadas, já que as duas possuem relação e caminham juntas (KONINGS, 2016, p. 238).

Dentre as muitas religiões do mundo, percebemos que elas possuem tanto a linguagem como a narrativa religiosa ou sagrada. Assim existem muitas formas de se comunicar um conteúdo, tanto que muitos se assemelham quando comparados. Muitas religiões possuem características que são comuns, tais como: um deus, um salvador, um livro sagrado, leis ou regras fundamentais, um nível a ser atingido, o transcendente.

² Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n42p236>
- Acesso em 13 nov. 2024.

A seguir veremos um pouco das linguagens religiosas do cristianismo para que possamos compreender um pouco mais a proposta dessa relação com o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016).

1.1 LINGUAGENS RELIGIOSAS DO CRISTIANISMO

Assim como em outras expressões religiosas, o cristianismo possui suas linguagens e narrativas sagradas. Pela influência ocidental histórica, o cristianismo é muito presente na sociedade atual, isso porque influencia gerações.

Ao observarmos o filme em estudo, percebemos muitas linguagens e narrativas, mas pretendemos analisá-lo mais adiante.

Quando falamos em linguagens religiosas do cristianismo estamos abordando um campo muito amplo, isso porque as formas de linguagem a serem transmitidas podem variar muito. No mesmo sentido, as narrativas existentes são muitas e estão em livros, aplicativos, filmes, séries, disponíveis em muitas línguas diferentes e em contextos muitas vezes totalmente antagônicos como é o caso de países interpretam essas narrativas de modo diferente e outros sofrem com a perseguição religiosa, preconceito e limitação da liberdade religiosa. Além disso, falar de cristianismo é um assunto macro, amplo e que requer observações mais detalhadas e específicas de acordo com cada país, região, estado, cidade e família.

O cristianismo possui anos de história, portanto, mencionar esse segmento religioso demanda um longo período de estudos e análise de cada época, povo, nação, leis e costumes. Assim, como analisar um filme do ano de 2016 em diálogo com pelo menos dois mil anos de história? Diante do levantamento dessas questões, pretendemos observar o filme em estudo e verificar se esse diálogo é uma possibilidade diante de uma sociedade com influências judaico-cristãs.

Para o fim do estudo deste trabalho, entendemos como linguagens religiosas do cristianismo todas as formas de comunicação que podem ser identificadas no cristianismo de um modo geral, tais como: símbolos, objetos, diálogos, vestimentas, lugares, contos, personagens e assim por diante. Portanto, as linguagens religiosas aqui estão mais no campo cristão do que em outras religiões. Apesar de outras influências que podem estar presentes na narrativa, destacamos a presença de alguns elementos do cristianismo, seja de forma direta ou indireta.

O cristianismo que mencionamos neste trabalho está mais voltado ao texto literário da Bíblia Sagrada, assim, suas histórias, promessas e linguagens podem ser associadas com outros

elementos da cultura, como por exemplo os filmes. Dessa forma, temas como Bíblia e cinema, ou cristianismo e cinema surgem como ferramentas de comunicação e que transmitem linguagens religiosas das mais diversas possíveis, inclusive em produções cinematográficas não cristãs ou não religiosas. Assim, pretendemos observar o filme com o olhar de uma análise cristã.

1.2 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E ALGUNS IMPACTOS POSSÍVEIS

Em algum momento de nossas vidas, seja em momentos de diálogo, perguntas, respostas ou alguma interação entre pessoas, é muito provável que já ouvimos alguém fazer a seguinte pergunta: “Quer que eu desenhe?”. Essas palavras muitas vezes vêm carregadas de intenções. Isso porque, geralmente quando alguém diz essa frase, significa que a outra pessoa não entendeu o que ela estava dizendo. Isso pode se dar de muitas formas, tais como: a pessoa não entendeu se aquele indivíduo estava fazendo uma pergunta ou uma afirmação; a pessoa não entendeu a fala e o que realmente a pessoa estava querendo passar; a pessoa estava com o pensamento distante, refletindo em outras coisas, e então, não conseguiu entender a mensagem que estava recebendo. Tudo isso está baseado em um fator: a comunicação.

A comunicação é importante desde os tempos antigos. Antes da escrita, da fala, das palavras e frases, havia os gestos, os códigos, os desenhos, ilustrações entre outros símbolos que comunicavam e ainda comunicam as intenções do ser humano. Isso se faz importante porque, ao valorizar o “antes”, podemos entender o “depois”. Se comunicar é uma necessidade do ser humano, e as artes de modo geral captaram essa necessidade e importância, então é muito necessário valorizar o ato comunicativo e a linguagem utilizada nesse meio. Podemos citar alguns exemplos do cotidiano os gestos, os sons, os grupos fechados, os diversos setores sociais, a dança, os quadrinhos, as séries, novelas, o cinema e tantas outras expressões artísticas que possam existir.

Na presente dissertação, iremos tratar sobre vários aspectos, incluindo cinema, cultura, amor e religião. Nesse sentido, necessário se faz destacar a comunicação que esses campos realizam e como se dá a recepção do ser humano em cada uma delas.

No cinema, podemos refletir sobre a intenção dos roteiristas, dos diretores e qual é a base que eles utilizam para colocar as informações nas cenas de um filme. Por trás das imagens, efeitos especiais e dos diálogos, existe um elenco, um roteiro (alguns filmes também são baseados em livros), enfim, há uma pré-comunicação que sustenta o ato comunicativo final que é disponível aos consumidores.

A linguagem do amor está muito presente nas formas de comunicação. Isso porque percebemos que isso alcança as pessoas de forma profunda, trabalhando suas emoções, alegrias, tristezas, indignações, e de forma expressiva como o choro diante de cenas e diálogos românticos, por exemplo. Há uma arte tão presente e bem elaborada que envolve os espectadores de tal forma que parece que estes também fazem parte do enredo.

Na religião, a comunicação também é essencial. Imagens, igrejas, cores, objetos, a fé, entre outros elementos, tudo está comunicando e gerando impacto na vida das pessoas. Por exemplo, a arte de pregar ou de elaborar sermões chamada Homilética. O professor e mestre Paulo Dias Nogueira, também teólogo e pastor evangélico, explica que a Homilética é a disciplina desta arte. Nos estudos dessa matéria, Nogueira ensina que as partes do sermão são: Título, Texto (leitura), Exórdio, Explicação, Proposição, Argumentação e Conclusão (NOGUEIRA, online, 2024)³. Assim, percebemos que há uma sequência padrão que comunica a mensagem que está sendo pregada. Outro exemplo pode ser as imagens de santos e pessoas honrosas em algumas igrejas, imagens estas que são bem elaboradas, feitas muitas vezes para lugares e momentos específicos. Podemos observar os tetos de algumas catedrais, bem como seus vitrais das janelas – muitas dessas artes foram feitas há muito tempo, com recursos e tempo de épocas atrás. Além destas, as imagens esculpidas que são fixadas nas igrejas, os colares com o símbolo da cruz, entre outros; A arte musical também é algo muito presente nas religiões. Os instrumentos, as vozes, os ambientes em que as canções são tocadas e cantadas, a inspiração por trás das músicas, são comunicações que além de expressarem a fé de grupos religiosos, também ensinam teologias e práticas religiosas.

Os exemplos acima expostos são apenas algumas formas de como entendemos as artes e como elas comunicam suas intenções. Com isso, vão sendo criadas culturas populares, ou seja, algo que vai gerando raízes e a sensação de pertencimento. Nesse sentido, percebemos que o entendimento das mais diversas artes depende muito também de onde estamos e o que pretendemos com essas expressões artísticas. O fato é que para uns, isso pode não ser relevante ou que não deve ser tão considerado assim. Contudo, para outros, não apenas devem ser considerados, mas fazem parte da essência do indivíduo, ou seja, para alguns, viver está intimamente relacionado com praticar e crer nas expressões de arte, sejam elas religiosas, pessoais, de determinados grupos ou filosofias de vida.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C32hKGkr6H1/?igsh=NGM0cHRreWR6ODB3> – Acesso em 28 fev. 2024

O tema desta dissertação aborda linguagens religiosas do Cristianismo no filme *O caçador e a rainha do gelo* (filme de 2016). Vale ressaltar que estamos trabalhando um filme não religioso (ou pelo menos esta é a proposta inicial desta produção cinematográfica). Algumas perguntas que nos dão impulso à pesquisa é: existem linguagens religiosas em artes não religiosas? É possível extrair elementos da religião ou que se familiarizam com ela? Essas linguagens que comunicam religião influenciam a vida do ser humano? É possível perceber linguagens do Cristianismo em filmes de proposta não religiosa?

Vivemos em um mundo de comunicações, sendo elas das mais variadas possíveis. A questão é descobrir a intencionalidade da produção artística, isso porque o desejo, a vontade, a intenção por trás da produção indicam elementos como: o público-alvo, a relação com a época atual, o motivo da escolha de atores e atrizes e se são de renome ou não, a condição financeira para o trabalho, entre outros. A necessidade do momento, do lugar e do público-alvo podem ser algumas pistas que permeiam a base fundamental de algumas produções artísticas.

Discorrendo sobre intencionalidade, é interessante perceber que escritores/as de livros e roteiristas de filmes possuem alvos e objetivos em suas produções. Nesse sentido, existem grupos que irão ser alcançados diretamente por essas produções, e assim atrair outros a lerem o livro ou assistirem o filme. Por outro lado, a intenção de quem produz arte pode ser “frustrada”, que são, por exemplo, os casos de obras que não renderem bilheteria e terminaram com prejuízos pela não venda de livros ou ingressos. Trazendo uma outra perspectiva, pessoas ou grupos podem se apropriar desses materiais e interpretá-los de forma livre e independente, o que se denomina estética da recepção.

Bruno Brizotto explica que:

Ao entrar em contato com a Estética da recepção, corrente da teoria da literatura surgida na Alemanha na década de 1960, bem como com seus fundamentos filosóficos, a saber, a fenomenologia e a hermenêutica, uma questão surgiu: como Hans Robert Jauss (1921-1997) cotejou os estudos fenomenológicos e hermenêuticos com os da teoria e da história da literatura? Para que possamos encontrar possíveis respostas, é necessário examinar essa corrente da teoria da literatura, bem como suas relações com a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e alguns conceitos de seu mestre, Martin Heidegger (1889-1976). A Estética da recepção entrou para o rol das correntes que integram a teoria da literatura a partir da conferência proferida por Jauss na Universidade de Constança, em 13 de abril de 1967. [...] (BRIZOTTO, 2013, p. 105-106).⁴

Brizotto nos ajuda a compreender como um texto ou uma arte é recebida pelos leitores e consumidores em geral. Acaso a obra perde seu valor quando interpretada de forma livre? Há

⁴ Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/718/pdf_347 - Acesso em 27 set. 2024.

necessidade de limites para a análise desses materiais e conteúdos? Podemos refletir a partir de que há uma intenção por parte de quem elabora e há também expectativas a serem alcançadas diante disso. Entretanto, o controle e as formas de análise não estão presas ao autor, ou seja, não são em si propriedades exclusivas. É importante mencionar as bases das leituras comuns, como por exemplo as citações, o contexto, a proposta e assim por diante. O que queremos dizer é que as normas precisam ser respeitadas na Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), por exemplo, mas a interpretação não possui barreiras para alcançar todas as pessoas de todas as idades. Nesse sentido, as interpretações diversas de obras literárias ou produções fílmicas pode variar bastante de acordo com a cultura, costumes, leis e de acordo com a religião. A estética da recepção também nos esclarece quão multidisciplinar é ler um texto e assistir a um filme.

1.3 ALGUNS ESTUDOS E OLHARES SOBRE O CINEMA

Entre tantas opções de artes, desejamos destacar a arte cinematográfica, principal objeto de estudo da presente dissertação. Para isso, iremos a seguir apresentar um pouco sobre o autor Hugo Munsterberg, bem como algumas de suas características de estudos e conceitos desenvolvidos relacionados ao cinema.

Hugo Munsterberg nasceu em 1863 na Alemanha. Entre muitos estudos, segundo Ambrosio, Azzolino, Real e o Instituto Superior de Ciências Aplicadas-ISCA (2010), Munsterberg desenvolveu a teoria de Phi e contribuiu muito para a evolução do cinema. Segundo Harnik, essa teoria foi construída com base nos estudos de Wertheimer.

Max Wertheimer foi um dos principais representantes da Gestalt e definiu o Fenômeno Phi em 1912 que, junto da Teoria da Persistência da Visão, daria forma à Teoria do Cinema de Hugo Münsterberg. A persistência da visão, ou persistência retiniana, nos diz que uma imagem dura um certo tempo em nossa retina, uma fração de segundo, e que, se dispormos imagens estáticas em uma sequência, teremos a sensação de movimento. (HARNIK, online, 2016).⁵

A teoria de Phi de Munsterberg, construída com o auxílio dos estudos de Wertheimer, é uma teoria da persistência da retina,

[...] que defende que o olho humano possui um “defeito” que têm os olhos de reter durante algum tempo a imagem que é neles projetada. Este fenômeno constitui um obstáculo à formação das imagens animadas, pois tende a superpô-las na retina, misturando as entre si. O que salvou o cinema foi a existência de um espaço negro entre um fotograma e outro, que atenuava a imagem persistente na retina, criando assim a sensação de movimento. (AMBROSIO, AZZOLINO, REAL, ISCA, 2010, p.7).

⁵ HARNIK, Online, 2016. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/fenomeno-phi-e-a-percepcao-de-movimento> - Acesso em: 04 jan. 2023.

A afirmação acima se faz importante visto que tudo o que assistimos (conteúdos de imagens) passam pelos nossos olhos que captam esses conteúdos e assim nosso cérebro identifica as informações que estão chegando ao corpo. Interessante mencionar que o espaço relatado acima é o que proporciona movimento às imagens, e tais movimentos são fundamentais para a dinâmica de quem está assistindo.

Percebemos que o mundo do cinema é muito apreciado. Mesmo com o avanço das plataformas digitais como Netflix, Amazon Prime, Globoplay, Disney Plus entre outras, o cinema continua tendo força e arrecadando valores de bilheteria. Não podemos negar que as plataformas digitais encontraram espaço na vida humana, inclusive durante a pandemia de Covid-19, em que as pessoas ficaram mais em casa devido ao afastamento social diante da contaminação do coronavírus. Hoje em dia muitas pessoas trabalham e estudam em casa, o que também faz com que haja mais compras online e espectadores à distância, seja pela facilidade, comodidade, condição financeira ou por outros motivos.

Weitheimer e Munsterberg contribuíram muito para o avanço do cinema, e hoje podemos desfrutar de suas pesquisas. Os mesmos autores que afirmam que a teoria de Phi pertence a Munsterberg assinalam que os irmãos Lumière são os pioneiros do cinema em 1895. No entanto, não há um pensamento uniforme quanto a este surgimento, isto porque alguns estudiosos colocam o período paleolítico como sua origem, momento em que teriam ocorrido os primeiros passos deste fenômeno.

Mara Regina de Oliveira, professora da área de Direito da PUC, explica que Hugo Munsterberg fez uma distinção entre emoções primárias e emoções secundárias relacionadas ao cinema. Ela diz que:

Em primeiro lugar, teríamos as emoções primárias que os personagens comunicam de dentro do filme, provocando simpatia pelo sofrimento, compartilhando as alegrias pelo amor realizado. A percepção visual das várias manifestações dessas emoções se funde em nossa mente com a consciência da emoção manifestada. É como se estivéssemos vendo e observando, diretamente, a própria emoção. Reagimos, organicamente, de forma adequada, o horror nos dá arrepios, a felicidade nos acalma. Há uma experiência viva do reflexo emocional dentro da nossa mente. Nos filmes melodramáticos, este tipo de emoção está muito presente. Mas, haveria, por assim dizer, um segundo tipo de emoção secundária em que a plateia reage às cenas do filme do ponto de vista da sua vida afetiva independente, onde pode haver, portanto, uma indignação moral e não uma identificação emotiva com o personagem. (OLIVEIRA, 2017).⁶

⁶ Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/89/edicao-1/direito-e-cinema> - Acesso em 31 out. 2022.

A citação da autora nos traz informações importantes sobre o pensamento e os estudos de Munsterberg. O autor denomina de “emoções primárias” aquelas que realmente são as primeiras que sentimos. Sofremos com o sofrimento das personagens, damos risadas com os risos delas, amamos demonstrações de amor e afeto e rejeitamos, odiamos e repudiamos ações horrorosas, nojentas e maléficas. Trata-se de uma realidade: nos identificamos com aquilo que gostamos e não queremos nem comentar sobre aquilo que nos causa medo, insegurança e ódio.

Essas causas e consequências podem ser percebidas em muitos filmes e séries atuais, como por exemplo as narrativas dos heróis e heroínas. Muitos deles e delas estão cada vez mais humanos, ou seja, estão mais próximos do que somos do que antes. Pessoas comuns, com empregos comuns, que frequentam escolas e universidades de cidades e regiões conhecidas convivem com poderes mágicos, vilões de outro mundo, portais que levam a outros universos e ameaças globais. Tudo ao mesmo tempo, tudo convivendo de forma admirada e extraordinária. Heróis que estudam e que precisam lutar com vilões perigosos; heróis que têm relacionamentos familiares, amorosos, amigos e amigas que cresceram com eles e elas e que fazem parte de suas vidas.

Talvez esse seja a grande descoberta do cinema, dos filmes e das séries: tornar a vida cotidiana cada vez mais próxima da vida do herói, tanto que, se um grande nome das telas sofre um dano ou acaba morrendo, todo o mundo sofre junto, “morre” junto. Parece que se tudo termina na ficção, a realidade perde o sentido também porque aquela personagem é ou era tão importante que a sua lesão ou falta não pode ser aceita no mundo real. Todos já estão tão acostumados com a sua “presença” que a sua ausência gera medo, insegurança, terror e outros sentimentos que não nos agradam. Munsterberg encontrou muito valor nas emoções primárias, pois elas têm grande impacto em tudo que fazemos, pensamos e falamos.

Além da primeira fase, o autor também denominou de “emoções secundárias” aquelas que geram indignação moral. Aqui podemos perceber a importância daquilo que vai além do individual, passando a gerar consequências no âmbito coletivo. As emoções nem sempre são positivas, podendo ser também negativas, como vimos anteriormente em alguns exemplos do que elas podem causar nas pessoas. Nesse sentido, uma indignação moral seria um sentimento negativo sobre algo que causa repulsa e ódio, por exemplo. Isso porque algumas frases, cenas, contextos e imagens provocam em nós sentimentos desagradáveis, tais como conversas e cenas ofensivas, imagens de duplo sentido, contextos propositais com objetivos enganosos, entre outros. As emoções secundárias geram algo compartilhado, sentimentos que não são apenas pessoais e atingem grupos de forma geral. Como exemplo negativo, podemos citar grupos que

se fundamentam em discursos de ódio contra partidos políticos, lideranças (políticas, econômicas, jurídicas, religiosas etc.), causas diversas (ambientais, contra a pobreza) entre outras. Como exemplo positivo, destacamos as mensagens edificantes que são compartilhadas influenciando diversos grupos sociais.

1.4 PAUL TILLICH E O PENSAMENTO DA CULTURA E DA RELIGIÃO

Antes de abordarmos o pensador Paul Tillich e o seu importante pensamento sobre a cultura e a religião, necessário se faz introduzir o tema da cultura. Podemos perceber em nossa sociedade que a cultura está presente em muitos lugares e de muitas maneiras diferentes. Pensar em cultura é pensar em nossas vidas, naquilo que fazemos todos os dias e o conteúdo que consumimos, seja na televisão, no celular, no cinema, no acompanhamento das notícias e em muitos outros dispositivos e formas. Tudo isso que acabamos de exemplificar faz parte de nós, da nossa rotina e influencia praticamente tudo o que realizamos e compreendemos.

Nesse sentido, Steve Turner, jornalista, poeta e escritor, em seu livro *Engolidos pela cultura pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã*, diz que

Cultura é uma palavra do século 15 com origem no latim cultus (do verbo colere), que descrevia o labor da terra. Cultus tinha significados associados à proteção, provisão, adorno, e devoção a um deus. Mantemos alguns desses significados nas palavras cultivar, cultura (como em “cultura de bactérias”) e culto. Assim, pensava-se que a cultura tinha seu papel quando se tratava de desenvolver as pessoas. Havia a ideia de que, de alguma forma, somos como um solo resistente que precisa ser arado antes que boas sementes sejam jogadas nele. (TURNER, 2014, p. 30).

A partir da explicação de Turner, percebemos ainda mais o envolvimento da cultura no mundo, e esclarece que a ideia de uma sociedade cultural se faz presente desde o século 15, ou seja, vem muito antes da era contemporânea em que estamos. Por outro lado, hoje em dia existem mais recursos e a tecnologia avançou de forma muito ágil e moderna, e, ao mesmo tempo, voltar às origens nos faz refletir sobre o impacto que a cultura tem gerado a nível global.

Com relação ao termo “religião”, Peter Harrison da Universidade de Oxford, Harris Manchester College, ensina que

[...] alguns historiadores da religião afirmaram que a ideia moderna de “religião” surgiu apenas há 150 anos. Se “ciência” foi inventada no século XIX, pode-se dizer que “religião” foi inventada durante o curso do Iluminismo europeu, no despertar da fragmentação pós-Reforma. [...] (HARRISON, 2007, p. 11).⁷

A relação do ser humano com o sagrado ou com objetos sagrados sempre existiu. O pensamento religioso é algo que faz parte do ser humano. Muitas pessoas buscam na religião a

⁷ Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/t_harrison.htm Acesso em 18 abr. 2024.

forma de preencher um certo vazio, talvez um vazio existencial, ou ainda pela razão de estar passando momentos de dificuldade. Esta análise é uma das possíveis ao abordarmos a religião e o ser religioso, porém, outros olhares nos chamam também a atenção. Outra questão interessante é, conforme as palavras de Harrison na citação acima, a relação entre a ciência e a religião.

No contexto do Cristianismo existem muitas agências e projetos que incentivam a ação de cristãos e religiosos de um modo geral a participarem de ambientes públicos e privados, como na política, jornalismo, empresas, no Direito entre outros espaços. Um desses órgãos é a Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC2), que produz muitos materiais sobre os estudos científicos e seu impacto na religião, por exemplo. Da mesma forma, entendimentos como “razão contra a fé” e “ciência contra religião” devem ser evitados, pois criam mais obstáculos de diálogo entre as diferentes áreas. Mais adiante neste trabalho vamos abordar Paul Tillich e seu método ou princípio da correlação, o que vai nos proporcionar melhor compreensão da relação da religião com a cultura cotidiana.

José Pereira Coutinho apresenta a definição do termo religião:

[...] Etimologicamente a palavra religião deriva do latim, podendo significando religar, reler ou reeleger. Em todas está presente a ligação da humanidade com a divindade. Aparece então a primeira característica da religião: a ligação do homem com algo superior ou transcendente, o seu objeto. (COUTINHO, 2012, p. 176).⁸

A partir da explicação acima, vemos que Religião tem a ver com religar, com aproximar o ser humano com Deus. Trata-se de um termo muito amplo e que demanda esforço para se aprofundar, além do que existem muitas religiões no mundo. Nesse sentido, Tillich fala sobre a cultura e a religião, não como esferas separadas e isoladas, mas sim que uma influencia a outra, e nós colhemos os frutos dessa relação ou correlação como veremos mais à frente.

Paul Tillich foi um pensador muito importante, assim como outros intelectuais da época. Segundo Claudio de Oliveira Ribeiro, professor e doutor em Teologia, “Tillich foi um dos mais destacados teólogos do século XX e sua produção teológica e filosófica tem sido objeto de estudos de pessoas renomadas nos campos protestante e católico.” (RIBEIRO, 2003).⁹ O autor também é muito estudado na área de filosofia da religião e tem grande contribuição nos temas de religião e cultura.

Tillich foi um teólogo e filósofo nascido no século 19 e que faleceu no século 20. Seus ensinamentos e obras marcaram gerações e hoje sua vida e obra são estudadas em vários lugares

⁸ Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf> Acesso em 20 nov. 2024.

⁹ Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/index/> Acesso restrito. Acesso em 18 jan. 2023.

do Brasil e do mundo. Um dos exemplos é o grupo de pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), que estudou de forma profunda os saberes e os conteúdos tillichianos. Esses estudos incentivaram a produção de monografias, dissertações, teses e diversos trabalhos acadêmicos.

Tillich inspirou e inspira ainda hoje, e um dos temas principais que ele abordou em sua vida foi a Teologia da cultura. Para o autor, religião e cultura estão relacionados, e um campo interfere no outro. Por isso, decidimos escolher o método de correlação de Tillich para analisar o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) mais a fundo, assim esse autor oferece múltiplas opções de estudo no campo da cultura e permite a aproximação da religião com a cultura e vice-versa. Trata-se de um autor também múltiplo, que caminha por vários temas em suas obras e pensamento.

Nesse sentido, Tillich possui uma obra denominada *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX* que reúne temas como a tradição cristã clássica, ortodoxia, pietismo, racionalismo, iluminismo entre outros. Nessa obra, discorrendo sobre George W. F. Hegel, explica a relação entre religião e cultura. Para isso, traz reflexões de Hegel sobre a natureza e a essência humana e de Deus, incluindo o tema da arte.

[...] Hegel coloca a arte antes da religião, e a religião além dela, como a substância. Na sua filosofia da religião, [...] encontramos uma das grandes avaliações da religião. A religião era a substância e o centro da vida, que tudo sacraliza e a tudo dá profundidade e sublimidade. (TILLICH, 1986, p. 130).

Após as ideias de Hegel, Tillich completa seu raciocínio afirmando que a religião se preocupa com as imagens e a filosofia se preocupa em conceituar essas imagens e símbolos religiosos. (TILLICH, 1986, p. 131). Assim, percebemos que filosofia e religião estão relacionadas, pensamento que nos ajuda a entender a relação entre religião e cultura. Importante enfatizar que no trecho da mesma obra, Tillich aborda mais o pensamento de outros estudiosos como o foi no caso de Hegel. No entanto, tal reflexão nos mostra que cultura e religião são campos um pouco mais complexos do que imaginamos, o que se torna importante recorrer a outros nomes do saber. Portanto, concluímos aqui, nesta parte, que Hegel entende a religião como substância, como algo principal e que influencia todas as coisas. A cultura e a arte estão incluídas na sociedade, e dessa forma não são separadas da religião, e de igual modo mantém contato também com a filosofia. Percebemos um entroncamento da religião, da cultura e da filosofia, o que proporciona a abertura de pesquisas que venham a unir tais áreas.

Passamos a discorrer mais sobre a obra *Teologia da Cultura* de Tillich, texto que nos auxilia na compreensão de seu pensamento e de suas bases para relacionar Teologia e cultura.

Paul Tillich, em seu livro *Teologia da Cultura*, afirma que

A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião. Em resumo: religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. (TILLICH, 2009, p. 83 apud. ADAM, 2012, p. 555).¹⁰

Segundo Glauber Souza Araújo, em seu artigo que escreveu sobre a obra de Paul Tillich *Teologia da Cultura*, “Tillich mostra a correlação entre a preocupação pelo supremo e as diferentes facetas da cultura.” (ARAÚJO, 2010, p.186). Nesse sentido, Elton Vinicius Sadao Tada, falando sobre o livro *Teologia da Cultura*, explica que

A clássica afirmação de que “a religião é a substância da cultura e a cultura a forma da religião” é apresentada na obra em análise. O que isso significa no contexto do pensamento Tillichiano? Sem dúvidas, essa é uma afirmação muito mais complexa do que aparenta ser. Mas, o que pode ser aqui traduzido é que, em toda a forma de cultura na sociedade – nas artes, na política, na educação, na ética, na ciência, entre outros – existe uma substância que possibilita a significação de tal âmbito da cultura para a existência humana. Reciprocamente, a religião é mostrada formalmente na sociedade e dada à existência humana a partir dos elementos culturais. (TADA, 2009, p. 156).

Araújo e Tada nos auxiliam a compreender o pensamento e a obra de Tillich. Isso porque, primeiramente, podemos afirmar que a cultura e a religião estão relacionadas, assim, separá-las se torna algo complicado já que ambas caminham juntas. Dessa forma, a cultura se faz com a religião e a cultura dá forma a ela. A religião sendo substância se torna algo intrínseco, algo que faz parte da cultura e que exerce influência sobre ela.

Na obra *Teologia Sistemática*, Tillich apresenta alguns elementos importantes para o nosso diálogo. Há um conceito em seu entendimento chamado de Comunidade Espiritual, o qual explica que é

“[...] aquele elemento no conceito de igreja, que é chamado de “Corpo de Cristo” pelo Novo Testamento e a “igreja invisível ou Espiritual”, pela Reforma. [...] a Comunidade Espiritual não é um grupo existindo ao lado de outros grupos, mas sim o poder, e a estrutura inerentes e efetivos nesses grupos, isto é, nas comunidades religiosas. [...]” (TILLICH, 1987, p. 509).

Trouxemos aqui o conceito de Comunidade Espiritual do autor porque é um ponto importante na compreensão de onde a religião e a cultura são encontradas e praticadas. Dessa forma, Comunidade Espiritual para o autor é o poder e a estrutura dos grupos das comunidades religiosas. Isso nos ajuda na compreensão de que não se trata do prédio físico, das edificações e templos religiosos, mas, sim, de algo que não pode ser visto, tocado, porém ao mesmo tempo é real e influente. Trata-se de um elemento presente nas igrejas, nas comunidades religiosas. Nesse sentido, Tillich esclarece essa interação na sociedade da seguinte forma:

¹⁰ Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4397701> – Acesso em 04 abr. 2024

“[...] Assim, a relação essencial entre religião e cultura – que diz que “a cultura é a forma da religião é a substância da cultura” – se realiza na Comunidade Espiritual. Contudo, embora sem-ambiguidade, não está privada de sua dinâmica e de suas tensões, portanto, à semelhança das outras características da Comunidade Espiritual, é fragmentária e antecipatória. [...]” (TILLICH, 1987, p. 505).

Percebemos assim que os termos cultura e religião são complexos e que não se resolvem apenas com definições. Trata-se de elementos abrangentes e dinâmicos, que se encontram no que o autor denomina de Comunidade Espiritual. Mais do que os ambientes das igrejas ou religiosos em um modo geral, somos chamados a observar tudo o que envolve a relação entre cultura e religião. Nesse sentido, quando estamos tratando da Comunidade Espiritual, estamos observando uma realidade de poder e estrutura que se relacionam com a religião e com a cultura. Assim, são também (e não apenas) em contextos religiosos que a cultura é percebida, contudo isto não se define em um padrão. Isso porque, conforme ensina o autor, ambientes dinâmicos e tensos podem existir os quais como seres humanos estamos sujeitos a passar. Cabe aos indivíduos e grupos reconhecerem tais fragmentos e elementos que podem surgir antes de estabelecermos pré-conceitos que podem levar a interpretações equivocadas.

Observando o conceito de Tillich, há, portanto, uma divisão didática e prática entre comunidade religiosa e Comunidade Espiritual. Enquanto esta é algo não físico, porém sentido e real, àquela é então são as pessoas que se reúnem em um determinado espaço. Nessa linha de pensamento, percebemos que tal complexidade não se resume a ritos religiosos ou ambientes considerados sagrados.

Tillich traz também na mesma obra que o elemento da moralidade é muito importante e faz parte da equação cultura e religião:

[...] A unidade de religião com cultura e moralidade implica na unidade entre cultura e moralidade. [...] Contudo, essa unidade, embora sem ambiguidade, é fragmentária e antecipatória, devido à finitude dos indivíduos e grupos que são seus agentes morais. Toda decisão moral imposta pelo Espírito exclui outras decisões possíveis. Isso não significa que a ação do amor seja ambígua, mas que cada ato de amor é fragmentário, capaz apenas de antecipar uma plenitude última, isto é, oni-abrangente. Contudo, essa unidade de moralidade e cultura é o critério da situação moral-cultural em todos os grupos religiosos e seculares. É, ao mesmo tempo, o poder Espiritual oculto dentro deles que busca solucionar as ambiguidades que derivam da separação existencial entre moralidade e cultura. (TILLICH, 1987, p. 507).

Interessante perceber que Tillich aplica um conceito que acaba por generalizar grupos religiosos e seculares, afirmando que a unidade de moralidade e cultura se torna o critério de uma situação moral-cultural nesses grupos. Nos parece também que o conceito de Comunidade Espiritual continua permanecendo em meio a esses conceitos, já que o autor menciona o poder Espiritual oculto que vive dentro dos grupos religiosos e seculares, ou seja, seja em um contexto

propriamente religioso ou não esse poder Espiritual permanece. Nesse sentido, o poder Espiritual se faz presente para além do ambiente religioso, alcançando todos os níveis da moralidade e da cultura, influenciando a sociedade de modo geral.

1.5 O MÉTODO DE CORRELAÇÃO DE PAUL TILlich

Em Tillich, há o estudo do chamado método de correlação, onde é possível justamente estabelecer a relação entre cultura e religião. Nesses campos, existem muitas possibilidades, sempre com diálogo e pontos de contato entre uma área e a outra. Por exemplo, podemos citar a relação entre o sagrado e o profano ou entre o mundo da cultura e mundo da religião. Quando observamos a cultura, vemos elementos e questões da religião. Quando observamos a religião, vemos que existem elementos e questões da cultura.

Cultura e religião estão interligadas, como se uma espelhasse a outra. Dessa forma, fica mais difícil estabelecer uma separação entre ambas. Importante mencionar que cada área é distinta e possui suas características, no entanto, não podemos ignorar o impacto que uma causa na outra.

Battista Mondin, que foi sacerdote xaveriano, Doutor em Filosofia e Religião junto à Universidade Harvard e professor de filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma, explica que o princípio de correlação é a base principal de todo pensamento tillichiano. Segundo ele, este princípio “[...] afirma a necessidade de pensar qualquer realidade juntamente com outra realidade, na medida em que elas se encontram em relação de dependência recíproca. [...]” (MONDIN, 2003, p. 97). Dessa forma, percebemos que se trata de um conceito muito amplo, possibilitando qualquer realidade a ser analisada por esse princípio. Há que se destacar aqui também não apenas o encontro de duas realidades, mas a relação de dependência que existe entre elas. Nós seres humanos muitas vezes desejamos individualizar as áreas do conhecimento, o que, por um lado se torna compreensível já que não se pode simplesmente unir duas áreas do saber sem nenhum nexos, motivo ou intenção. Por outro lado, a individualização pode acarretar isolamento e a construção de barreiras, sendo que a proposta de Tillich é a de construir pontes e não obstáculos. Essa dependência mostrada por Mondin também possui outro aspecto: a reciprocidade. Se é recíproco, precisa ser algo de ambas as partes, de ambas as áreas. Nesse sentido, a reciprocidade é condição *sine qua non*¹¹ para a existência da correlação.

¹¹ Segundo o site Dicionário Online de Português, “sine qua non” significa “Extremamente importante, essencial; que não se pode nem se consegue dispensar; indispensável: [...] “Algo indispensável ou essencial para que outra

Mondin esclarece que esse princípio não tem origem em Paul Tillich, mas sim já existia em Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino. Na atualidade, Mondin percebe que existem tanto protestantes quanto católicos seguindo esse princípio. Este autor explica que a correlação possui cinco partes, quais sejam: “[...] razão-Revelação, ser-Deus, vida-Espírito, homem-Cristo, história-Reino de Deus. [...]” (MONDIN, 2003, p. 98). Essas partes fazem parte do que o autor chama de “[...] ramificações fundamentais da correlação vertical [...]” (MONDIN, 2003, p. 98), ou seja, a relação do ser humano com Deus e de Deus com o ser humano.

Segundo aponta Mondin, veremos a seguir um pouco sobre essas formas de correlação.

1) A correlação epistemológica: Segundo Edson Pereira Silva e Fernanda Gonçalves Arcanjo, “O termo “epistemologia” (do grego: episteme - conhecimento - e logos - estudo) é reconhecido por apresentar utilização diversificada. [...]” (ARCANJO; SILVA, 2021, p.149). Assim, quando falamos de algo epistemológico estamos tratando do conhecimento e dos estudos que são realizados a partir deste conceito. Mondin ensina que “A correlação epistemológica é estudada em três momentos: primeiro como relação entre razão e Revelação, depois como relação entre razão e fé e, por fim, como relação entre filosofia e teologia.” (MONDIN, 2003, p. 98). Para Tillich a razão é uma força presente na realidade, assim percebemos que é algo que faz parte do ser humano e dos acontecimentos em geral. A razão objetiva seria a força das coisas ou da realidade. A razão subjetiva é a do ser humano, é a sua estrutura presente na mente, uma racionalidade mental. Para trazer uma solução a essa razão e à dúvida humana, a “[...] Deus vem ao encontro do homem com a luz da Revelação. [...]” (MONDIN, 2003, p.99).

Mondin mostra que no pensamento tillichiano a fé é dom de Deus e faz parte do ser humano. Assim percebemos a correlação entre a fé a vida humana, ou seja, cada indivíduo é parte da fé e exerce sua prática no mundo, não sendo Deus exclusivo agente neste mundo. (MONDIN, 2003, p. 100).

Com relação à filosofia, o autor mencionado diz: “Os problemas supremos que atormentam os filósofos [...] são três: o ser, a existência e a história. [...] na teologia de Paul Tillich esses problemas encontram as seguintes respostas: Deus como Fundamento do ser, Cristo como Novo Ser, a Igreja como Reino de Deus.” (MONDIN, 2003, p. 102). A teologia faz parte desse pensamento, já que possui revelação e reflexão.

2) A Correlação Ser-Deus: Tillich faz uma análise ampla sobre o conceito de ser, demonstrando que “[...] ninguém pode subtrair-se à instância ontológica. [...]” (MONDIN, 2003, p. 103). Segundo o dicionário Michaelis, no campo da filosofia, o termo ontologia é

Teoria ou ramo da filosofia cujo objeto é o estudo dos seres em geral, o estudo das propriedades mais gerais e comum a todos os seres; metafísica ontológica. [...] Estudo ou conhecimento dos seres e dos objetos enquanto eles mesmos, em oposição ao estudo de suas aparências e atributos. (Ontologia, 2024, Online).¹²

Com base no conceito de Tillich e do dicionário acima, percebemos que se algo é ontológico significa que tem relação com o ser, o profundo. Trata-se de um ser dialético, com movimento (conceito mais filosófico). Na teologia, “[...] Deus é o fundamento do ser, o qual é por ele criado e observado.” (MONDIN, 2003, p. 103). Tillich entende que Deus e o ser estão ligados, não são coisas separadas. No entanto não podemos confundir com a essência de Deus, onde este não é todas as coisas, mas sim está em todas as coisas. Daí Mondin afirmar que não se trata de identidade e sim de correlação. Por fim, o pensamento tillichiano valoriza e estuda a correlação e não a analogia.

3) A Correlação Homem-Cristo: Por meio dessa abordagem, Mondin aponta que para Tillich os seres humanos receberam através de Jesus Cristo uma nova criação, uma nova chance, um novo começo desde o chamado pecado original (a queda do ser humano para o pecado) conforme o relato bíblico. Trata-se de um fundamento cristológico do Cristianismo, ou seja, Cristo é a referência do Deus que se fez humano e do que Ele realizou. Mais do que dizer quem Jesus é e qual seja a sua essência, somos chamados a reconhecer o Cristo como Novo Ser. É interessante o pensamento tillichiano já que possui suas bases na revelação da Bíblia e na pessoa de Jesus. A correlação Homem-Cristo, então seria uma alusão à queda de Gênesis onde os seres humanos Adão e Eva comem do fruto proibido e estabelecem a separação do homem com Deus. Porém, em Cristo, esse distanciamento é aproximado, dando uma nova oportunidade para o novo. A correlação Homem-Cristo revela uma mensagem de esperança e de compreensão da humanidade por parte de Cristo. Isso porque Jesus vindo em figura humana sofrendo em nosso lugar. “Segundo Tillich, Jesus é aquele homem em que as forças desagregadoras da existência, a soberba, a angústia, a libido e o desespero, foram vencidas. [...]” (MONDIN, 2003, p. 105).

4) A Correlação História-Reino de Deus: Tillich possui uma forma própria de denominação de conceitos. Para ele, devemos chamar de Comunidade Espiritual o lugar onde se concretiza o Reino de Deus. Aqui ele não fala da Igreja, pois esta está em “[...] uma realidade

¹² Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ontologia/>> - Acesso em 17 abr. 2024

sociológica e, portanto, está sujeita a todas as leis que determinam a vida dos grupos sociais, com as suas ambiguidades [...]” (MONDIN, 2003, p. 106). Trata-se de um conceito muito mais abrangente que a Igreja. Mais do que uma instituição, um lugar físico, um ambiente ou um momento, é ter a certeza de uma realidade totalmente nova. Nesse sentido, a História não fica de fora dessa análise, já que acontecimentos históricos e espirituais (do Reino de Deus) estão correlacionados. Mondin ainda chega a afirmar que “A história só adquiriu um vulto e um significado através da Revelação, através do símbolo do Reino de Deus. [...]” (MONDIN, 2003, p. 106).

Portanto, o método de correlação de Paul Tillich é muito importante para entendermos seu pensamento e sua teologia. Informamos que existem outros métodos e outros pensamentos de autores e autoras que discordam de Tillich, e isso nos ajuda a compreender quão vasto é o estudo seja ele teológico, filosófico, sociológico ou outro. A correlação traz para nós indivíduos uma possibilidade de aprofundamento no assunto e a oportunidade de conhecer, aplicar e valorizar esse pensador.

1.6 PAUL TILlich E O TEMA DO AMOR

É interessante perceber como muitos assuntos se interligam e criam conexões que contribuem para o reforço e desenvolvimento das áreas do saber. Estudando mais a fundo o pensamento de Tillich e o filme *O caçador e a rainha do gelo (2016)*, compreendemos que ambos estão conectados também pelo tema do amor. A base fílmica é o amor entre um homem e uma mulher, que lutam até o fim para manter esse vínculo. Segundo André Yuri Gomes Abijaudi, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Tillich desenvolve um estudo sobre o amor em seus vários significados, tendo como fundamento alguns termos da língua grega: eros, ágape, philia e libido. No entanto, o autor traz a proposta de unir esses “amores” em um único amor, claro, não desmerecendo as particularidades e os significados de cada um, mas sim gerando uma reunião em torno de um mesmo princípio e fundamento. Por isso, Abijaudi destaca a relação entre amor e ontologia em Tillich, pois seu trabalho apresenta a ontologia como o ser ou o estudo do ser. Nesse sentido, percebemos que estamos tratando a essência do ser humano, ou parte daquilo que o constitui que é o amor. Observando Abijaudi e os ensinamentos de Tillich, vemos que é muito difícil dissociar eros de ágape, por exemplo, assim como as outras faces do amor. Portanto, entende-se que o amor é algo complexo, reunido, interligado, sendo uma fonte em que jorra conceitos e reflexões de natureza do ser, de natureza ontológica. Não conseguimos compreender o amor de

modo superficial, pelo contrário, necessário se faz mergulhar neste tema considerando o mais profundo dos indivíduos, seu ser interior. (ABIJAUDI, 2018).

Indo mais afundo, encontramos a relação entre o pensamento de Tillich sobre o amor e a religião. Para ele, o amor de Deus – ágape – é um amor transcendente. Esse amor não é independente, ou seja, não subsiste sozinho, isso porque necessita das outras qualidades do amor – termo aplicado por Tillich. Nesse sentido, este autor ensina que não devemos dividir o amor em tipos, já que todos estão interligados. Assim, quando determinamos que o amor ágape é diferente do eros, por exemplo, não estamos diante de uma afirmação precisa e justa. Isso nos leva a pensar que nossa vida é dinâmica e não estática. Vivemos em um mundo de mudanças e de vivências que possuem aspectos de fontes diferentes. (TILLICH, 2014, apud. ABIJAUDI, 2018). Por exemplo, hoje existem os diálogos inter-fé, ou inter-religioso. Trata-se de estudos que visam mostrar o impacto das religiões e espiritualidades diversas presentes na sociedade e que influenciam as pessoas todos os dias, muitas vezes com elementos de crenças diferentes que se misturam nas expressões e práticas da fé. Portanto, o tema do amor em Tillich não pode ser abordado isoladamente ou apenas em fragmentos individuais que não se encontram.

Entre as qualidades do amor, vamos refletir um pouco sobre o eros. No mundo de hoje quando pensamos em eros, quase que automaticamente aspectos sexuais surgem em nossa mente. No entanto, Tillich traz outras propostas para essa interpretação:

Por isso, Tillich considera que reduzir eros ao simples caráter sexual é esvaziar todo o poder de sentido desta qualidade do amor. Eros é, para Tillich, a força motora de todas as esferas da vida e da cultura e está presente na moral, na estética, na religião e na literatura. O poder ontológico de qualquer qualidade do amor é caracterizado pelo eros porque ele é a força-motora que visa a reunião dos separados. Mas eros não é uma força irracional, mas sim o poder que conduz à autotranscendência em todos os seus aspectos, faces e possibilidades. (ABIJAUDI, 2018, p. 108).

Conforme a citação acima, percebemos que o eros faz parte da essência do ser humano, é essa força que influencia todo o nosso ser, tudo o que faz parte de nós. Destacamos que Abijaudi ensina sobre o significado do eros, qual seja, busca a reunião dos separados. A partir dessa informação, poderíamos desenvolver muitas ramificações. Por exemplo, tudo o que estiver separado pode ser reunido com o poder do eros. Todas as formas de separação têm a solução do amor. Como afirmou esse autor, a religião não está excluída deste grupo.

A Bíblia como texto literário traz afirmações de que Deus é amor, como por exemplo no registro de 1 João 4.8,16¹³. No texto de 1 João 4.8, temos que o termo *amor* é traduzido como amor ágape, “[...] de agapao; amor, ou seja, afeto ou benevolência; especialmente uma

¹³ Bíblia de Jerusalém, 1973.

feita de amor.”¹⁴. Em 1 João 4.18, temos o mesmo significado com uma pequena diferença na escrita da palavra *ágape*.¹⁵ Se *eros* é a força motora da vida, e *ágape* é a essência de Deus, e ambas as qualidades não podem ser vistas dissociadas totalmente, podemos chegar ao entendimento de que a transcendência é um fato para o Cristianismo. Percebemos que o ser humano não possui algo somente seu, individual e exclusivo. Deus, na visão bíblica, participa da vida humana de forma essencial. Um exemplo que podemos lembrar é o nascimento de Jesus Cristo, considerado pelo Cristianismo como a festa do Natal, onde Jesus também recebe o nome de Emanuel que significa “Deus está conosco” conforme o relato do Evangelho de Mateus 1.23 (BÍBLIA de Jerusalém, 1973, p.1284). Nos estudos de Abijaudi, ele reafirma este tema da seguinte forma trazendo também as outras qualidades do amor e seus significados:

O Novo Testamento, por exemplo, usa o termo *ágape* para falar da qualidade do amor divino. No evangelho de João, *ágape* identifica-se com Deus que sempre amou primeiro. Por isso *ágape* caracteriza o amor gratuito, espontâneo, condescendente e gratificante de Deus pela humanidade. Mas, *ágape* também qualifica o amor do ser humano pelo ser humano e também o amor cristão para com o próximo. Para esclarecer, Tillich define que o amor como *libido* é o movimento do que está em necessidade em direção àquilo que satisfaz sua necessidade. O amor como *philia* é o movimento do igual em direção à união com o igual. O amor como *eros* é o movimento daquele que é inferior em poder e sentido para aquele que é superior (TILLICH, 2014, p. 284 apud. ABIJAUDI, 2018, p. 109).

Abijaudi faz uma relação interessante entre as qualidades do amor à luz do pensamento tillichiano. A partir da citação acima, entendemos que o amor é algo amplo e com qualidades que se expressam a partir da mesma fonte. Como o amor cristão remete ao amor de Deus para o Cristianismo, concluímos que esse amor proporciona acesso a todas as pessoas, já que todos os seres humanos possuem a mesma essência do amor. Através das qualidades do amor, pontes são construídas para o avanço do estudo e da compreensão deste tema, seja na Bíblia, no pensamento de Tillich ou na individualidade de cada ser humano. Isso nos auxilia a ampliar nossos horizontes do saber ontológico, do ser, buscando as profundidades que possam existir por meio do amor que é divino, mas também humano.

Um dos focos da abordagem fílmica será é o tema do amor, tema este que Tillich também desenvolveu estudos. Quando nos deparamos com a palavra “amor”, podemos levantar algumas questões: qual a definição de amor? Qual é o contexto em que essa palavra está sendo usada? Quem está falando sobre amor e em qual sentido? Essas e outras questões podem também fazer parte de quem discursa e de quem ouve, trazendo clareza sobre o tema abordado.

¹⁴ Disponível em: <https://biblehub.com/1_john/4-8.htm> - Acesso em 09 abr. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://biblehub.com/1_john/4-16.htm> - Acesso em 09 abr. 2024.

No caso do filme em estudo, a temática do amor está muito presente, e Tillich trabalha esse tema de forma interessante e que pode contribuir para o entendimento religioso do amor.

1.7 RELIGIÃO E CINEMA

Para falarmos sobre religião e cinema, iremos trazer a seguir mais alguns conceitos do que seja a religião ou o religioso e algumas características do cinema e do mundo cinematográfico.

O que seria a religião? O religioso? As religiões? Os religiosos? Aparentemente estamos diante de perguntas simples, de poucas palavras, que na verdade possuem desdobramentos incontáveis. Isso porque, segundo Clacir José Bernardi e Maria Augusta de Castilho, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), “Religião, manifestação do sagrado, acontece em um espaço cultural.” (Bernardi; Castilho, 2016, p. 751). Religião é manifestação, algo que fazemos, praticamos, acreditamos e desenvolvemos através de demonstrações das mais diversas possíveis. Religião é manifestação do sagrado, mas, o que é o sagrado? “[...] O termo sagrado (heilig) sempre esteve ligado a atributo moral no campo religioso. [...]” (MATOS, 2009, p. 497).

O sagrado, segundo Otto, é uma categoria inderivável. Ele é uma categoria composta. Composta porque apresenta componentes racionais (conceitos) e irracionais (indizíveis). Esses componentes, entretanto, são categorias estritamente a priori. Esse a priori é inerente à psique humana independentemente de percepção, isto é, está implantado no próprio espírito humano como sua primeiríssima origem. Assim, percebe-se que mesmo que todo conhecimento comece pela experiência não quer dizer que ele derive da experiência. O conhecimento empírico é apenas desencadeado por impressões sensoriais, pois já é uma capacidade cognitiva interior. A experiência do sagrado antecede todo e qualquer conceito de Deus. Portanto, para Otto, toda tentativa de extrema racionalização do sagrado é condicionada. (MATOS, 2009, p. 499).

Essa experiência do sagrado que é a manifestação denominada religião, então, faz parte da essência do ser humano, é algo que vai além de instituições ou doutrinas. Partimos então de um conceito ontológico, podemos assim dizer, ou seja, do ser, do interior, da percepção profunda de cada indivíduo. Além disso, Bernardi e Castilho acrescentam que existe um espaço cultural, um contexto, uma vivência, um olhar específico de quem está falando e de onde está falando. De fato, conceituar religião não é tarefa fácil, mas se torna possível através de estudiosos como esses que nos ajudam a refletir sobre aspectos fundamentais e particulares de cada lugar e de cada grupo ou povo.

Segundo a Academia Internacional do Cinema, a primeira metade do século XIX foi marcada pela invenção da fotografia. E o cinema?

[...] E o início do cinema foi em 1895, quando os irmãos Louis e Auguste Lumière projetaram um filme pela primeira vez, em um café em Paris. “Sortie de L’usine Lumière à Lyon” (Empregados deixando a Fábrica Lumière) foi criado por Louis Lumière e é considerada a primeira obra a ser projetada, um curta-metragem que contava com 45 segundos de duração. [...]. (ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA, 2020, Online).¹⁶

Ficamos imaginando o impacto da primeira fotografia, do primeiro filme e quais devem ter sido as impressões e olhares a respeito dessas produções. Quando voltamos no tempo, pensamos nos recursos que os iniciantes dessas artes possuíam, no entanto, era tudo o que tinham e a sociedade contemplou novidades inovadoras.

Importante se faz trazer autores que pesquisam e trabalham com a temática de Religião e Cinema. Os exemplos que vamos trazer a seguir nos ajudam a fundamentar a proposta de estudo dessas duas áreas, o que nos ajudará a desenvolver o tema ao longo deste trabalho.

Segundo aponta Marcelo Massi Martins, Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), “A partir dos anos de 1970, a aproximação das artes audiovisuais e a religião tornou-se mais evidenciada.” (MARTINS, 2022, p.45). Assim, percebemos que a união entre estas áreas é de certa forma recente ao longo da história, apesar de que mais adiante vamos observar os comentários de Frederico Pieper que irão ampliar esse entendimento.

Luiz Vadico, escritor, historiador e Doutor em Comunicação pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), explica que “[...] no campo do filme religioso e até mesmo no âmbito da história cinematográfica, não podemos ignorar o diálogo da produção com a sociedade e as instituições religiosas. [...]” (VADICO in Estudos de Religião, 2010, p. 211).

Frederico Pieper, Doutor e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), explica que os estudos acadêmicos mais sistemáticos sobre a relação entre religião e cinema surgiram entre 1970 e 1980. Porém, esta relação não veio desta época, pois em 1913 houve o lançamento de um filme indiano chamado Raja Harishchandra. Pieper nos convida a olhar para o cinema e a religião com uma perspectiva abrangente e não limitada. Isso porque pode ocorrer padronizações que venham a restringir o impacto dessas áreas e impedir o avanço da influência que podem oferecer. Para isso, ensina que o campo religioso no cinema não está vinculado a apenas filmes religiosos, assim denominados antigamente. Hoje em dia há a possibilidade de se ampliar esses conceitos e perceber elementos da religião nos filmes. É possível avançar nesta pesquisa pelo aspecto abrangente, bem como partindo de novos olhares para os enredos e narrativas. Muito além da determinação se algo é religioso ou não,

¹⁶ Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-confira-este-guia-e-se-destaque/>> - Acesso em 09 abr. 2024.

podemos levar em conta a análise pessoal e histórica de cada indivíduo, já que este possui uma trajetória que pode trazer à tona elementos considerados religiosos que fazem parte de sua vida, e esses aspectos próprios não podem ser ignorados.

Martins ensina que entre religião e cinema existem muitas possibilidades de relação, pois ambas as áreas mostram o conflito existencial do ser humano, ou seja, são áreas que tocam a vida cotidiana da sociedade. (MARTINS, 2022, p. 33). Esse autor nos esclarece que a religião pode estar no cinema e o cinema pode estar na religião, e ambos compartilham de situações do dia a dia. Assim, é possível verificarmos a influência que aspectos religiosos têm na linguagem, no visual, no sonoro e em tudo o que envolve a produção e a reprodução do cinema.

Frederico Pieper, doutor em Ciências da Religião e em Filosofia, explica que o diálogo entre cinema e religião é possível. Comentando um entendimento de Mitchell, acrescenta o seguinte comentário:

É interessante, aqui, que não se abandona o termo religião, mas apenas se observa uma variedade no modo como se entende religião. Por isso mesmo, pode-se buscar a religião nos filmes – como fez a abordagem transcendentalista (SCHRADER, 1972) – ou entender o cinema como religião (LYDEN, 2003). Aqui, novamente, se está diante de compreensões distintas (mas, não necessariamente excludentes) de religião. (PIEPER, 2019, p. 27).¹⁷

Com isso, entendemos que podem existir diferenças entre os campos do cinema e da religião, porém não podemos excluir possibilidades de interação entre elas. Como afirmou Pieper, há variedade de formas de se entender a religião. Esta não está presa à um método ou contexto, mas sim transcende lugares e alcança pessoas pelo mundo inteiro.

1.8 ABORDAGENS NOS FILMES

Pretende-se analisar o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) a partir de uma abordagem das Ciências da Religião, da hermenêutica da recepção, da correlação, da cultura. Ou seja, buscamos um olhar científico dessa interação entre o fenômeno religioso e o filme.

Importante destacar que existem muitas outras possibilidades de análise das artes, incluindo os filmes. Outras religiões e demonstrações de espiritualidade também possuem autoridade para analisar e trabalhar narrativas fílmicas a partir de seus olhares e fundamentos próprios de cada grupo religioso. A escolha do Cristianismo é uma das possibilidades entre tantas outras a serem escolhidas.

¹⁷ Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7433569.pdf> - Acesso em 28 out. 2024.

O foco no Cristianismo é também parte da vivência do autor desta dissertação, já que possui maior familiaridade com esta religião. Outro ponto a ser destacado é a proximidade com autores cristãos, já que estes possuem vasto campo de estudos que contribuem no tema proposto desta dissertação. A escolha desta religião em detrimento das outras se faz também porque é possível notar elementos e conceitos que dialogam com a vivência cristã, sendo inclusive fundamentais para a prática desta fé. A partir desses e outros argumentos que serão desenvolvidos ao longo deste trabalho, demonstramos a opção da importância de uma abordagem cristã nos filmes.

Uma abordagem cristã é uma das muitas possibilidades existentes em nossa sociedade. Vivemos em um mundo de referências, de exemplos e de caminhos a serem trilhados. Com isso queremos dizer que faz parte do ser humano trazer à memória objetos, lugares e pessoas que marcaram a sua vida, momentos importantes e fundamentais que mudaram suas decisões e projetos, tanto de forma positiva quanto negativa. Uma abordagem cristã pode ser entendida como a análise a partir da ótica do Cristianismo, ou seja, ao assistirmos um filme cristão ou não, por exemplo, automaticamente nosso cérebro começa a fazer associações, seja com o nosso cotidiano, com outras realidades e até momentos da ficção passam a ser criados ou lembrados. Trata-se de observar uma narrativa fílmica associando com personagens, valores, princípios e regras que são intrínsecas ao mundo cristão.

Assim, podemos refletir se essa abordagem é “fiel aos originais” (expressão presente em muitas Bíblias Sagradas), ou seja, se possui relação ou não com a prática escolhida, no caso, o Cristianismo. Não estamos dizendo se é certo ou errado, mas sim se é coerente ou não coerente. Para além dessa discussão, precisamos também considerar cada indivíduo nesse grupo maior chamado de cristãos. Existem muitas formas do ser cristão presentes na sociedade, umas mais semelhantes e outras muito distintas. Mais uma vez, não desejamos apontar a forma correta ou equivocada de viver essa religião, mas sim pretendemos estabelecer pontes de contato entre essa demonstração de fé e sua aplicação nos filmes, em específico o que estamos estudando nessa dissertação.

Como primeiro passo, podemos perguntar: o que faz um filme ser cristão? Quais são os elementos que caracterizam essa religião? O que não pode faltar nesse quebra-cabeça? Quais são suas bases? Tais perguntas podem seguir para dois caminhos: um deles é o de fortalecer os princípios e regras de fé e prática religiosos, e o outro é limitar seu pensamento a apenas uma forma de expressar a religião. Por outro lado, podemos questionar: o que diferencia um filme cristão de um não cristão? O que determina uma narrativa fílmica ser ou não ser religiosa?

Para além dos padrões, podemos expandir nosso pensamento. Por exemplo, o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) não é um filme cristão e não possui uma proposta religiosa. Todavia, a partir de alguns métodos podemos conectar uma arte não religiosa com elementos da religião. Nesse sentido, passamos então a analisar o filme por uma ótica religiosa cristã. Podemos encontrar na narrativa pontos que despertam o religioso ou apontam para o transcendente.

Celso Fernandes, mestre pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), escreveu o livro *Luz! Câmera! Ação! : como usar filmes para ilustrar mensagens bíblicas*. Nesta obra, o autor apresenta o estudo de alguns filmes e as mensagens que podem ser extraídas deles. Por exemplo: “Titanic: uma alegoria da salvação” (FERNANDES, 2005, p. 11); “Matrix: o cristianismo subliminar” (FERNANDES, 2005, p. 11); “O senhor dos anéis e o perigo do poder na igreja” (FERNANDES, 2005, p. 11); entre outros. Aqui chegamos a um ponto fundamental: a mensagem que as comunicações artísticas transmitem também dependem do contexto, da autoria e do momento em que foram elaboradas. Necessário se faz pesquisar o conjunto do texto, do contexto e de tudo o que envolve a mensagem. Isso porque somos influenciados por informações e discursos que comunicam muitas coisas, vivemos em um mundo social, coletivo. Importante mencionar que estamos a todo momento fazendo escolhas, opções de construção narrativa e decidindo como vamos comunicar e transmitir uma mensagem.

Quando falamos em uma abordagem cristã, essencialmente sugerimos qual é o público-alvo, a intenção e a partir da base que vamos desenvolver o tema. No entanto, com essas direções ficamos em um campo abstrato, muito amplo e não bem definido. Para isso, precisamos optar também por qual abordagem cristã vamos analisar. Qual o autor de referência? Há uma linha teológica, filosófica e religiosa? Há uma época específica? As questões tradicionais, pentecostais, liberais, entre outras, vão fazer parte do estudo?

Assim, pretendemos utilizar a abordagem cristã a partir do autor Paul Tillich, que alguns colocam como liberal e outros preferem colocá-lo entre a teologia tradicional e a liberal, um autor mais equilibrado sem exceder aos extremos. Este autor que optamos possui textos e conteúdos que irão ajudar muito na compreensão do Cristianismo e em seu método de correlação. Trazemos para o estudo outros autores e conteúdos que contribuem para o enriquecimento do trabalho.

No caso desta dissertação, observar um filme não religioso pode ser desafiador e ao mesmo tempo uma oportunidade para ir além das fronteiras do pensamento e abrir um novo caminho para o estudo.

1.9 ALGUNS AUTORES QUE TRABALHAM O DIÁLOGO ENTRE RELIGIÃO E CINEMA: UM OLHAR PARA O CRISTIANISMO

Olhamos para os filmes como um produto cultural, e é sempre uma voz para entendermos o momento que estamos vivendo. O filme é uma mídia popular e pode ser uma forma de entender a relação entre cultura e religião. Celso Fernandes, autor de *Luz! Câmera! Ação!:* *como usar filmes para ilustrar mensagens bíblicas* ensina que “O cinema faz parte do cotidiano das pessoas. É mídia que interage com elas tanto quanto o rádio e a televisão. Não é possível ignorar a realidade. Por que, então, não olhar alguns aspectos das superproduções que se coadunam com nossos princípios bíblicos?” (FERNANDES, 2005, p. 13). Algo muito interessante nesse autor é que ele faz abordagens à luz da Bíblia e à luz da Teologia em filmes não cristãos ou que não possuem explicitamente a mensagem cristã.

Steve Turner no livro *Engolidos pela cultura pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã*, explica que na arte cinematográfica existe os chamados filmes de redenção, que possuem enredos semelhantes e que seguem uma sequência bem conhecida. O nome desses tipos de filmes sugere o seu motivo, qual seja, o de narrar uma história de redenção, onde existem dificuldades e problemas a serem resolvidos e que ao final uma esperança renasce e a jornada enfim termina bem. Turner escreve alguns passos estabelecendo uma relação com o Cristianismo:

Muitos filmes de todos os gêneros seguem esse padrão. O mundo do personagem principal está transtornado – como o Jardim do Éden foi corrompido pela entrada da serpente. Nada será como antes. O protagonista quer recuperar a esperança. Chegará um ponto em que ela parece não mais existir – como quando Cristo estava na cruz e parecia que todo o plano de redenção havia sido destruído. Entretanto, a pior alternativa revela-se a melhor coisa que poderia acontecer. É a virada final. A morte do Salvador produz vida para a Igreja. O que o Diabo pensava ser seu golpe final, torna-se a chave para sua própria destruição. No ato final do filme o herói começa sua jornada de volta para casa, carregando os frutos da luta. É importante ressaltar que a situação final não é apenas um retorno ao status quo, mas uma melhoria dele – como o reino dos céus é melhor que o Jardim do Éden, pois não há tentação ou possibilidade de rebelião quando Deus reina e Satanás está acorrentado. (TURNER, 2014, p. 66).

É interessante perceber que Turner faz comparações de um estilo de narrativa com o Cristianismo, trazendo elementos bíblicos e teológicos. Nesse sentido, podemos perceber que há forte presença de elementos cristãos, o que não necessariamente seja a única abordagem possível. Esse tipo de análise única não é nossa proposta também, mas sim a de apresentar uma visão entre tantas que existem em nosso mundo.

Entendemos essa mídia como uma caixa de ressonância da cultura a qual ela pertence, e a cultura, a partir da descrição da relação entre cultura e religião no pensamento de Paul

Tillich, por exemplo, como impregnada pelas narrativas religiosas que tanto constituíram como elas ainda constituem. Além disso, julgamos como necessário de revisitar a compreensão que o amor – e não o ódio – seja um elemento essencial da religião, partindo de concepções principalmente de Tillich. Finalmente, procura-se entender a presença das linguagens religiosas na cenografia contemporânea, inclusive em filmes que não têm um propósito religioso imediato ou direto.

É interessante quando pensamos sobre linguagem religiosa ou da religião. Edgar Morin explica que

[...] a partir do século XVIII, a racionalidade passa a ser vista como uma disposição mental que suscita um conhecimento objetivo do mundo exterior, elabora estratégias eficazes, realiza análises críticas e opõe um princípio de realidade ao princípio do desejo. Os avanços da ciência, da técnica e da economia confirmam a sua eficácia. No entanto, citando Platão e Freud, entende que especificidade racional é insuficiente porque ignora a loucura, a afetividade, o imaginário, o mitológico, o lúdico, o religioso. [...] (MORIN apud OLIVEIRA, 2017).¹⁸

Assim, racionalidade e outros tipos de linguagem caminham juntas pois o ser humano é complexo e diverso. Linguagem não se apresenta apenas em texto, a narrativa é mais do que texto. Os filmes, por exemplo, envolvem áudio, narrativas, enredos, vestimenta, tipos de fala, personagens, contextos históricos do passado, presente e futuro, entre outros aspectos.

Os filmes, as séries e os quadrinhos, entre tantas outras ferramentas, são canais de divulgação de histórias e narrativas para todas as idades que nos ajudam a exercitar o cérebro para pensar sobre o trabalho, os estudos e sobre a vida de um modo geral. Esses recursos fazem parte da nossa rotina, das nossas atitudes e decisões que tomamos. Em vários momentos, nos baseamos em frases, cenas, edições e episódios que nos marcam de alguma forma, e, assim, utilizamos desses fragmentos no nosso dia a dia, seja de modo formal ou informal, consciente ou inconscientemente.

O mundo dos filmes não está tão distante de nós, e o amor vivenciado nessas narrativas dialoga com a noção, ideia e crença que temos sobre a religião. Olhando para a história, para teologia e para as áreas das ciências da religião, percebemos figuras que representam o amor, figuras que encarnam o amor e que diminuem a distância do ser humano e o sagrado. O amor pode significar entrega e afeto, contudo, outras narrativas podem trazer ideias diferentes, e essa é uma das pontes que queremos construir e apresentar.

¹⁸ Disponível em: <<https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/89/edicao-1/direito-e-cinema>> - Acesso em 31 out. 2022.

A presente pesquisa investiga o filme *O caçador e a rainha do gelo (2016)* e as linguagens religiosas do Cristianismo que podem ser detectadas na narrativa fílmica. Identifica-se como linguagem central o tema do amor tanto em sua negação por uma das figuras centrais, Freya, como a sua afirmação, representado pelas personagens Eric e Sara.

A análise do filme *O caçador e a rainha do gelo (2016)* mostra-se importante porque vivemos em um mundo onde a ficção e a realidade se encontram a todo momento, e o cinema é um dos ambientes que proporciona essa relação. O filme trabalha muitas questões, e queremos destacar a temática do amor e a sua relação com as linguagens da religião especificamente no Cristianismo.

Diante de todas essas informações, vale destacar também que há muitas produções do cinema e das plataformas digitais que envolvem o tema do Cristianismo. Cada vez mais percebemos enredos que dialogam com o mundo cristão, seja pela presença de figuras típicas como pastores e padres, bem como de elementos próprios como orações, cultos, sermões e canções com letras que falam de Deus. Seriam essas produções intencionais? Parece que sim, visto que possuem um público-alvo definido, qual seja, os próprios cristãos. No entanto, percebemos também filmes evangelísticos, ou seja, que possuem histórias, trechos bíblicos e exemplos de vida que foram alcançados pela mensagem do Evangelho de Cristo, pessoas que foram impactadas pela linguagem cristã e tudo o que envolve esta religião.

Nesse sentido, percebemos também elementos de religião, incluindo o Cristianismo, presentes em filmes não religiosos, ou que não possuem propostas específicas de transmitir religião. Por exemplo, é muito comum nos filmes vermos pessoas utilizando crucifixos. Outro exemplo acontece quando pessoas estão reunidas ao redor da mesa para uma refeição, e uma delas agradece a Deus ou simplesmente agradece o alimento. Igrejas ou templos também estão presentes em muitas narrativas, seja nas cidades ou em ambientes rurais.

Outro elemento interessante é a analogia.

Segundo Abbagnano (1999), o termo analogia tem dois significados fundamentais: primeiro é o sentido próprio e restrito, extraído do uso matemático (equivalente à proporção) de igualdade de relações; o segundo é o sentido de extensão provável do conhecimento mediante o uso de semelhanças genéricas que se podem aduzir entre situações diversas. (ABBAGNANO, 1999, apud. NAGEM; CARVALHAES; DIAS, 2001, p. 197-198).

O autor acima nos traz luz ao conceito de analogia, já que este recurso é muito utilizado em histórias, relatos, livros, filmes e em muitas outras formas da arte. Nesse sentido, a analogia de elementos religiosos é muito possível e utilizada nas expressões artísticas. Outra questão importante para mencionar é a intenção do autor, roteirista e curador de uma arte. O que está

por trás do registro? Há intencionalidade nos enredos, narrativas e histórias que são contadas? A analogia é um recurso muito utilizado neste sentido da comparação, da mensagem, de pontos de contato que são colocados com objetivos específicos, qual sejam, de fazer menção a outros elementos de outros ambientes de igual importância. A religião está incluída nesse processo analógico.

Muitas comparações e destaques são lembrados ou filmados com a intenção ou não de remeter a algum elemento religioso. Um exemplo desta abordagem é o filme *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa (2005)*¹⁹, história que foi inspirada no livro de C. S. Lewis escrito em 1950. Este livro específico pode não ter sido elaborado com a ideia do Cristianismo como pauta, como afirma Gabriele Greggersen²⁰, pesquisadora brasileira de Lewis. Porém, a mesma pesquisadora ressalta que não há como separar uma pessoa de suas origens, aquilo que está em seu interior, e o interior do autor foi a vida cristã. Essa obra específica gerou e ainda provoca várias interpretações, com destaque para a cristã. Por exemplo, muitas pessoas ligadas ao Cristianismo enxergam Aslan, o leão, como a figura de Jesus Cristo, já que suas atitudes são muito semelhantes ao Mestre das Escrituras, principalmente com relação à sua morte e ressurreição.

1.10 A INFLUÊNCIA DA CULTURA E A CULTURA DA INFLUÊNCIA

Percebemos que a definição de cultura é bastante abrangente, e que envolve vários setores da sociedade. No entanto, um elemento chama a nossa atenção: o cultivo. Cultivar é uma expressão na língua portuguesa que usamos para falar da terra, do campo, do agronegócio, mas também de cultivar hábitos, crenças, atitudes e formas de se viver. Possivelmente já vimos ou ouvimos as seguintes frases: "a cultura da época", "isso é cultural", "isso foi cultivado"... Entre outras frases. Fato é que vivemos em meio à cultura e ela faz parte do nosso dia a dia. (CULTURA, Online, 2024).²¹

Hoje em dia cada vez mais surgem novas opções de enriquecer a nossa cultura ou de aprender outras de povos e países diferentes. Com o avanço da tecnologia, podemos visitar de

¹⁹ Disponível em: <<https://www.disneyplus.com/pt-br/movies/as-chronicas-de-narnia-o-leao-a-feiticeira-e-o-guarda-roupa/4rcSmuEmfIvs>> - Acesso em 14 mar. 2024

²⁰ Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/11/cs-lewis-conheca-historia-do-autor-de-chronicas-de-narnia.html>> - Acesso em 14 mar. 2024.

²¹ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/>> - Acesso em 01 abr. 2024.

forma virtual muitos lugares do mundo e sem sair de casa. A internet revolucionou o acesso à cultura, e hoje temos conhecimento à uma pesquisa de distância.

Livros, séries, filmes, novelas, jornais... Estamos cercados de aspectos culturais e que influenciam as nossas vidas. O mundo do cinema está não apenas nos shoppings ou espaços públicos, mas também em nossas casas: na tv, no celular, tablet... As plataformas digitais trouxeram o mundo cinematográfico para perto e muito mais acessível. Essas plataformas também proporcionam experiências à escolha do cliente, no tempo, no preço e na forma que ele desejar.

Somos consumidores de cultura a todo momento. Assim, percebemos que a religião não fica de fora desse assunto, pelo contrário, participa ativamente de muitos espaços sociais, indo para além do religioso. Seja de forma intencional ou não, elementos da religião estão presentes nos enredos dos filmes e séries.

A influência da cultura é muito perceptível. Um estudo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) aponta que “[...] Os Estudos Culturais nasceram por volta dos anos 60, principalmente a partir de reflexões do crítico britânico de literatura Raymond Williams. [...]” (SILVA, 2022)²². A Revista *Ágora*, periódico do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), fala sobre esse autor:

Raymond Williams foi um escritor que transitou entre a crítica literária e dramática, o ensaio teórico, a análise sociológica, a militância e a ficção. *Cultura e Sociedade* (1958) e *The Long Revolution* (1961) estabeleceram-no como um dos mais famosos pensadores da cultura e da sociedade; *Towards 2000* (1983) estendeu sua análise do mundo britânico para uma dimensão internacional. Uma série de estudos, desde *Drama from Ibsen to Eliot*, de 1952, até *The Politics of Modernism: Against the New Conformists*, de 1989, consagraram-no como crítico cultural e literário. (TAVARES, 2008, p. 12).²³

Nesta dissertação, trouxemos um elemento da cultura que é o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016). Mais adiante vamos retratar e explicar mais a fundo a escolha e os motivos desse filme para a presente pesquisa.

Portanto, vimos que a interface entre cultura, cinema e religião é possível e muito presente em nosso planeta. Vale destacar que a abordagem desta dissertação é uma das muitas possibilidades que podem ser encontradas em pesquisas que envolvam essas temáticas, e que

²² Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/cultura-por-que-e-para-quem/> - Acesso em 01 abr. 2024.

²³ Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/1927/1439/0> - Acesso em 01 abr. 2024.

neste presente trabalho buscamos analisar algumas fontes, autores e textos que nos auxiliam na compreensão do tema e que contribuem para o conhecimento abrangente.

Nesse sentido, passaremos ao segundo capítulo, o qual iremos abordar o filme *O caçador e a rainha do gelo (2016)* em si, destacando cenas, diálogos, narração, enredo, produção (país, atores, atrizes, vestimentas, geografia, história, época e tudo o que envolve as participações e presenças diversas no filme em estudo).

Agregando com o primeiro capítulo, o segundo vai aprofundar temas apresentados anteriormente, com abordagem contextual, respeitando os limites e propostas da narrativa fílmica. Juntamente com isso, iremos também apontar possíveis assuntos que vão ser discutidos no terceiro capítulo, onde colocaremos em ação a correlação que o filme pode nos proporcionar, sempre com os fundamentos da cultura, do cinema e da religião.

CAPÍTULO 2: ANÁLISE DO FILME O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO (2016)

Existem muitos métodos disponíveis para se analisar filmes e imagens, porém, o que nos pareceu adequado devido à sua forma e clareza, foi a análise interna de filmes de Manuela Maria Fernandes Penafria, Professora Associada no Departamento de Artes da Universidade da Beira Interior (UBI)²⁴, Portugal. A autora em seu artigo “Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)”, apresentado no VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009, traz apontamentos bem embasados para se compreender como os filmes são desenvolvidos. Optamos pela análise interna pois no artigo mencionado a autora apresenta pontos bem definidos dessa forma de abordagem fílmica, propondo assim uma forma de se caminhar na pesquisa. Penafria explica a análise interna:

[...] a análise centra-se no filme em si enquanto obra individual e possuidora de singularidades que apenas a si dizem respeito. Se a análise é feita a um único filme é sempre possível analisá-lo tendo em conta a filmografia do seu realizador de modo a identificar procedimentos presentes nos filmes, ou seja, identificar o estilo desse realizador. [...] (PENAFRIA, 2009, p. 7).

Importante explicar também que no capítulo 3 desta dissertação pretendemos aplicar o método de correlação de Paul Tillich, o que irá permitir maior alcance de análise para além da interna, ou seja, iremos apresentar outros elementos da religião, da cultura e de contextos de um modo geral que podem ser relacionados com o filme, pontos de contato que podem ser estabelecidos na presente pesquisa.

2.1. A ESCOLHA DO FILME O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO (2016)

Muitos filmes retratam assuntos importantes para a sociedade, seja em animações, live actions, ação, suspense entre outros. Dentro do mundo dos filmes, os enredos religiosos têm ganhado espaço nos cinemas e nas plataformas digitais. Dentro do gênero maior dos filmes religiosos, os que são cristãos, têm grande importância nesse cenário e muitas pessoas assistem e consomem esses conteúdos.

O filme que estamos estudando não é um filme religioso. Mas então, por que escolher um filme não religioso para tratar de religião? Basicamente essa resposta tem a ver com o autor principal que escolhemos na análise fílmica, Paul Tillich, o qual oferece ferramentas que possibilitam a interação entre religião e cultura, e o cinema faz parte da cultura. Para ele, religião

²⁴ Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/manuela-penafria/> - Acesso em 29 abr. 2024.

e cultura estão ligadas, são assuntos relacionados por natureza: “A religião, portanto, é a matriz da existência humana. Por isso, não é interessante considerar a separação entre religião e vida secular, já que aquela é a fonte para essa.” (PEREIRA, 2021, p. 218).²⁵. E como o autor possui o método de correlação, ou também conhecido como Teologia da cultura, ele nos permite unir áreas do conhecimento e aplicar religião em conteúdos culturais e vice-versa.

Filmes retratam a cultura de um povo, sociedade, estado, país e até do mundo. Talvez já tivéssemos ouvido uma frase como "eu já vi isso em um filme!", mostrando o poder que as imagens têm sobre nós e sobre o nosso cotidiano. Tillich permite a interação entre religião e cultura, seja ela brasileira, latino-americana, americana, europeia, africana, asiática entre outras.

A escolha do filme citado tem grande relação com um dos temas principais da narrativa: o tema do amor. No entanto, o enredo mostra a diferença da afirmação do amor quando comparada à negação dele.

Tillich pode ajudar nessa questão, já que afirma que o amor é parte essencial da religião e da vida. Segundo ensina Etienne A. Higuét, que foi professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP, “Para Tillich, tanto o imperativo moral, quanto a fonte dos mandamentos morais e a motivação da ação moral são de natureza religiosa, já que enraízam-se no amor, Eros e ágape, cujo fim é sempre a reunião com o fundamento divino do ser. [...]” (HIGUET In: HIGUET; MARASCHIN, 2006, p. 139). Entre as várias formas de amor, existe o de esposas e maridos, amor de amigo, de família entre outros. A luta na história narrada é para que o amor prevaleça, mas essa missão se demonstra árdua para aqueles que assim desejam.

Como descrito na introdução, o filme tem o diferencial do destaque para a negação do amor. Freya, a rainha do gelo, determina que em seu reino é proibido amar e que isso é um pecado. Se o amor é importante para a religião e se a sua afirmação é considerada um pecado, algo ruim e que merece punição, esses elementos nos dizem que a história foge do padrão de outros filmes. Dificilmente há o estabelecimento explícito de que o amor é prejudicial, ruim, destruidor. Outras histórias contadas possuem vilões que buscam destruir famílias, amores e o bem, mas em *O caçador e a rainha do gelo* (2016) percebemos um discurso de ódio ao amor, e quem foge dessa regra é punido.

O filme possui alguns elementos da religião presente em sua narrativa, como por exemplo um espelho que pertence a um santuário e uma rainha que afirma ser o amor um pecado. Em vários momentos esses elementos e afirmações levam à violência, a guerras e à

²⁵ Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/2567/2291> - Acesso em 28 out. 2024.

destruição. Nesse sentido, a escolha do filme também pode ser relacionada com Paul Tillich, já que este autor permite a ligação entre Teologia e cultura, entre elementos da religião e da filosofia em diálogo com a cultura. Pereira, citando Tillich, nos traz elementos conceituais que confirmam a relação entre cultura e religião:

Para Tillich, portanto, religião não é uma parte da cultura, como se quando fôssemos nos debruçar sobre o tema cultura encontraríamos ali várias vertentes para estudos, como a dança, o folclore, a musicalidade, as artes e as religiões. Ele pensa que a religião é o fundamento de toda cultura, ou seja, se escavarmos o solo de qualquer cultura e de qualquer expressão cultural, quando terminarmos o trabalho árduo desse aprofundamento chegaremos no lugar mais profundo que se pode chegar, onde suas raízes estão firmadas: na religião. Portanto, a cultura é a forma da religião. [...] (TILLICH, 2009, p. 88. Apud. PEREIRA, 2021, p. 220).

É interessante perceber que o fio condutor da narrativa do filme é a afirmação do amor por parte das personagens principais e a negação do amor por parte das outras personagens. Estamos diante de uma divisão clara entre o bem e o mal, entre o ideal e o não ideal, entre a construção e a desconstrução de ideias. A escolha do filme passa por essa dualidade, esses dois lados que dão sentido à história. Muitos contos que conhecemos ou narrativas que ouvimos possuem essa base: a luta do bem contra o mal. *O caçador e a rainha do gelo (2016)* tem relação com um outro filme, qual seja, *Branca de Neve e o caçador (2012)*. Já de início, mesmo sem conhecer o que se passa no filme, já imaginamos o caminho que o relato propõe: a trajetória da personagem Branca de Neve. Muitas pessoas conhecem essa história, seja em parte, seja completa, seja em outras versões. O filme de 2012 relata a jornada de Branca de Neve que se encontra com um caçador que tem a missão de matá-la. Porém, ao encontrá-la, o rapaz não cumpre a sua missão desobedecendo a rainha má. No filme de 2016, estamos no mesmo universo mas em momentos diferentes. Branca de Neve não é a personagem principal, que dá lugar a um casal que se apaixona e busca manter esse amor vivo mesmo em meio à sua proibição. Voltando ao tema da dualidade, temos um cenário montado: o casal (Eric e Sara) contra a rainha do gelo (Freya) e a rainha Ravena.

Reinke nos ensina que

Essa luta ontológica entre bem e mal teria ainda outro desdobramento a partir do profeta Mani, no século III d.C., que afirmava trazer o complemento dos ensaios de Zaratustra, Buda e Cristo, chegando a uma religião da luz. Seus ensinamentos foram denominados maniqueísmo. Para Mani, o mundo estava em uma eterna luta entre o bem e o mal, a luz e a escuridão. (REINKE, 2019, p. 190).

Esclarecendo a menção de Zaratustra por Reinke, esse mesmo autor ensina que “Zaratustra era chamado de Zoroastro pelos gregos; por isso, sua religião ficou conhecida como zoroastrismo. [...]” (REINKE, 2019, p. 187). Para entendermos o contexto mencionado acima, lembramos que tais informações fazem parte da religião dos persas.

2.2. A ESTRUTURA E O FUNCIONAMENTO DO FILME

Antes de apresentarmos este subtópico, dizemos que informações mais detalhadas e específicas serão tratadas no segundo capítulo desta dissertação, momento oportuno em que vamos investigar e ir à fundo na pesquisa do enredo, imagem, som, elementos e tudo o que envolve o filme em estudo.

O caçador e a rainha do gelo (2016) é um filme de romance, aventura e ficção baseado no universo do conto da Branca de Neve. Sua estrutura é pautada basicamente na jornada do herói e sua redenção, no caso, dois heróis (o casal Eric e Sara). O filme segue a partir de ideias de Hollywood, com contos de fadas, criaturas fantásticas, a luta do bem contra o mal e a insistência por parte do casal em manter o amor mesmo quando pela lógica são perdedores.

O filme começa com uma narração. É interessante a figura de um narrador conduzindo a história. Ele aponta que este filme se passa “bem antes do felizes para sempre” – frase da parte inicial da narração. Assim, somos convidados a voltar em um passado onde a história tem uma outra parte, algo ainda não contado. Isso desperta em quem está assistindo uma sensação de novidade, de um acréscimo à história oficial.

O filme se desenvolve a partir de decepções geradas na família e no amor. Interessante notar que tais acontecimentos da vida são muito comuns na humanidade. Vivemos em uma sociedade cada vez mais triste e doente. É provável que já passamos ou iremos passar por decepções das mais diversas possíveis, e a questão é como lidamos com essa realidade.

Os filmes em geral despertam em nós emoções, ações e omissões ensinadas pelos roteiros, imagens e pelo universo cinematográfico. A influência dos filmes impacta as roupas que usamos, a comida que comemos e as palavras que falamos. Estamos diante de uma narrativa de contos de fadas e romance, misturado à aventura e ação. Basta esses elementos para a produção de cenas e falas de influência.

O filme em estudo aponta para um “felizes para sempre”, percebemos o tom e a forma como é conduzida a história. Desejamos apresentar uma proposta de estrutura para o filme:

- 1) Ambiente de opressão e prisão
- 2) Decepções e separação
- 3) Jornada em busca da solução
- 4) Encontro com outras personagens
- 5) Reunião dos “heróis”, ou seja, de todos que estão do lado “bom”
- 6) Conflito com inimigos inferiores à vilã principal

- 7) Vitória e descanso
- 8) Tensão e encontro final com a vilã
- 9) Vencida a batalha final, há o “felizes para sempre”
- 10) Apresentação da reflexão final

A estrutura acima tem fundamento na jornada do herói: “O conceito de “jornada do herói” veio de Jung e foi desenvolvido por Campbell em seus livros *O Herói de Mil Faces*, *O Poder do Mito* (com Bill Moyers) e nos quatro volumes de *As Máscaras de Deus*. [...]” (TURNER, 2014, p. 64).

Dessa forma, percebemos que nada é aleatório, sem nexos ou sem objetivos. Tudo pode estar relacionado, incluindo o lucro com os filmes, a intenção dos roteiros, as analogias que são feitas, as ações ou omissões morais e legais para evitar conflitos com o Estado ou órgãos governamentais, a escolha das personagens e a exclusão de outras etc.

Portanto, muitos filmes podem seguir a estrutura de Jung e Campbell, ou ainda destoar totalmente dessa proposta. No entanto, uma estrutura, por mais simples que seja, está presente na mente e na arte cinematográfica de diretores e diretoras, atores e atrizes e funcionários. Por um lado, isso padroniza as narrativas e cria um modo de ser e de construir o cinema, ou seja, cria uma identidade. Por outro lado, pode ser ruim já que limita a ação de outras perspectivas fílmicas, podendo gerar a negação de histórias que fujam daquele padrão estabelecido.

2.3. O FILME A PARTIR DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E DO CRISTIANISMO

O filme em estudo pode ser importante para a Religião e para a Ciência da Religião. Isso porque percebemos elementos da cultura e elementos da religião que se entrelaçam, que se comunicam e demonstram que há um interesse de fé na narrativa. Outros filmes, talvez, mostram um caminho linear, com uma história religiosa. *O caçador e a rainha do gelo* (2016) já apontam para um romance que é baseado no amor. O filme trabalha o amor em muitos aspectos, principalmente o amor da família e de um casal. Percebemos que há personagens que ditam regras a serem seguidas, citando especificamente a palavra *pecado*, termo muito utilizado no contexto religioso. A sabedoria no enredo é oriunda de um objeto comum, um espelho, mas que possui poderes para mudar o coração das pessoas. Acontece que este objeto pertence a um santuário. Aqui podemos compreender a importância de frases e de conceitos construídos no cinema, atitudes que induzem ao religioso. Hoje em dia cada vez mais se faz necessário ampliar o horizonte do estudo de religião.

Estamos analisando o filme a partir do Cristianismo. Em um primeiro olhar, podemos imaginar que apenas elementos cristãos estejam nessa análise, o que seria o óbvio. Contudo, precisamos considerar fatos históricos e outros relatos que possuem relação com a religião cristã que temos nos dias de hoje.

No livro *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino* (2019) de André Daniel Reinke, bacharel em Desenho Industrial, licenciado em História, mestre e doutor em Teologia²⁶, encontramos a afirmação de Valdemar Kroker (na parte da introdução):

Os outros de quem o autor fala são os principais povos com os quais o povo de Deus interagiu em sua longa história registrada na Bíblia. O destaque especial nessa descrição vai para as características religiosas desses povos e para como o Deus Criador do universo e de todos os povos deixou as “pistas de si mesmo nas culturas humanas [...]” (REINKE, 2019, p. 12).

A partir da citação acima, entendemos que o “povo de Deus”, assim chamado, ou o povo de Israel, ou ainda o povo judeu (nomes conhecidos historicamente), recebeu influências diversas de outros povos e de outras religiões que moldaram, instruíram e formaram pensamentos e princípios que seguimos até os dias de hoje.

A narrativa fílmica possui outros elementos de religião que não fazem parte do Cristianismo, o que, na verdade, contribui ainda mais para compreendermos a influência das mais diversas formas de religião expressas no filme.

O foco que desejamos utilizar é o fio condutor conforme mencionado anteriormente, qual seja, a visão do amor em sua afirmação e em sua negação. Para isso, a visão cristã de Paul Tillich nos auxilia bastante nessa compreensão, não apenas da visão do conceito de amor em suas dimensões, mas também em muitos outros temas que estamos abordando nesta dissertação. Estes são apenas alguns dos muitos textos, ideias e conteúdos que estamos utilizando como base para este trabalho.

2.4. DISCURSOS PRESENTES NO FILME

Existem muitas formas de nos comunicarmos com outras pessoas, seja através da fala, de gestos, códigos. Uma dessas formas é o discurso. Discursar nos parece em um primeiro momento um ato formal, nobre, feito em apenas algumas ocasiões. Festas de aniversário, premiações, velórios são alguns ambientes que muitas vezes possibilitam uma ou mais pessoas discursarem. No aniversário, talvez a oportunidade de agradecer pelo dom da vida, por mais

²⁶ Disponível em: <https://andredanielreinke.com.br/sobre/> - Acesso em 17 abr. 2024

um ano vencido e conquistado; Em premiações, pode haver a oportunidade da honra, ou seja, de valorizar aqueles que alcançaram o melhor em relação a outros concorrentes; o velório é um ambiente triste, onde um pode fortalecer o outro/a, uma oportunidade de agradecer pelo ente querido e encorajar a seguir seu exemplo de vida.

Nesse sentido, necessário se faz mencionar que discursos tem poder. Com isso queremos dizer que as palavras que são ditas, as formas como são ditas e para quem são ditas influenciam muito, tanto positivamente quanto negativamente. Em nossos dias, com leis, decretos, regras, normas e costumes a liberdade do ser humano não é uma liberdade total para fazer e falar todas as coisas, e no discurso não é diferente. Somos chamados a estarmos atentos a tudo o que acontece, ainda mais em um mundo conectado. Em meio às tecnologias, gravações, áudios e notícias, os cuidados precisam ser dobrados. Notamos que muitas notícias, por exemplo, podem ser mal interpretadas e utilizadas para ferir e destruir pessoas, grupos e lugares. Por isso, vale investir em conhecimento e comunicação para que possamos cada vez mais transmitir conteúdos respeitosos e contextualizados. A seguir, vamos destacar uma das formas de discurso, qual seja, os discursos de ódio.

O filme contém discursos de ódio por parte das personagens Freya e Ravena, as duas rainhas irmãs. Ambas procuram erradicar toda ideia de amor e qualquer forma de amar. Esse tipo de discurso pode ser encontrado e exemplificado em vários gêneros de filmes, bem como na sociedade real. Hoje existem muitos preconceitos e discriminações de todas as formas, causando ainda mais ódio e prejudicando seres humanos.

Como um fator externo ao filme, temos que o enredo foi lançado no ano de 2016 e trata-se de uma produção norte-americana. O ano mencionado foi marcado por diversos conflitos no mundo e principalmente pela eleição do presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Hoje em dia percebemos que os debates políticos ultrapassam esse campo, envolvendo outros como a religião, as leis, filosofias, valores entre outros. Esse foi um contexto de violência, divisão, discursos de ódio e desestabilização na economia e no respeito dos EUA e de todo o mundo, já que esta nação é uma das principais potências mundiais.

Discursos de ódio surgem em qualquer lugar e momento, inclusive na religião. Nesse sentido, justificativas são elaboradas para explicar comportamentos inapropriados, ofensivos e criminosos. Em muitos lugares existem grupos religiosos rivais, inimigos e que não convivem, seja pela crença, pelos princípios ou regras estabelecidas. No filme, quando Freya declara que em seu reino é proibido amar, está por omissão permitindo odiar. Quando declara que o amor é um pecado, está por omissão declarando que o ódio é uma bênção. Um discurso totalmente

invertido e que não condiz com o ser humano em sua dignidade, indo muito além de questões religiosas. A rainha Freya também exerce autoritarismo e não autoridade. É por meio da coerção que convence seus soldados os quais obedecem a seu comando. Porque ela teve uma decepção amorosa em sua vida, agora declara que ninguém mais pode amar. Trata-se de uma atitude egoísta e individualista, instituindo que o amor é pecado. Mas, onde está a liberdade de crença? A liberdade de expressão? A dignidade humana? Fato é que sob o seu reinado, nada disso são direitos, na verdade, são normas que devem ser aceitas cumpridas sem questionamento.

Imagine uma religião declarar que tal prática é pecado. Imagine a pessoa que pratica essa religião forçando outra pessoa de outro seguimento religioso recebendo esse discurso de forma imposta. Imagine que haja ameaças à pessoa, sua família, amigos, trabalho. Imagine que começa uma perseguição religiosa contra essa outra religião. Infelizmente em nosso mundo ainda existem atitudes como essas que foram exemplificadas.

2.5. ANÁLISE INTERNA DO FILME *O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO* (2016) – DINÂMICA DA NARRATIVA

O filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) tem como diretor Cedric Nicolas-Troyan e conta com o roteiro de Evan Daugherty e Craig Mazin. Interessante notar que o nome do filme em estudo é a tradução para o português, porém, em inglês, o nome original é *The Huntsman: Winter's War*²⁷ (O Caçador: Guerra do Inverno). No título original não há menção da rainha do gelo, mas sim apenas a figura do caçador e uma guerra que se passa em tempos de inverno. Observando a narrativa fílmica, percebemos que tanto o título em inglês como a tradução em português possuem relação direta do nome do filme com o enredo. Talvez, o tradutor do português desejou deixar um pouco mais clara a ideia do filme quando alguém fosse ler o nome ou para aqueles que fossem fazer pesquisas sobre o filme.

A narrativa mostra a rainha Freya que passa por uma metamorfose, e passa a sugerir que as pessoas são mais felizes a partir da proibição de amar, o que se torna uma política em seu reino que assume a forma de lei imposta. Ainda mais, as ações desse reino acabam envolvendo seus súditos em guerras violentas “excessivas”, sem limite, quanto a sua extensão e brutalidade, retratando um clima de vontade de submissão ou extensão do outro, cheio de ódio.

O filme mostra a história que veio antes do conto da Branca de Neve, explicando que havia duas rainhas que eram irmãs, Freya e Ravena. Ravena era má e sua irmã era boa e

²⁷ Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2381991/> - Acesso em 29 abr. 2024.

inocente, uma pessoa muito gentil. Porém, Ravena não queria ver a felicidade da irmã e por isso matou o filho dela induzindo que foi seu companheiro o culpado do crime. Isso deixou Freya muito triste e abalada, e, acreditando que foi seu futuro esposo o culpado pelo crime, acabou matando-o com seus poderes mágicos que estavam até então ocultos. A partir daí, a história se segue com Freya que se afasta de todas as pessoas, construindo assim o seu próprio reino. No entanto, ela passa a ser má, fria, sem amor e destruindo reinos com o seu exército. Existe basicamente duas regras que ela impõe aos seus servos e servas: lealdade e a proibição de amar. Nesse sentido, ela sofre ainda mais quando dois dos seus soldados infringem essas leis. Na narrativa, um espelho mágico também tem papel importante porque é a fonte de sabedoria e poder, e quem o possui pode ter todo o poder do mundo (é o que Freya deseja). O filme segue com duas forças opostas a todo momento se manifestando: o amor contra a guerra, a luta pelo direito de amar contra um sistema jurídico e político que impede as pessoas de agirem assim.

A narrativa do amor no filme é apresentada tanto de afirmação quanto de negação, e compõe o enredo do filme. Entretanto, não se trata somente de uma negação do amor por um recuo silencioso. Em vez disso transforma-se essa negação na organização da vida que se resume em um contínuo estado de guerra que envolve e consome todas as pessoas e somente conhece a submissão ou a aniquilação dos povos vizinhos e, supostamente, das suas culturas e religiões, narrada como uma fúria desenfreada sem limite. Nossa proposta de pesquisa é de abrir uma conversa entre as características específicas dessa narrativa dupla, e o fato é que narrativas opostas de ódio e amor, de extinção e acolhida, de desrespeito e respeito, de ameaça de aniquilação e propostas de reconciliação se tornaram mais frequentes como linguagens da religião opostas, com o agravamento que as linguagens do ódio são mais e mais encontradas em grupos religiosos “comuns” sem história desse tipo de comportamento. O filme, assim a nossa hipótese, fala de uma forma aparentemente não religiosa daquilo que acontece quando se faz uma opção contra o amor, como uma narrativa que dá significado e qualidade a vida, e descreve os resultados em imagens sinistras e apocalípticas. Uma forma de não alcançar o propósito de vida. Com isso ele fala para um mundo religioso que estava – e ainda está – se vendo diante da escolha de optar para uma linguagem religiosa do amor ou de ódio. Uma narrativa que até parece em um primeiro momento simples, mas que de repente possui um espelho – um espelho mágico é também um elemento principal de orientação no próprio filme – para refletir sobre uma religiosidade que aparentemente faz escolhas parecidas e cria linguagens (religiosas) semelhantes. Há uma negociação aparentemente secular que nos leva a

refletir sobre a religião. Entretanto, o que no filme se revela como erro – a negação do amor como caminho de construir a felicidade – na religião acabou sendo uma prática e convicção de representar a essência da própria religião.

Isso nos dá duas oportunidades: primeiro, olhar a partir do filme para o campo religioso. O discurso do amor na religião é essencial? O discurso do ódio seria simplesmente o outro lado da religião? Que diz a própria religião sobre isso? Que se diz sobre isso olhando para a religião? É possível, por exemplo, hoje, além de unir um discurso de ódio com a religião, justificá-lo pela história da religião? Onde eventualmente sobressai um abstrato amor com verdades e princípios acima do amor para indivíduos de pessoas concretas? Segundo, pode se perguntar se esta reflexão e essas narrativas conflitantes sobre o amor podem ser consideradas profundamente religiosas em uma roupagem não religiosa, ou seja, as narrativas aparentemente seculares revelam, no mínimo, uma profunda sensibilidade religiosa, ou acabam representando linguagens religiosas.

2.5.1 Início do filme

A primeira frase do filme é: “O que o espelho lhe mostra? O que você vê? Uma história muito contada. De como a Branca de Neve derrotou a rainha má, Ravenna e assumiu o seu trono. Mas há uma outra história que você ainda não viu. E que vem bem antes de "felizes para sempre”.²⁸

Já de início percebemos que o espelho tem um papel muito importante, o qual será descoberto ao longo da história. Porém, o narrador leva o expectador a pensar, a refletir sobre algo que muitas vezes está além dos nossos pensamentos. O que o espelho nos mostra? Tal pergunta pode nos trazer mais de uma resposta, já que cada indivíduo terá suas próprias percepções da vida ao olhar para um espelho. O que vemos ao olhar para este objeto? Geralmente vemos aquilo que nos é mostrado, apresentado, e o narrador cita uma história (qual seria?) muito contada. A princípio parece que seja necessário, ou talvez relevante que o expectador tenha um conhecimento prévio do conteúdo ou da história como um todo. Contudo, após essa fala, o filme nos conta então do que se trata. Branca de Neve, personagem muito lembrada em filmes, animações e narrativas, é citada nessa introdução. Aqui, é apresentada de forma heroica derrotando a rainha Ravenna colocada como má. Branca de Neve não apenas a derrota, mas assume o trono, portanto, passa a reinar como a nova rainha. A frase a seguir diz

²⁸ Nicolas-Troyan, Cedric. O caçador e a rainha do gelo. 2016. 00:38-1:29min.

que antes de tudo isso acontecer existe algo que precisa ser compartilhado. É interessante como isso desperta expectativas em que assiste. Há algo oculto, guardado, escondido que será enfim desvendado. Pelo tom da narração, cria-se um ar de suspense, medo, aventura, induzindo que antes de Branca de Neve derrotar a rainha Ravenna e tomar seu lugar, outra história precisa ser compartilhada explicando o que aconteceu antes.

Em muitas séries e novelas uma frase permeia o conteúdo: “Nos episódios anteriores...” ou algo parecido com isso. Tal informação é de fundamental importância pois traz à memória cenas e momentos passados. Algumas vezes, queremos até pular essa parte, pois o que nos interessa é a novidade, o novo episódio, o novo capítulo. Mas, quando se trata de filmes, estamos diante de uma produção mais longa, mais densa, e que muitos acontecimentos necessariamente precisam constar no filme (diferente de séries e novelas, por exemplo, que possuem outras oportunidades em novos episódios que surgirão para contar os fatos, ou seja, tem-se a sensação de que há mais espaço e mais tempo para contar a história).

“Antes de felizes para sempre.” Aqui estamos diante de uma frase muito comum em contos de fada, afinal, todos deseja um final feliz. Mas, e se ele não acontecer? Vemos que em alguns filmes, nem sempre o bem vence o mal ou pelo menos não totalmente, já que existem feridos e mortos de “ambos os lados”. A frase da introdução parece indicar que para acontecer um final feliz houve algo no passado que não foi feliz. Para se alcançar a vitória, é necessário passar pelas dificuldades da vida.

Branca de Neve e outras histórias são chamadas de contos de fada. Segundo Carolina Chamizo Henrique Babo, Mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero,

Como parte fundamental da psique, os contos de fada habitam nossa alma, dialogando a todo o momento com o que temos de mais valioso dentro de nós: nosso universo imaginário, simbólico, nossa capacidade de criar narrativas, inventar histórias e exteriorizar sonhos. Estudá-los e compreendê-los significa estudar e compreender não somente a história humana, mas, e principalmente, a história de cada ser humano, uma vez que eles pertencem aos reinos encantados do inconsciente e refletem diretamente na nossa mais importante forma de representação simbólica, que é a própria vida. (BABO, 2016, p. 2).²⁹

Conforme a explicação de Babo, contos de fada fazem parte de nós, do que imaginamos e sonhamos. A autora exalta também a capacidade criativa nessas histórias. Nesse sentido, vemos que os contos despertam em nós um outro mundo, uma nova porta aberta que nos convida a refletir sobre a vida e a elaborar símbolos que venham a nos representar de alguma

²⁹ Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1503-2.pdf>> - Acesso em 29 abr. 2024.

forma. Esses contos não estão distantes de nós, pelo contrário, fazem parte do nosso cotidiano e nos permitem ir além nos pensamentos e no imaginário.

O início do filme mostra Ravenna, a rainha má, tirando o rei do poder e então ela se volta para o espelho, objeto mágico da narrativa. Para além de um objeto, o espelho era o responsável pela invencibilidade de Ravenna, pois ela havia conquistado mais um reino e assim iria conquistar outros ainda no futuro. Trata-se de um objetivo claro: Ravenna tinha a missão de tomar o poder e destruir reinos, reforçando sua supremacia. Além do espelho como objeto principal, Ravenna tinha uma irmã, Freya, que permanecia ao seu lado em suas conquistas.

No entanto Ravenna tinha poderes mágicos e uma boa percepção de gestos e olhares, assim, logo percebeu que sua irmã sorriu para um rapaz durante uma sessão solene da morte do rei (morto por Ravenna). Depois, em uma conversa entre as duas irmãs, Freya se apresenta como inocente e disposta ao amor, já que está apaixonada por um dos súditos da rainha. Entretanto, Ravenna é má e não permite que o amor floresça. Nesse diálogo, Ravenna demonstra sabedoria profunda e até de prever o futuro.

Há também uma frase do narrador que diz:

A Freya não acreditou na irmã, pois o amor cega a mais clara visão. E quando a filha dela completou algumas semanas, o coração confiante da Freya foi recompensado. O amante escreveu. Enfrentaria a família e casaria com a Freya em segredo, no Jardim Real. Depois, com a filha, deixariam o reino para iniciarem uma vida juntos. (NICOLAS-TROYAN, 2016).³⁰

A narração induz a tônica do filme: uma negação do amor ou como se esse sentimento fosse o verdadeiro “vilão” da história. Freya não acreditou em sua irmã que amar não valeria a pena, e então sofreu as consequências por isso. No entanto, percebemos que houve uma manipulação dos sentimentos de Freya pela sua irmã Ravenna. Percebe-se na narrativa a maldade de Ravenna com objetivo de prejudicar sua irmã. Nesta parte, estamos diante de uma traição. Freya se sente traída pelo seu amante, pois havia planejado a vida juntos, mas o amor mais uma vez se apresenta como um problema e uma ilusão. A partir desse fato, Freya desperta seus poderes mágicos matando seu amante por congelamento, fato que dá início à sua trajetória como rainha do gelo.

Até aqui vemos como o filme irá se seguir, sem a princípio saber dos detalhes, porém a ideia norteadora já está presente. Freya, uma rainha boa, se torna má por causa de uma decepção amorosa. De gentil, passa a ser rancorosa, fria e contra a “ilusão” do amor, confirmando a previsão de sua irmã.

³⁰ Nicolas-Troyan, Idem, 2016, 06:40-08:40min.

2.5.2 Freya como a rainha do gelo

A narração conta que Freya se distanciou de sua irmã e criou seu próprio reino com seu exército. Começou também a recrutar crianças e a treiná-las com o objetivo de dar continuidade ao seu exército, conquistando assim mais e mais reinos. O poder que havia sido despertado em sua vida acabou refletindo no seu modo de governar. Passou a ter um palácio próprio, porém todo coberto de gelo, assim como as terras que estavam em seu poder. Antes campos verdes, e depois um reino gelado.

O objetivo de Freya é claro, e ela o apresenta através de uma lei que deve ser obedecida em seu reino: é proibido amar. Família, amor, tudo deve ser considerado passado, e ensina as crianças que recrutou que o amor é um pecado que ela não vai tolerar. Para isso, pede lealdade à sua lei e ao seu modo de governo: autoritário e maléfico.

Tudo ocorria bem, seu exército aumentava, suas conquistas se acumulavam e a soberania de Freya permanecia inabalável. Porém, algo o incomodava, especificamente seus dois melhores soldados: Eric e Sara. Eles eram vitoriosos, capacitados, mas tinham um defeito segundo a rainha do gelo: eles se amavam, e em um determinado momento Sara entrega ao seu amado um colar que estava usando e diz que aquele gesto significava um casamento entre os dois.

Rapidamente Freya detecta esse problema, e toma providências. Ela possui uma coruja branca que representa seus olhos no reino. Esse animal é a sua presença na sua ausência, ou seja, ela está sempre observando tudo o que acontece, principalmente se sua lei está sendo cumprida. Aqui temos a segunda traição sofrida pela rainha: seus melhores soldados se amam, assim eles infringiram sua lei. O casal pede para ir embora, mas a rainha não permite. Até diz que eles podem ir se lutarem contra alguns soldados, mas, na verdade, está mentindo para eles. Freya ironicamente se faz de vítima, já que alega traição pelo amor, e ainda diz que os dois podem vencer a luta contra os soldados já que o amor tudo vence. Com relação a esta última frase, a informação que o filme nos aponta é que ela uma vez ouviu essas palavras.

Quando o casal consegue vencer a luta contra os soldados, Freya faz surgir uma parede de gelo que acaba os separando. Eric vê Sara sendo atingida e morta do outro lado da parede, tenta ultrapassá-la mas é tarde demais. Depois, também é golpeado e jogado em um rio, sendo dado como morto.

A narração diz que Freya continuou da mesma forma: conquistando reinos e espalhando gelo pelas terras do mundo, porém, o império de Ravenna, sua irmã, caiu sob o reino de Branca

de Neve e seu caçador. O narrador afirma que existem maldades que não podem ser extintas ou derrotadas.³¹ Essa frase vem depois de o narrador falar da derrota de Ravenna, o que pode indicar que no futuro essa rainha irá ressurgir.

2.5.3 Sete anos se passam na narrativa

Sete anos se passam e a cena que se mostra é de Eric no reino de Branca de Neve segurando uma flor. Ele a coloca em cima de um amontoado de pedras, e, ao perceber que alguns cavaleiros se aproximam, ele profere a seguinte frase: “Até logo, meu amor.”³². Percebemos que Eric deseja manter viva a memória de sua amada, Sara, mesmo após sete anos desde os acontecimentos e de vê-la morrer pelo soldado de Freya.

Eric então é recrutado por soldados de Branca de Neve para uma busca: encontrar o espelho desaparecido. É mencionado que o espelho foi levado ao Santuário, um lugar misterioso não descrito, mas ninguém que foi levá-lo retornou da viagem. O espelho também provocou um mal a Branca de Neve, é o que mostra uma cena rápida dela ajoelhada em frente ao espelho chorando e gritando (posteriormente é mencionado que Branca de Neve está enferma por causa do espelho). O espelho assim é posto como um objeto do mal e que precisa ser encontrado antes que cause mais problemas. Branca de Neve ordena que Eric vá atrás do objeto e o deixe no Santuário para que a maldade que se encontra nele seja contida. Eric detecta que ele e os cavaleiros estão sendo vigiados por uma coruja branca, a qual é destruída por ele com um ataque lançando seu machado. Freya com tais técnicas de espionagem possui também agora o conhecimento do poder do espelho, e a história se segue no objetivo de capturar esse objeto antes da rainha do gelo.

Freya, sabendo do objetivo de Eric e os soldados de Branca de Neve, passa a obsessão de conseguir o espelho para si, alegando que dessa forma terá muito poder e poderá libertar e salvar todas as crianças, continuando seu plano de, na verdade, tirar crianças de suas famílias para aumentar seu exército de caçadores e destruidores de reinos. O objetivo da rainha é conquistar e dominar o mundo com a ajuda do poder do espelho, uma ambição que nunca termina.

Eric segue em busca do espelho juntamente com dois anões, também soldados de Branca de Neve. Eles seguem por uma floresta, por terrenos abertos e enfim chegam a um lugar, o que parece ser uma taverna. Eric pede informações sobre soldados que foram mortos próximo dali,

³¹ Nicolas-Troyan, Idem, 2016, 26:56-27:01min.

³² Nicolas-Troyan, Idem, 2016, 27:57min.

e, enquanto estão descansando e sentados à mesa, um grupo de caçadores de Freya chega no local. Porém, a mensagem não é de paz e sim para matar Eric, já que ele é considerado um traidor. Ele e os anões são atacados, e Eric quase morre na luta. Contudo, uma personagem misteriosa surge na cena atacando e derrotando os caçadores da rainha do gelo e afugentando-os. Para a surpresa de Eric, a personagem é Sara, até então considerada por ele morta.

Sara prende Eric e os dois anões em um outro lugar, aparentemente um local de refúgio longe dos caçadores e soldados de Freya. Sara se expressa como abandonada por Eric, dizendo que no dia em que Freya os separou com a parede de gelo, viu seu amado a abandonar e a fugir da responsabilidade de sua promessa, qual seja, vivos ou mortos ficariam sempre juntos. Eric tenta argumentar que não foi isso que aconteceu, já que ele viu um dos soldados matarem Sara do outro lado da parede de gelo. Aqui percebemos que Freya usou seus poderes mágicos para manipular a visão do casal, já que ambos viram algo que não havia acontecido de verdade, mas era o que a rainha queria que vissem, criando uma ilusão mental que os fez acreditar ser verdadeira. Sara explica a Eric que Freya a deixou presa por sete anos, e depois desse tempo enfim conseguiu fugir da prisão. Ela se vê injustiçada pela rainha e que teve um sofrimento que poderia ser evitado por Eric, justamente a situação que Freya desejou: a separação do casal por causa da traição que eles cometeram, qual seja, se amavam (o que era proibido em seu reino). Freya age na narrativa também como juíza, punindo o casal pela transgressão cometida.

2.5.4 As vulnerabilidades de Freya e a sequência da jornada de Eric e Sara

Há uma cena em que Freya está em seu palácio diante de um berço de gelo. A cena tem uma mensagem: o amor ainda habita em sua vida, de alguma forma. O berço traz à memória a filha de Freya que havia nascido, porém morta com pouco tempo de vida. O rancor e o ódio da rainha eram visíveis, tanto que a fez abandonar o amor, mas não por completo. Algo dentro de si ainda clamava por sua filha, um amor de mãe que havia experimentado por um curto espaço de tempo, porém suficiente para manter uma chama, mesmo que fraca, viva em seu interior.

Eric, Sara e os dois anões decidem fazer uma parceria para encontrar o espelho e levá-lo ao Santuário, mas Sara impõe uma condição: que, depois de conseguirem tal feito, eles se separem para sempre. Sara deixou seu pensamento otimista e positivo e deu lugar a ideias negativas sobre o amor, justamente o que a rainha do gelo queria. Ela chega a afirmar que não há esperança no amor e que Eric a deixaria novamente, dizendo que o amor termina em traição e que vai ser sempre assim concluindo que não há aspectos positivos no amor. Eric se mantém firme no pensamento de que ela está errada.

O grupo segue a jornada por uma floresta, e são capturados por duas anãs. A princípio inimigas, porém após um acordo todos se tornam aliados. A anãs desejam dinheiro, pedras preciosas e ouro, enquanto Eric, Sara e os dois anões desejam encontrar o espelho mágico. Eric oferece uma parte de uma arma que carrega, do tipo foice ou lança que contém um diamante na ponta. Elas informam que a arma pertence aos goblins. Segundo o site *Seres mitológicos*,

A mitologia nórdica é repleta de seres fantásticos. Um deles é o goblin, criatura que se assemelha aos duendes. Apesar de serem levemente semelhantes, os goblins são conhecidos por ser uma espécie de monstro com hábitos um tanto quanto selvagens e que pregam peças de mau gosto nas pessoas. (SERES mitológicos, Online, [s.d]).³³

Assim, percebemos que os goblins são criaturas fantásticas que aparecem na narrativa contra os humanos, porém também com o objetivo de manter o espelho em seus domínios e não com Freya. Há assim uma disputa de quem fica com o espelho, ou seja, quem fica com o poder.

Mais adiante Eric e Sara parecem se entender melhor, assim como os anões com as anãs. Enfim eles chegam ao lugar onde o espelho está. O local parece sossegado, tranquilo, porém as cenas mostram humanos e goblins mortos, o que parece em batalha. O ambiente parece também exercer uma mentalidade de tentações, ouro, pedras preciosas, tudo muito acessível e vulnerável, sem seguranças e armadilhas. De repente surge um goblin com colares de ouro, o que indica ser o guardião do local e do espelho. A luta começa. Depois de matarem o goblin, Sara percebe que Eric está usando um colar que ela havia dado de presente no início do filme, quando ainda serviam a rainha do gelo. Eric se sacrifica pelo bem do grupo, já que decide lutar contra outros muitos goblins da floresta. Sara atira uma flecha com fogo para destruir os goblins, mas Eric está junto lutando com eles. Ela decide atirar mesmo sabendo que poderia matar Eric. Nas palavras de uma das anãs, ela diz que Eric os salvou. O personagem principal acaba de se sacrificar em favor do grupo. Para o bem de todos, apenas um morre e traz paz e vida aos outros indivíduos. No entanto, Eric surge vivo, uma espécie de ressurreição em meio ao caos e ao conflito, ou ainda surge como aquele que escapou da morte.

O grupo passa a ter a posse do espelho, e os diálogos fluem. Um anão passa a gostar de uma das anãs, e Eric e Sara se encontram, tratando mais uma vez do tema do amor um pelo outro. Sara tenta negar esse amor, e ele insiste que o amor persiste. Sara alega que não se lembra como era, Eric diz que não pediram seus pecados e os acontecimentos de suas vidas, indicando que o que passou, passou. Sara diz que seu passado não foi bom e demonstra que se sente culpada pelas coisas que fez. Eric diz que está na mesma situação e que os dois se merecem. A chama do amor se reacende.

³³ Disponível em: <<https://seresmitologicos.com.br/goblins/>> - Acesso em 01 mai. 2024.

Acontece que, na posse do espelho, o grupo passa a correr riscos, e Eric então é manipulado pelo objeto que o chama pelo nome, ordenando que ele mate sua amada. Ele só faz isso porque está sendo manipulado, o espelho tem esse poder de tirar as vontades do ser humano e impor as dele.

2.5.5 O encontro “pacífico” de Freya com o grupo

Em um determinado momento, Freya juntamente com seu exército encontra Eric, Sara e os anões na posse do espelho. Sem dificuldades, faz ameaças, congela dois anões e afirma que Sara estava sob seu comando, traindo Eric o tempo todo. Eric afirma que a rainha pode enterrar tudo no gelo, mas que o amor vai resistir. Freya ordena que Sara mate Eric, então ela pega um arco e uma flecha e atira nele, provando para a rainha que realmente estava o traindo, enganando-o enquanto esteve com ele. Isso é o que Freya pensa, pois Eric, na verdade, sobrevive à flechada no peito já que sua amada atirou conscientemente, já possuía um alvo: o colar que havia dado a ele. Eric sobrevive e entende a mensagem dela, que na verdade, Freya é que foi enganada pelo casal.

A anã sobrevivente diz a Eric que Sara não está do mesmo lado deles, mas sim contra. Eric diz uma frase interessante, que ele não precisa que ela acredite no que está dizendo.

2.5.6 Freya toma posse do espelho

Freya enfim toma posse do espelho, momento mais esperado por ela. Estava agora diante do poder e da grandeza do objeto mágico, contudo, não sabia o que viria a seguir. Ao se aproximar do espelho, uma voz que sai dele diz para ela falar as palavras que estão grafadas nele: “A idade pode ser perversa àqueles que andam sozinhos. Quando olho para o Espelho, vejo como ficarei. Espelho, Espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”³⁴ (NICOLAS-TROYAN, 2016, 1:19:52-1:20:31min.). A frase indica vaidade, superioridade e domínio por parte de quem lê as palavras. Após a leitura, o espelho se materializa na forma da rainha Ravenna. Freya se surpreende com isso, e Ravenna diz que o espelho respondeu à pergunta que ela fez, qual seja, “Espelho, Espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?”. Ravenna afirma que não estava viva e nem morta, mas algo intermediário. Estava presa dentro do espelho, até que Freya a libertou dizendo as palavras grafadas nele.

³⁴ Nicolas-Troyan, Idem, 2016, 1:19:52-1:20:31min.

A ambição de Ravenna é semelhante à de sua irmã: ter seu próprio reino e conquistar outros. Ela também afirma que vai conquistar o reino de Branca de Neve, que antes havia derrotado Ravenna. Esta mostra a Freya que deseja atacar e reaver seu reino com táticas superiores e melhores, o que deixa a rainha do gelo furiosa pois percebe que começa a perder autoridade com Ravenna em seu reino. Ravenna, no entanto, lembra sua irmã que ela só possui poderes mágicos por causa dela, revelando assim sua origem dos poderes gelados.

Em seguida Eric e os anões sobreviventes entram no castelo de Freya. A rainha do gelo acata a ideia de Ravenna e organiza seu exército para conquistar o reino de Branca de Neve. Eric e Sara são capturados e sentenciados à morte por traírem a rainha pelo amor. Enquanto é levado até as rainhas (Freya e Ravenna juntas), Eric discursa em favor do amor e da família para os soldados, mas as rainhas não mudam suas decisões. O casal protagonista decide enfim se render e morrer juntos pelo amor. Acontece que o grupo de soldados decide se aliar ao casal, e Ravenna se prepara para atacar, seus poderes são muito superiores aos dos soldados que possuem apenas armas e sua coragem. Todavia Freya se vira contra sua irmã, não concordando com sua iniciativa já que é o seu exército que está sofrendo nas mãos de Ravenna. Freya consegue a informação que estava em seu interior, a dúvida que sempre a atormentava: por que ela se tornou contra o amor? A revelação final é que Ravenna iludiu seu então amado a tirar a vida de sua filha bebê, mostrando assim que não foi vontade dele, mas sim de Ravenna. A maldade estava inicialmente em sua irmã, não em Freya e nem nas pessoas.

Por fim, Ravenna mata Freya com um golpe de seu poder e revela que também era a favor do amor, mas percebeu que esse sentimento não era para ela. Em uma das cenas finais, Ravenna questiona Eric que ainda luta, mesmo sabendo que tudo estava perdido, e diz “Ainda acredita que o amor tudo vence? Pode não vencer tudo. Só você.”³⁵ Esse é o diálogo de Ravenna com Eric. Logo após essa cena, Freya, muito fragilizada e quase morrendo pelo golpe de sua irmã, consegue liberar seus poderes mágicos do gelo e congelar o espelho, este que estava ligado com Ravenna. Assim, a rainha verdadeiramente má morre e o conflito cessa.

Depois desses acontecimentos, Freya, prestes a morrer, tem uma visão que pela música e pela cena parece ser uma visão do passado, ou do futuro, não fica claro a proposta da cena. No entanto, a rainha do gelo pode morrer em paz já terminou sua vida vendo a si mesma segurando sua filha nos braços ao lado de um berço, retornando ao “primeiro amor” antes de

³⁵ Nicolas-Troyan, Idem, 2016, 1:39:42-1:39:58min.

sua transformação. Freya vê Eric e Sara juntos, representação de que o amor venceu mais uma vez, e depois então morre.

2. 5.7 Um final feliz

Um final feliz se desenha na narrativa. O mal foi derrotado, todos estão felizes, livres, o sol brilha e o amor sobrevive. O narrador também menciona que o reino de Branca de Neve está a salvo, o que reata a ligação com essa personagem importante nos contos de fadas. Interessante ver que mesmo estando apenas uma pequena parte de participação no filme, e ainda sem mostrar seu rosto, Branca de Neve é a base da luta final. Eric e Sara, juntamente com o exército do reino, conseguem impedir o plano de Ravenna e Freya, que era o de derrotar muitos reinos, principalmente o de Branca de Neve. O final parece indicar uma continuidade futura, ou para despertar um suspense do que poderia vir adiante, já que o narrador informa o espectador que alguns contos de fadas se realizam mas nem sempre terminam, e a cena final mostra também uma ave dourada, o que remete ao espelho mágico então destruído por Freya. Dessa forma o enredo termina com um final feliz e com um aviso de suspense para um próximo filme ou então para abrir uma possibilidade no mundo deste conto de fadas.

2.6. PONTOS DE VISTA

Quando vamos analisar uma arte (filme, série, imagem, música, por exemplo), partimos da possibilidade de existirem vários pontos de vista. Dependendo do local, do contexto e da sociedade, o foco da análise pode mudar. Trazendo a religião para este diálogo, por exemplo, cada ponto de vista religioso, de cada pessoa que acredita e põe em prática determinada religião, dentro de um estado, região ou país, de acordo com conhecimentos ensinados por seus pais e avós, dirá algo sobre uma arte. Dessa forma, entendemos que separar a vida cotidiana da vida espiritual muitas vezes não faz parte da realidade. Observar as artes a partir dos nossos olhares faz com que elas nos toquem, faz com que elas façam parte da nossa vida, ou seja, as artes passam de distantes a participantes próximas. Para isso acontecer, é necessário conhecer, estudar, participar e contextualizar as diversas artes do mundo, pois, assim, será mais presente uma relação de proximidade.

Segundo Penafria, existem três sentidos possíveis para a análise de pontos de vistas: 1-Sentido visual/sonoro; 2-Sentido narrativo; 3-Sentido ideológico (PENAFRIA, 2009, p. 8-9). Passemos agora a verificar cada um deles.

2.6.1 Sentido visual/sonoro

Segundo Penafria, o sentido visual/sonoro significa:

onde está a câmara em relação ao objecto a filmar? Que sons podem ser ouvidos ao longo do filme e em que momentos? Quais as características dos planos? Trata-se aqui de fazer uma análise ao filme nos seus aspectos visuais e sonoros recorrendo ou criando terminologia relativa à imagem e ao som. (PENAFRIA, 2009, p. 8).

É interessante perceber que o impacto das imagens e dos sons em um filme gera no ser humano muitas reações diferentes. Por exemplo, em um filme de comédia, dar risadas é algo natural; em filmes de suspense, a tensão se estabelece na plateia e o medo do desconhecido pode tomar lugar em nosso corpo, causando arrepios, expressões faciais e despertar a nossa imaginação. Acontece que, às vezes, se uma mesma cena fosse vista sem os sons espetaculares e assustadores, poderia resultar em reações mais leves e tranquilas. No mesmo sentido, o som isolado sem a imagem pode não gerar o efeito esperado, isso porque a partir dos sons imaginamos as cenas, mas não ver as personagens e o que está se passando na história pode desconectar pontos importantes da compreensão fílmica.

No filme *O caçador e a rainha do gelo* as câmeras são posicionadas estrategicamente para dar detalhes da narrativa. Isso porque as personagens, tanto as rainhas Freya e Ravenna quanto Eric e Sara são acompanhados de perto, sendo os protagonistas da história. Percebe-se que as demais personagens também tem lugar importante, porém não são mostradas com a mesma frequência das que mencionamos aqui. As câmeras geralmente acompanham a jornada das personagens, incluindo quando estas estão em movimento (cavalgando cavalos, por exemplo).

Outro destaque são os olhares. A produção captou bem a ideia da encarnação das personagens, visto que atuaram muito bem. A atriz que interpretou Freya, Emly Blunt, conseguiu viver a fase gentil e boa da rainha e a fase má e cruel dela. Antes, tinha um olhar de amor, de compaixão e ternura com as pessoas e com seu amado. Depois de seus poderes mágicos serem liberados, passou a ter uma pele pálida, agindo com frieza e sem amor, o oposto de sua “primeira versão” no filme. O olhar de maldade pode ser visto em Freya após sentir-se traída, porém, o olhar mais maléfico é de Ravenna, sua irmã. Esta permanece má em todo o filme, provocando mortes, destruição e engano a todos que encontra.

Assim como em nossa vida, muitas vezes um gesto, um olhar, uma atitude podem significar muitas palavras. Não é diferente com a trama. Olhares intencionais são percebidos

por Eric e Sara, olhares apaixonados e ligados. Por parte das rainhas, olhares de raiva, rancor, ódio e vingativos.

Um aspecto importante é o cenário do filme. As cenas parecem se passar na época medieval, já que pelas roupas, ambientes e a luminosidade predominante indicam esse período histórico. No entanto, necessário se faz mencionar que se trata de um mundo fictício, criado para essa história. As personagens usam roupas que parecem da Idade Média, juntamente com arcos, flechas, machados, escudos e lanças. O que sai deste padrão é o reino de Freya, que traz trajes reais brancos e estruturas de gelo por toda a parte. Outra parte que diferencia da era medieval são os caminhões encarregados de capturarem crianças para serem inseridas no exército da rainha do gelo.

Os poderes mágicos e habilidades extraordinárias das duas rainhas são bem apresentados, com recursos surpreendentes de brilho, grandeza e superioridade. Poderes como controle da mente (Ravenna), poder para derrotar inimigos (as duas) e capacidade de deixar terras congeladas (Freya) são alguns deles.

Florestas, montanhas, árvores e lugares afastados são alguns dos ambientes presentes. O visual é bom e mostra uma jornada de heróis e vilões, ou seja, há uma trajetória a ser percorrida.

O som do filme colabora para as emoções que surgem. Isso porque, como nos muitos filmes de ação e aventura, a música e o barulho aumentam conforme os conflitos se intensificam. Nos momentos de calma, canções leves são colocadas para indicar certa paz.

Em muitos filmes de animação, ação e aventura percebemos a presença de orquestras ou grupos musicais que contêm vários instrumentos, e quando são unidos e colocados em uma cena, tudo se transforma. A emoção e a expectativa aumentam, num ato de espera por algo que virá ou para reforçar determinada cena. Algo que pode enriquecer a experiência humana nesse sentido, são os diversos concertos espalhados pelo Brasil e pelo mundo que apresentam trilhas sonoras de filmes e outras artes, demonstrando que além de recursos tecnológicos, modernos e digitais, os instrumentos tocados pelos indivíduos continuam sendo valorizados e muito utilizados nas artes.

2.6.2 Sentido narrativo

Aqui desejamos investigar basicamente quem está contando a história. Importante dizer que iremos analisar a narração em português, mas o idioma original é o inglês. O contador, assim, é um narrador misterioso. Seu rosto não é mostrado, mas apenas sua voz. O narrador se

apresenta como conhecedor da história de Branca de Neve bem como de algumas outras personagens, afirmando que existe “outra história” que nós espectadores ainda não conhecemos, como o narrador disse: antes do felizes para sempre. A narração é firme e de fácil compreensão, parte essencial no enredo.

A narração conduz a história, destacando alguns pontos mais relevantes. Para Penafria, o sentido narrativo é essencial. Não somente na pessoa do narrador, mas também na forma que os acontecimentos estão sendo contados.

Nesse sentido, a forma de se contar histórias comunica muito a intenção e o conteúdo da narrativa, mesmo que o objetivo mude ao longo do tempo. Para isso, podemos citar os irmãos Grimm. Nascidos no século XVIII, eles revolucionaram o conceito e a forma de se contar histórias. Por meio de contos populares, alcançaram a sociedade de sua época, o que posteriormente se expandiria para todo o mundo, tanto que muitas histórias que conhecemos hoje como infantis foram elaboradas por esses dois irmãos, gerando influência e impactando a rotina de todos nós.

Isabel Hernández, escrevendo para o site *National Geographic Brasil*, explica que a primeira intenção dos Grimm não era produzir histórias para crianças. Ela diz:

[...] Os Grimms não tinham a intenção de publicar um livro de contos populares. Eles queriam ressuscitar a tradição oral alemã, mas, no processo, acabaram selecionando uma coleção de contos culturalmente abrangente. Embora os irmãos se tornassem um nome familiar por causa disso, *Contos Infantis e Domésticos* fez parte de uma busca maior: descobrir e preservar as formas orais e escritas da cultura alemã, para restaurar esse tesouro ao povo. Como filólogos, colecionadores, pesquisadores e editores, os irmãos ajudaram a estabelecer a metodologia de coleta e documentação do folclore. Sua abordagem pioneira e científica mudou o curso da linguística histórica, estabelecendo um padrão digno de imitação. (HERNÁNDEZ, 2020, Online).

Percebemos que o objetivo dos irmãos era nobre, ajudando seu país a resgatar a história e a cultura alemãs. Pesquisadores por excelência, mostraram que o folclore e contos populares além de relatarem histórias, transmitiam também o sentido e as raízes da tradição alemã.

Muitas vezes, quando iniciamos um projeto, seja acadêmico ou não, criamos expectativas, esperamos que aquelas ideias iniciais irão durar até o final do planejamento. No entanto, isso pode não ocorrer, gerando resultados diferentes e não imaginados até então. Assim, descobrimos que aquilo que não planejamos no início na verdade é um dos bens mais preciosos de nossa pesquisa, pois o impacto na sociedade, no coletivo, alcança o povo, toca a vida e traz sentido à própria existência.

Os irmãos Grimm, conta Hernández em seu texto acima referido, tiveram oportunidades na vida. Oportunidades de estudar, capacitar-se e de se tornarem influentes em sua geração e

nas posteriores. A autora ainda explica que “Os contos populares são tão antigos quanto a própria civilização humana. Uma síntese do falado e do escrito, uma fusão de diferentes versões para a mesma história. [...]” (HERNÁNDEZ, 2019, Online). O ser humano é movido por narrativas, histórias, contos que são interpretados na ficção como em filmes, séries, livros e desenhos. Contudo, essas histórias, mesmo que ficcionais, revelam mensagens eternas que dão sentido e propósito para a vida. A autora também afirma que, no texto original, os Grimm contam histórias não tão românticas e que não tem um “felizes para sempre”. Isso porque o público-alvo inicial eram os adultos e não as crianças. Fato é que por muitas razões esses contos chegaram até às crianças que sabem e conhecem essas histórias adaptadas para suas realidades e em linguagem própria para suas idades. Seja nas versões originais ou nas “hollywoodianas” e modernas, algumas ganhando espaço inclusive nos cinemas com a forma live-action, todas os estilos comunicam de alguma forma tendências, culturas e mensagens diversas.

C. S. Lewis, no seu livro *As crônicas de Nárnia* (volume único), ensina formas de escrever para o público das crianças. Discorrendo sobre contos de fadas, cita três autores (um deles sendo ele mesmo) que possuem pontos de vista diferentes, mas que se conectam:

Segundo Tolkien, [citando o texto de “On Fairy-Stories, Essays Presented to Charles Williams (1947)] o atrativo do conto de fadas consiste em que nele o homem cumpre de maneira mais plena sua função de “subcriador”; não faz um “comentário sobre a vida”, como adoram dizer hoje em dia, mas constrói, tanto quanto possível, um mundo subordinado que lhe é próprio. [...] Para Jung, o conto de fadas libera arquétipos que residem no inconsciente coletivo; e, quando lemos um bom conto de fadas, estamos obedecendo ao antigo preceito “Conhece a ti mesmo”. Ouso acrescentar aqui minha própria teoria, [...]. Refiro-me à presença de seres não-humanos que, não obstante, comportam-se, em diversos graus, como os seres humanos: gigantes, anões e animais falantes. [...] (LEWIS, 2009, p. 745).

Lewis apresenta aos leitores três pontos de vista distintos. Observando Tolkien em sua citação, o ser humano é um agente que cria, que elabora, que pensa e executa, havendo assim liberdade e oportunidade para sua criação. Já Jung traz o aspecto do inconsciente, algo mais profundo e que envolve conhecer a si próprio. Lewis destaca personagens que, mesmo não sendo humanos, buscam compreender a humanidade. Importante destacar que a linguagem deste autor comunica com as crianças, mas não apenas com elas. Nárnia influenciou e influencia gerações de crianças, adolescentes e adultos. Interessante notar o poder da imaginação e o que ela pode causar na vida humana real.

2.6.3 Sentido ideológico

Segundo Penafria, “[...] Aqui pretende-se verificar qual a posição/ideologia/mensagem do filme/realizador em relação ao tema(s) do filme. (PENAFRIA, 2009, p.9). Um filme pode

ter muitas mensagens, mas há uma que se sobressai e tem papel central na obra, o que popularmente é conhecido como “a moral da história”. Quando estamos buscando a mensagem fílmica procuramos encontrar o eixo, a base, o que define a narrativa e qual o objetivo dos produtores em elaborar e publicar tal obra de arte. Na verdade, tudo pode passar uma mensagem: roupas, gestos, falas, expressões faciais, atitudes, exemplos e assim por diante. No entanto, a arte também possui o papel de ensinar, de passar algo didático e prático para o dia a dia.

Dessa forma, não é diferente com *O caçador e a rainha do gelo (2016)*, percebemos que a mensagem central da obra é o tema do amor, apresentando-o em seus aspectos de afirmação e de negação, bem como as consequências que essas posições geram ao longo do filme.

De uma forma mais específica, a mensagem central do filme é que o amor pode ser uma ilusão. Utilizamos aqui a expressão “pode ser” por uma razão, qual seja, a de que, a depender do ponto de vista, um indivíduo pode pensar no amor sendo a solução para os problemas do mundo e outro indivíduo pode pensar que o amor é o problema a ser solucionado no mundo. Essa é a mensagem central: o amor como solução e como problema, a depender de quem o observa e de como o utiliza. A posição, ideologia e mensagem de Freya antes de liberar seus poderes mágicos era a de pregar o amor, de valorizá-lo ao ponto de se apaixonar. Após os acontecimentos de decepção no amor, a rainha do gelo muda radicalmente de posição, ideologia e mensagem, passando a pregar contra o amor e a exigir que seu reino siga esta regra.

Talvez um complemento para o sentido ideológico do filme sejam as seguintes questões: o que o amor pode causar no ser humano? O amor é sempre positivo? Todos pensam da mesma forma? Será que diante de uma decepção no amor o ser humano pode se tornar uma fonte de ódio? Em meio a tantas possibilidades, podemos refletir até quando o amor pode subsistir diante de situações limite.

2.7. ALGUNS TEMAS PRESENTES NO FILME *O CAÇADOR E A RAINHA DO GELO (2016)*

Como vimos até aqui, a arte comunica algo para um público e com um objetivo. Passaremos aqui a abordar temas que estão presentes no filme em estudo, tais como os lugares onde se passa a história, a importância dos cargos e funções, a literatura fantástica entre outros.

2.7.1 A linhagem real

Reis e rainhas são figuras antigas no imaginário de todos e, mesmo sem ter esse cargo, homens e mulheres históricas já exerciam um papel semelhante. Assim, aqui pretendemos alargar as fronteiras do conceito para atividades ou responsabilidades que pessoas tinham que os incumbida de autoridade e respeito, sendo superiores aos demais. Por exemplo, podemos pensar nos donos de terras, donos de escravos, possuidores de muitos bens e assim por diante. Mesmo não sendo reis efetivos, possuíam certo grau de hierarquia em relação às pessoas comuns.

No filme, a autoridade e respeito são impostos, sendo que os súditos e os indivíduos comuns são obrigados a obedecer. Dessa forma, sem poder de escolha, resta seguir as normas impostas para quem deseja sobreviver. O reinado geralmente é uma posição legítima para herdeiros ao trono: filhos, netos etc. No século XXI ainda existem países onde reis e rainhas são elevados ao trono e permanecem no cargo de forma vitalícia. Tais pessoas são dotadas de respeito, autoridade, soberania e possuem função ética, moral, cultural e histórica. Por outro lado, muitas vezes esses indivíduos fazem parte de uma posição formal, mas sem poder de decisão de fato. Para isso, os primeiros-ministros exercem enfim a movimentação parlamentar desses países.

Observando a narrativa fílmica, vemos que Freya, a rainha do gelo, ocupa a função em outro sentido. Ela governa, manda, autoriza e não autoriza, tendo o domínio sobre seu reino. Talvez lembre um tom mãos medieval, de senhorio e de posses. Nesse sentido, Freya vai aos poucos derrotando outros reinos e assumindo a primeira posição no "ranking" de reinos, ou seja, seu poder e ganância fazem com que outros povos caiam diante dela. Ela escolheu seu próprio destino depois de ter seus poderes despertados por Ravenna, sua irmã também rainha. Um de seus apetrechos reais é uma máscara, a qual a permite enxergar indivíduos que estejam em outros lugares até distantes de seu reino. No filme, alguns personagens chamam isso de espionagem, alegando que ela está vigiando tudo o que fazem. Ela faz isso por meio de uma coruja branca, que em um dos momentos é destruída por Eric que percebe a sua presença.

No filme, recursos financeiros não são importantes, já que Freya tem o domínio e poder sobre o gelo. Interessante que na história do mundo muitos reinados permaneciam por meio das finanças, seja do rei, da Igreja, de parceiros ou através de guerras vencidas. Tais recursos não eram necessariamente em espécie, mas sim por meio de armaduras, donzelas prometidas em casamento, terras entre outros. O recurso dava poder, e o poder gerava mais recursos. Assim, mesmo que a moeda não seja comercializada, Freya exercia também administração sobre seus

liderados, exigindo que reinados viessem a cair pelas suas mãos. Em algumas cenas, a narrativa mostra seus soldados, com destaque para Eric e Sara, derrotando outros reinos e trazendo suas coroas. O que é mais valioso que uma coroa em tempos de guerra de reis e rainhas? A coroa sempre foi um símbolo de poder, de autoridade e superioridade.

No filme, alguns soldados são mais próximos de Freya, auxiliando mais de perto suas atividades e servindo em tudo o que ela ordenar, enquanto as crianças que recruta para serem formados para seu exército treinam para serem futuros soldados. A *Enciclopédia do Estudante* (2008) ensina que a sociedade estamental e o feudalismo, na Idade Média, era formada por: 1. Realeza; 2. Alta nobreza e alto clero; 3. Nobreza média; 4. Grupos intermediários; 5. Grupos modestos; 6. Camadas mais pobres e 7. Marginalizados ou excluídos. (ENCICLOPEDIA DO ESTUDANTE, p. 110, 2008). O cenário que se passa no filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) é semelhante em sua constituição, apesar de não possuir, pelo menos de forma clara na narrativa, alguns elementos dessa sociedade. Por exemplo, no filme não vemos a classe da alta nobreza e do alto clero, dos grupos intermediários que seriam artesãos, comerciantes e pessoas mais ricas. Também não verificamos grupos modestos (camponeses com terras, pequenos artesãos e comerciantes etc.). O que mais se vê é o poder centralizador de Freya (realeza), talvez uma nobreza média (com seus cavaleiros) e as camadas mais pobres (servos e trabalhadores humildes), estes últimos na verdade sendo a maioria sem profissão estabelecida quando chegam ao palácio real, já que são crianças recrutadas para aquele exército. O grupo de marginalizados e excluídos parece não aparecer no enredo. (ENCICLOPEDIA DO ESTUDANTE, p. 110, 2008).

2.7.2 Seres e animais fantásticos

No filme existem vários seres e animais fantásticos. Fadas, mágica e poderes estão muito presentes nas personagens. Em muitas histórias percebemos a presença de seres e animais fictícios, alguns com espadas, chifres, que voam, além de suas aparências distorcidas e de acordo com a dualidade do bem contra o mal. Interessante que tais figuras despertam em nós emoções boas e ruins. Por exemplo, ao ver um animal alado bom e gentil, por exemplo, nossa atitude é semelhante. Temos compaixão, achamos beleza e paz. Por outro lado, se criaturas horrendas e mas aparecem em nossas telas, nossa vontade é desejar sua morte e sofrimento.

Nesse sentido, outro aspecto pode ainda suscitar mais pesquisas: os seres da ficção tocam a nossa vida. Podem não ter nossa aparência, não ter a voz humana e podem até viver

em florestas e pântanos. O que salta aos nossos olhos é ver a humanidade dentro deles. Como isso é possível?

Na verdade, os dramas da ficção não estão distantes do ser humano. Quem não gostaria de reinar e governar uma ilha, estado, país e mundo? Talvez um grupo não gostaria, mas outros sim. O desejo de ser superior, de ver o sofrimento de quem causou sofrimento, de ver morte em quem causou morte parece estar na natureza humana. Mas, por quê? Guerras, conflitos, epidemias, doenças, divisão... Tudo parece estar mudado, sentimos que não vivemos mais em paz e harmonia.

Seres fantásticos parecem sempre estar bem, felizes e em algum lugar melhor do que nós. Por isso muitas personagens saem de seus mundos, de sua rotina e de seus costumes para viver uma aventura em outro mundo, melhor, maior e com infinitas possibilidades. A ficção chama a nossa atenção, as vezes pelo deslumbre e as vezes como fuga da realidade. Fato é que não podemos negar: o mundo da ficção impacta direta ou indiretamente nossas vidas, positiva ou negativamente. Desejamos estar lá, desejamos ser como príncipes e princesas, desejamos um ideal inexistente, mas que acalma e traz esperança. Ao mesmo tempo, lidamos com princípios existentes, mensagens que são passadas nos filmes, séries, livros e desenhos animados.

2.7.3 Alguns ambientes presentes na narrativa

Em histórias de ficção e aventura os ambientes ganham destaque. Florestas, casas abandonadas, santuários, rios e mares etc. No filme que estamos estudando, isso não é diferente. Além dos ambientes, a iluminação dos ambientes lembra momentos mais tristes, melancólicos, dias chuvosos, o que parece reforçar o poderio da rainha do gelo e seu reinado de frieza e opressão.

1. O castelo ou palácio de Freya: um dos lugares de destaque é o palácio de Freya. Grandioso, majestoso, gelado e afrontoso. Quem está do lado de fora dificilmente deseja entrar ali. O ambiente fala, comunica e expressa o propósito de sua existência: causar maldade e sofrimento a todos que chegam perto. O castelo da rainha exala sua majestade e domínio, oprimindo seus soldados só pela forma e pelo clima extremamente frio. Ambiente nada confortável, a não ser para a própria rainha. Interessante o contraste do gelo, que é algo que muitas vezes perece logo, no reino de Freya tudo é sob gelo, e seu poder mantém o palácio intacto.

Em muitos filmes vemos castelos, palácios e casas reais com toda sua majestade e beleza. Tal questão demonstra poder, superioridade e que alguém detém o domínio sobre determinada região. Nas batalhas em que o exército da rainha do gelo luta, seus soldados, liderados por Eric e Sara, trazem para ela coroas que representam a derrota de outros reinos, um sinal de sua conquista de territórios.

2. O santuário: trata-se de um ambiente citado no filme porém não mostrado, mas muito comentado pelas personagens. A palavra "santuário" nos remete a santo ou santificado, um lugar separado para culto ou adoração. Na história, o objeto que deve ocupar esse local é o espelho mágico, tão cobiçado por Freya. Acontece que Eric e Sara, juntamente com seus amigos, precisam impedir a rainha de possuir o espelho pois se isso ocorresse teria poder ilimitado.

O filme não deixa claro se o espelho é de fato um objeto de culto e adoração, mas sua menção como pertencente a um santuário pode indicar sentidos semelhantes. Talvez, um objeto tão poderoso seria o equilíbrio das terras e dos reinos, não sabemos ao certo. Mas, o santuário é um lugar de pertença e o espelho precisa ser devolvido ao seu devido lugar.

No livro *Branca de neve e o caçador* (2012) há uma descrição do espelho: “[...] Parecia um escudo redondo de bronze extremamente polido. [...] Era muito maior do que o que sua mãe havia segurado diante dela há tantos anos e era ainda mais poderoso.” (Blake; Daugherty; Hancock; Amini, p. 18, 2012). Nesse trecho do livro que é a base para o filme de mesmo nome, os autores da obra escrevem sobre Ravenna, irmã de Freya (esta não estava presente no enredo ainda). Ravenna havia tomado o reino ao qual servia e trouxeram então o espelho para ela.

Os mesmos autores acima escrevem a história do primeiro livro e filme de 2012, e contam o início da história da rainha Ravenna. Essa rainha faz uma pergunta para o espelho, e então ele responde:

- Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas? – perguntou.
A superfície do espelho ondulou. Um líquido se derramou no chão próximo aos pés de Ravenna, se transformando em uma estátua de bronze quase tão alta quanto ela. A figura estava envolta em tecido grosso, mas refletia exatamente o rosto de Ravenna. (BLAKE; DAUGHERTY; HANCOCK; AMINI, p. 18, 2012).

O trecho acima nos revela as características do espelho mágico, exatamente da mesma forma que aparece para Freya em *O caçador e a rainha do gelo* (2016). Interessante notar que o espelho, nessa cena, se faz semelhante à rainha Ravenna, mostra-se como um ser vivente. Realmente a proposta do espelho é inteligente, refletindo a rainha de forma igual, com características parecidas e com a forma de existir parecida. Notamos também que esse objeto

mágico, pertencente a um lugar chamado santuário, reflete o indivíduo que o chama através da pergunta.

Portanto, o santuário, que não é mostrado no filme, é o local que abriga esse espelho misterioso.

3. Florestas: bosques, árvores, flores e animais vivem em florestas. No entanto, tratando-se de uma ficção e aventura, também pode ser o lar de seres mágicos e terríveis, ou até a própria floresta pode ser uma ameaça. Em uma das cenas, algumas personagens cogitam não entrar na floresta afirmando ameaças que podem existir nela. Para isso, o filme apresenta exemplos de contos de pessoas que sofreram ao enfrentar caminhos de florestas sombrias, seja pelo mal arraigado na própria vegetação amaldiçoada ou por seres maus desses ambientes.

Em um momento do livro *Branca de Neve e o caçador* (2012), a Floresta Sombria é mencionada. Em um diálogo entre um general chamado Cavaleiro Negro e Ravenna, o general apontou em um mapa o local da floresta, “[...] A extensão monstruosa de árvores era tão perigosa que ninguém entrava nela. [...]” (BLAKE; DAUGHERTY; HANCOCK; AMINI, p. 34, 2012). Em outro diálogo do enredo, desta vez de Branca de Neve com o caçador, há mais um relato de detalhes dessa floresta: “[...] As árvores se moveram, seus ramos pendiam de uma forma não natural, como se estivessem tentando alcançá-la. [...]” (BLAKE; DAUGHERTY; HANCOCK; AMINI, p. 87, 2012).

4. Lugares isolados ou lugares de paz: nesses ambientes, a maldade de Freya e seus poderes dificilmente encontram espaço. Por exemplo, o subterrâneo do palácio da rainha do gelo, um lugar com águas tranquilas, escuro sem vigilância. Tal espaço é propício para o amor e a paixão, tanto que Eric e Sara combinam de se encontrarem ali para terem um tempo a sós, já que se amam. Outros lugares como casas abandonadas, até no meio de florestas como locais de refúgio, são também ambientes mais isolados e de paz.

Alguns ambientes causam medo, suspense, alegria e paz, mas em todos há uma mensagem, algo que inspira ao amor ou à negação do amor, que é justamente a posição central do filme que visa apresentar essas duas questões colocando-as na “balança” da justiça. Dependendo do ambiente em que as personagens estão, seu semblante, suas falas, gestos e sua forma de comunicação são alterados. Ambientes de perigo como florestas e o palácio da rainha do gelo causam desejo de afastamento e não de proximidade, de medo e não de amor. Ambientes como o santuário, mesmo que apenas no imaginário do espectador, passam uma mensagem de segurança e paz para todos. Os lugares isolados e pacíficos também causam essa sensação, principalmente de segurança e da liberdade que existe nas várias expressões do amor.

2.7.4 Possível ambientação histórica e social do filme

A narrativa se passa em alguns cenários, como vimos anteriormente. Ora está no palácio, ora na floresta, às vezes em ambientes reservados ou até em direção a um santuário, o que permite o espectador transitar nesses ambientes que despertam emoções, alegria, raiva, medo, vitória e derrota. Mesmo sendo muitos fatores envolvidos, uma marca da história do mundo parece estar presente do início ao fim. Estamos falando da Idade Média ou era medieval. Flávia Amaral, escrevendo para a revista *Sobre Ontens* da UERJ, explica que esse período histórico muitas vezes é apresentado em duas perspectivas: uma delas é a chamada “era das trevas”, considerado um período escuro, sombrio. De outro lado, há o pensamento do romantismo do século XIX com princípios morais e éticos. Seguindo esse raciocínio, Amaral continua que:

No cinema, sem dúvida, essa dicotomia está presente, por vezes em um mesmo filme que pode oscilar entre cenas que retratam o devotamento do cavaleiro a seus companheiros e sua dama, a tomadas que fazem o espectador ter verdadeiro ódio dos “senhores feudais” e da exploração servil. (AMARAL in BUENO, ANDRÉ; BIRRO, RENAN; BOY, RENATO (org.), 2020, p. 22).

Interessante observar que o mundo medieval já foi retratado em muitos filmes, séries e livros. O tom medieval, dos cavaleiros, dos castelos, florestas, exércitos e reinos nos parece fascinar, algo mais profundo que sensibiliza nosso interior. Um dos temas muito tratados nessas narrativas é a guerra e a conquista. A afirmação de Amaral nos faz refletir quando de dualidade também está presente nesses contextos que envolvem história e ficção.

Eric e Sara são dois apaixonados que lutam a favor do amor, ambos têm o mesmo objetivo. Porém, Freya e Ravenna estão do lado oposto, o da negação do amor. Em muitas histórias de romance percebemos quase sempre um casal que deseja se unir em matrimônio ou viver juntos para serem enfim felizes para sempre. Contra esse casal quase sempre há uma figura principal que representa o mal, este que convoca seus súditos e soldados para batalhar e destruir o amor que tenta brotar.

As roupas no filme têm uma semelhança: quase sempre possuem apetrechos para a luta. Isso significa que as personagens viviam em guerra, alertas, prontas para o combate em um mundo de reinos que estão sempre um contra o outro. Percebemos aqui uma forma de resolução de conflitos: a guerra. Ao vermos nos noticiários, nas redes sociais ou outros veículos de comunicação que uma guerra está acontecendo em algum país, nossa reação pode ser diversificada. Medo, angústia, suspense, empatia, repulsa entre outros, e, nesse sentido, o resultado das guerras afeta todos, inclusive os que não lutaram. Famílias sem seus parentes,

pais sem seus filhos, comércio e escolas interditadas e assim por diante. Desgraça, ódio e morte são geralmente os resultados das guerras. Freya declarou guerra não apenas contra pessoas e reinos, mas principalmente contra o amor. Em seu reino ela estabeleceu a lei da proibição de amar, explicando que considerava isso como um pecado.

2.7.5 A figura feminina no filme

Em muitos filmes a figura feminina é mais evidente. Podemos pensar alguns motivos que levam a esse fato: pelo fator histórico, já que em alguns ambientes essa figura em evidência se fez sempre comum e notório; pelo fator do conto, onde os contos de ficção e suas mensagens a serem passadas tiveram como protagonistas as mulheres; pelo fator de protesto, quando grupos de mulheres reivindicam suas posições sociais, políticas e econômicas para serem mais justas e em situação de igualdade com o sexo masculino, entre outras possibilidades.

Em *O caçador e a rainha do gelo* (2016) podemos apresentar três personagens femininas com posição de destaque: Freya, Ravenna e Sara. As duas primeiras do lado do “mal” e Sara como a do lado do “bem”.

Bruna Farencena Dotto, bacharel em Comunicação Social, explicando sobre a análise das princesas presentes nos contos de fada, filmes e desenhos animados, por exemplo, diz que são tratadas de muitas formas porém com algumas semelhanças, como por exemplo a posição dessas mulheres, muitas delas herdeiras ao trono real e sendo as ou uma das protagonistas de suas histórias. Dotto ensina que

A influência da imagem das princesas para meninas ou até mesmo para meninos é muito grande, pois se aprende que a imagem da mulher é de ter determinado padrão corporal, determinado comportamento, usar determinados tipos de roupa e agir de modo a sempre agradar o personagem masculino, porque a sua história gira em torno do príncipe o do viver felizes para sempre. (DOTTO, 2017, p. 25).

Importante destacar que tal afirmação não se torna um padrão, mas deve ser considerado pois por vezes historicamente houve a distinção e inferiorização da mulher em relação ao homem. Aqui percebemos a seguinte discussão: as mulheres estão como protagonistas porque realmente estão sendo valorizadas e colocadas em situação de igualdade ou por pena ou sentimento de culpa? No filme, existem outras mulheres como as anãs, por exemplo. O foco então está mais nas mulheres, e dessa forma as colocam em evidência. Aqui também entramos em um tema abrangente que é a questão de gênero.

Freya, após despertar seu poder interior, se torna uma referência de poder, assim como já o era Ravenna. Acontece que o filme mostra o povo temendo as rainhas por medo e não por

respeito. As rainhas possuem beleza, têm domínio sobre todos e reinam absolutas. A questão é o reflexo desta beleza, domínio e poder que causam efeito negativo em todos os soldados e em toda a narrativa, já que são ameaças para outros reinos e exércitos, mas, principalmente, são ameaças ao amor. Sara, na história, possui destreza, habilidade e beleza, mas só utiliza suas características para o mal quando está sob o comando de Freya. Fora desse alcance, Sara se torna leal a Eric e outras personagens. A diferença da figura feminina entre as personagens é que as duas rainhas negam o amor e Sara o afirma. Àquelas lutam contra todas as formas de amor, Sara luta para que o amor permaneça. Assim, ao observarmos os comportamentos de Sara, vemos que o povo em geral a admira e a respeita, mostrando que a mensagem central do filme é sobre a negação e a afirmação do amor.

No filme, tanto Eric quanto Sara são soldados treinados por Freya e ambos exercem igual posição entre os súditos, não havendo distinção de gênero. A reportagem de Cláudio Fernandes, escrevendo para o site *Brasil Escola*, explica que há um pensamento errôneo sobre esse período com relação às mulheres, já que muitas trabalhavam e exerciam papéis importantes na sociedade.

Outra questão que vemos em filmes, séries e livros é sobre a figura das mulheres associadas a poderes mágicos. Nas histórias, alguns personagens masculinos exercem autoridade política e social, como reis, por exemplo, e que algumas vezes possuem tais poderes. Por outro lado, em outras oportunidades fílmicas e de enredos, observamos rainhas, idosas, madrastas e mulheres em geral muitas vezes relacionadas às práticas mágicas. O texto publicado por Fernandes nos ajuda a compreender o papel feminino e seu impacto em algumas histórias:

[...] No que se refere à questão das práticas mágicas, feitiçaria, bruxaria, etc., a figura da mulher estava, sim, diretamente relacionada. Isso acontecia em virtude das misturas culturais entre ritos pagãos, de origem romana e germânica, e concepções do cristianismo popular sobre os demônios, ou entidades inferiores. O culto pagão da fertilidade, por exemplo, tinha grande lastro na Idade Média. Contudo, os surtos persecutórios às mulheres identificadas como “bruxas” partiam mais da população que procurava “bodes expiatórios” para explicar algum desastre natural, como secas, enchentes, peste etc., e menos da Igreja e da Inquisição. A Inquisição, aliás, nasceu como forma de contenção dos linchamentos públicos que eram levados a cabo contra alguém acusado de heresia. A “caça às bruxas” só se transformou em uma campanha com estandarte religioso na Idade Moderna, quando o Estado, a autoridade civil, já havia se superposto à autoridade da Igreja e aos seus critérios. (FERNANDES, 2024).³⁶

A fala de Fernandes nos traz luz para o tema da religião e da cultura. Observamos que, conforme explicado pelo autor acima, muitos preconceitos e formas de discriminação foram

³⁶ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/a-situacao-da-mulher-na-idade-media.htm> - Acesso em 21 jun. 2024.

estabelecidos socialmente por influência ritos pagãos e cristãos, mostrando a nós que independentemente da raiz religiosa ou mágica, sempre que houver formas de discriminar e desrespeitar um indivíduo, essa questão precisa ser analisada e combatida pelos meios legais.

Assim, necessário se faz estudar como na Idade Média tais questões ditavam as regras de conduta dos cidadãos e do dia a dia comum de todos. Segundo Alauanda de Vasconcelos Fernandes, mestre em estudos literários pela Universidade Federal de Uberlândia, ensina que “[...] Durante a Idade Média, não havia diferenças entre adultos e crianças, ambos eram tratados igualmente: participavam de guerras, festas, reuniões políticas, sendo somente excluídos das decisões mais importantes. [...]” (FERNANDES, 2017, p 12). Nesse sentido, percebemos a ambientação histórica que o filme traz, com cenas em que crianças são recrutadas para o palácio da rainha do gelo a fim de serem seus soldados. Uma imposição dela que tinha o objetivo de conquistar e destruir outros reinos que estavam sem seu caminho. Estamos pois diante de um período histórico e do filme em que as crianças não possuíam direitos básicos à infância e juventude, sendo impulsionadas para o trabalho e batalhas diversas. Mesmo sendo um costume ou conduta considerada comum, tal questão nos ensina muito quando comparamos com os dias atuais.

Ficamos imaginando os recursos dessa época, a tecnologia, os costumes, a prática religiosa etc. Como ensina Fernandes, havia a necessidade de se encontrar culpados pelos desastres naturais, e as mulheres muitas vezes desprezadas recebiam o rótulo de bruxas e feiticeiras e serviam de bodes expiatórios. Inclusive, com a expressão “bode expiatório” trazemos à memória a palavra “expição”, que, segundo o Dicionário da Bíblia de Almeida significa “O perdão dos pecados daqueles que se arrependem deles e os confessam, acompanhado de reconciliação com Deus, através do sacrifício de uma vítima inocente. No AT a vítima era um animal, figura e símbolo do Cristo crucificado [...]” (KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 71). Dessa forma, era necessário alguém sofrer punição em lugar de outra pessoa ou grupo. Naturalmente, quem tinha poder e autoridade possuía liberdade para prender, torturar e matar mulheres consideradas bruxas e feiticeiras. Diante de tudo isso, percebemos que há algo por trás dessa perseguição: o medo e a ameaça à ordem estabelecida. Portanto, diante do medo do desconhecido, do mágico, do poder oculto, utilizava-se o remédio da eliminação social. Diante das ameaças de tais mulheres, imaginava-se um perigo iminente a ser combatido, cenários sombrios da história da humanidade.

No filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) Freya e Ravenna ganham essa posição de mulheres com poderes mágicos e com capacidade de fazer feitiços. Importante mencionar

que o contexto da narrativa é diferente do anterior, já que as duas rainhas são dotadas de poder econômico e social, têm cargos de prestígio e autoridade consolidada. Assim, dificilmente as duas rainhas sofreriam as acusações de grupos religiosos ou do governo. Entretanto, por outro lado, ambas as personagens sofrem com seus poderes mágicos, pois estes as consomem por dentro, tirando toda a alegria e paz, deixando-as com ódio e práticas do mal propositalmente afetando a vida de pessoas “comuns”, que não exerciam autoridade e poder. Nesse ponto podemos considerar que aparentemente Ravenna e a rainha do gelo estavam com o controle do reino, governando e derrotando mais inimigos. O filme expressa a luta interior das personagens diante dos estereótipos que a humanidade tem sobre rainhas com tais poderes.

2.7.6 A estação do inverno

Após Freya ter seus poderes mágicos aflorados, quase todo o filme se passa na estação do inverno. Porém, não se trata de motivos naturais como o curso normal das estações do ano, ou uma frente fria que chegou. Ao contrário disso, a rainha do gelo é que determina essa estação. Seus poderes fazem com que tudo seja coberto de gelo e neve, o palácio real, florestas, casas, entre outros lugares. A estação fria tem papel fundamental na vida das personagens, gerando consequências que vão além da necessidade de aquecimento em meio ao frio.

Para além disso, Freya gera o esfriamento do amor, exigindo que nenhuma forma de amar é permitida em seu reino. A estação gelada e a frieza da rainha fazem todo o sentido na narrativa, onde ela tem um coração endurecido, mal e que é contra o amor. Em uma das cenas, um de seus soldados entra em seus aposentos para trazer uma notícia, mas entra com uma vela acesa nas mãos. A rainha o repreende veementemente afirmando que o ambiente deve estar sem fogo. Assim, percebemos que Freya fez tudo isso de dentro para fora, ou seja, a partir de suas convicções e pensamentos sobre o amor tudo ao seu redor foi afetado, onde o exterior era um reflexo de seu interior.

Percebemos na narrativa que há um tom comparativo entre Freya e Ravenna. Freya: no início pratica o amor, mas se torna fria, indiferente, contra o amor, má e vingativa. Ravenna: no início pratica o amor, mas desde essa época era enganadora e má, já que utiliza o amor para conquistar reinos. Ravenna também se volta contra o amor e é vingativa. Freya vem a ser a rainha do gelo, e Ravenna não possui características de uma estação gelada. No decorrer da história, o que as une é a guerra contra o amor.

Interessante notar que o inverno interno de Freya atinge a todos do palácio e da história, e sua maldição gelada separa as personagens principais Eric e Sara. Nesse sentido, também

consideramos que o gelo, em si, muitas vezes é frágil e fácil de se quebrar. No entanto, Freya solidifica o gelo ainda mais, trazendo p significado de que é forte, firme e poderoso.

Na história o sol parece não brilhar com força, e o cenário do filme é mais triste e sombrio. Enquanto a rainha do gelo reinar, será constante inverno e não haverá espaço para estações quentes. Enquanto a negação do amor prevalece, a luta da afirmação do amor é também travada e tende a reviver, principalmente nas figuras de Eric e Sara.

Estação do inverno contribui ainda para o estabelecimento de dois lados opostos: o lado “quente” e do lado “frio”, do amor e do desamor, da lealdade e do desleal, da afirmação e da negação. Trata-se de um mundo dualista, com apenas dois lados a serem escolhidos, dois caminhos a serem percorridos. Nesse sentido, há a imposição de Freya para seus soldados ficarem do seu lado, do lado de gelo. Seu discurso é de que o lado “quente” do amor e da família são enganos e mentiras. A frieza de Freya gera a imposição de suas regras, fazendo com que todos sejam como ela é.

Portanto, Freya é quem torna realidade o inverno no filme. Contudo, a verdadeira causadora desse inverno interno, e posteriormente externo, é sua irmã Ravenna que cria circunstâncias falsas para a rainha do gelo acreditar que o amor é uma mentira. O filme traz frases afirmando que mesmo sob gelo e neve o amor sobrevive, mostrando que mais importante do que está do lado de fora é o que está dentro dos sentimentos e do coração de cada um. A estação exterior não interfere necessariamente na estação interior.

2.7.7 Símbolos, elementos e personagens que podem dialogar com o cristianismo

Podemos verificar muitos símbolos, elementos e personagens em *O caçador e a rainha do gelo* (2016), e aqui pretendemos elencar alguns deles com o objetivo de no terceiro capítulo propor a correlação entre o filme e o cristianismo.

Espelho: O espelho na história do filme ganha grande importância e é o objeto que possui mais poder. Seria ele um objeto religioso, uma espécie de amuleto, um objeto que realmente dá poder? No cristianismo existem objetos que possuem esses significados? Seria ele um objeto adorado? Cultuado? Poderoso? Além de seu poderio, é também objeto de consulta, um conselheiro ou sábio. Ele ganha vida, um ser mágico que dialoga e fala a verdade. Apesar de demonstrar sabedoria e autoridade, porém posteriormente no filme é manipulado pela rainha Ravenna. O espelho precisa estar sempre protegido, guardado. Há alguma relação do espelho com a Bíblia (personagem, capítulo ou versículo)?

Colar: O colar que Eric e Sara usam no pescoço seria religioso? O que um acessório poderia ter de tão especial? Será que é apenas um colar qualquer ou há um poder místico sobre ele?

A posição da rainha: seria uma posição religiosa? Historicamente, muitos reis e rainhas foram considerados ou equiparados a deuses. As características de Freya e de Ravena comprovam esse poder místico e ao mesmo tempo da realeza? O palácio (ou reino) de Freya pode ser uma figura religiosa?

O bem contra o mal: na narrativa há seres bons e maus, gerando sempre conflito entre os dois lados. A luta do bem contra o mal é algo religioso e cristão?

Servir a rainha: temas como lealdade e fidelidade podem ser religiosos? Cristãos? Serviço pode estar relacionado a fé e esperança?

Negar o amor pode ser uma expressão religiosa e cristã? Seria religiosa?

Impedir as crianças de crescerem com suas famílias seria uma violação do princípio cristão familiar?

A estação do inverno: o frio pode ser associado à frieza humana? O esfriamento do amor tem relação com o cristianismo? Qual a relevância dessa mensagem?

O amor invencível: seria a ideia de um amor perfeito e sem intenções desviadas? O amor vence, mas o que é o amor? É real ou utópico? Tem respaldo cristão?

O altar de pedras: Em um certo momento, Eric faz um amontoado de pedras e coloca ali uma flor. E diz "Até logo, meu amor." Seria uma forma de manter a presença de sua amada sem tê-la por perto? Seria uma forma de trazer à memória a sua importância? Seria uma forma de revivê-la? Seria uma forma de cultuar no sentido de cultivar uma lembrança de sua amada Sara, criando assim uma cultura de memória?

Uma soteriologia da rainha do gelo: Segundo seu discurso, Freya deseja o poder do espelho para libertar e salvar as pessoas. Ela possui uma visão de salvação diferente, pois acredita que aumentando o seu exército e capturando crianças contribuirá para a sociedade, uma espécie de mal justificável. A sua vontade de conquistar territórios e povos não termina, e ela vê no espelho a possibilidade para enfim dominar todos esses povos. Freya estaria apresentando um plano de salvação porém com mortes e destruição? Talvez haja também aqui uma ideia de sacrifício para o bem comum, já que em sua visão vale a pena sacrificar os sonhos e as famílias das crianças para que eles venham a crescer e se juntar ao seu exército. O tema do sacrifício pode ser visto no cristianismo? Tem o mesmo significado? Seguir a Jesus Cristo é se sacrificar para um bem comum?

A verdade absoluta: Freya tem uma convicção de verdade muito definida, mas isso não quer dizer que seja algo bom. Sua determinação de verdade como rainha teria relação com os reis e rainhas da Bíblia? No cristianismo há uma divindade a quem consultar antes da monarquia tomar suas decisões? Há escuta e aprendizado com Deus ou apenas a imposição de autoridade?

As características de Freya podem ter relação com outras religiões além do cristianismo? Se sim, qual e como?

Percebemos que há muitos símbolos, elementos e personagens no filme que podem ser associados às linguagens religiosas, e no capítulo três iremos desenvolver esses assuntos e investigar se existe essa possibilidade de correlacionar o filme com o cristianismo.

Através de seres fantásticos e poderes mágicos, um grupo prega a negação do amor e outro prega sua afirmação. A narrativa nos leva a entender os motivos de cada grupo, encontrando o que realmente os leva a afirmar ou negar algo, buscando seus fundamentos.

No próximo capítulo iremos nos aprofundar na correlação que o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) pode ter com o cristianismo em seus símbolos, frases, discursos e outros aspectos, isso mediante a permissão de análise do teólogo Paul Tillich em seu método de correlação.

A narrativa desperta no ser humano sensações que tocam a vida cotidiana, nos mostrando que não estamos tão distantes assim do que se passa na ficção.

CAPÍTULO 3: A CORRELAÇÃO ENTRE O FILME E AS LINGUAGENS RELIGIOSAS DO CRISTIANISMO

Vivemos cercados de conteúdos. O ser humano está sempre em contato com alguma informação, e a religião é uma dessas informações que permeiam a nossa vida. Assim, cada informação passa uma mensagem, com objetivo e intencionalidade, o que faz parte de cada indivíduo ou grupo social.

Quando vamos para o campo da correlação, estamos diante de pelo menos duas informações que dialogam entre si, que possuem pontos de contato. Correlacionar nos lembra da palavra "comparação", quando estabelecemos critérios para o referido diálogo. Cada correlação possui seus critérios de comparação, e isso também pretendemos fazer neste capítulo. Para isso, basicamente os critérios serão: religião, cultura e cinema. De um modo mais específico, cristianismo, artes e cinema. Indo mais a fundo na pesquisa, pretendemos focar na relação entre elementos cristãos e o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016).

Trazendo à memória a história da ciência da religião, encontramos Max Miller que inaugurou o pensamento de uma teologia comparada das religiões, estabelecendo critérios de comparação e correlação entre as características das religiões, incluindo suas semelhanças e diferenças. Na história do mundo nos separamos com Max Weber, que propôs um elemento essencial que existe em todas as religiões: a vocação, de "vocare". A vocação é algo interior que comanda a vida humana, inclusive para o trabalho. O labor é fundamentado na vocação, ou seja, todos que trabalham exercem a sua real vocação a Deus, não sendo necessariamente um sacerdote, padre ou pastor. Através da vocação, todos possuem a oportunidade de servirem a Deus e cumprirem seu chamado e propósito na terra.

Outra característica muito importante que percebemos nas religiões é o sentimento de pertença, algo que move o indivíduo a se identificar com determinada religião, seja por influência da família, amigos, líderes religiosos, pela mídia ou outras formas. Hoje em dia existem muitas igrejas, templos, locais de culto, centros, chácaras e tantos outros lugares onde se realizam atos religiosos. Nesse sentido, a correlação que se faz é entre os diversos seguimentos de religião que podem ter inclusive elementos idênticos, pregações semelhantes e livros sagrados da mesma crença. Além disso, hoje se compara uma religião com a outra e muitas pessoas seguem ambas, às vezes três, quatro ou mais ao mesmo tempo. Trata-se de conceitos como sincretismo religioso, diálogo inter-religioso ou inter-fé. Dessa forma, cada

indivíduo pratica sua religião à sua maneira, utilizando elementos de várias religiões e vivendo em paz comigo mesmo.

Outra questão importante são as apropriações que são feitas das religiões. Cada pessoa ou grupo pode se apropriar de elementos e símbolos que fazem sentido ou que remontam a fé dos antepassados ou mesmo do presente. Além disso, há liberdade de escrita, fala e prática da fé em todos os lugares do Brasil, pelo menos assim a nossa lei assegura, fazendo tudo com respeito.

Pretendemos nessa parte da dissertação apresentar elementos que encontramos no filme em estudo que podem ser associados, comparados e correlacionados com o cristianismo, realizando esse processo com respeito e reconhecimento de tudo o que é apresentado. Propomos uma correlação nesse sentido mostrando que no filme existem muitos elementos que podem ser associados com símbolos, falas, práticas e outros elementos cristãos.

3.1. ALGUNS SÍMBOLOS DO FILME E SUA POSSÍVEL ASSOCIAÇÃO COM O CRISTIANISMO

3.1.1. Espelho

É interessante perceber que um espelho pode ser um objeto comum para o ser humano. Mas, depende. Isso porque espelhos podem significar objetos para refletir a nossa imagem no dia a dia. No entanto, em outros lugares, pode não ser tão fácil possuir esse objeto.

Na história do mundo, especificamente na história do Brasil no período pré-colonial havia a prática do escambo, que, segundo Daniel Neves Silva, escrevendo para o site *Brasil Escola*, é a prática da transação sem o uso de moeda³⁷. Elen Maribel de Oliveira (Fórum Brasileiro de Economia Solidária) explica que “Em troca de pau-brasil e de papagaios, recebiam instrumentos metálicos (machados, facas, tesouras) e outros objetos (pentas, espelhos, manilhas etc). [...]” (OLIVEIRA, Online, [s.d])³⁸. Dessa forma, o povo indígena recebia esses objetos (também chamados de quinquilharias) como “pagamento” e entregavam recursos naturais aos colonizadores.

O espelho é um objeto antigo, e seu uso, como vimos em alguns exemplos, pode variar bastante. Na Bíblia, há passagens que mencionam o espelho. Por exemplo:

³⁷ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/escambo.htm>. Acesso em: 06 out. 2024.

³⁸ Disponível em: <https://fbes.org.br/2006/08/08/historia-do-escambo-no-brasil/>. Acesso em: 06 out. 2024.

Em 1 Coríntios 13.12 vemos que: “12 Agora vemos como em espelho e de maneira confusa; mas depois veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas depois conhecerei como sou conhecido.” (BÍBLIA, Online, 2002)³⁹. O texto da carta de Paulo ao povo de Corinto expressa as qualidades do amor e os desafios e responsabilidades que vêm com a sua prática. Em meio às citações sobre o amor, Paulo acrescenta que seu conhecimento é limitado, confuso. Isso porque o espelho, para o apóstolo, não reflete a totalidade do conhecimento, trazendo apenas parte do todo.

Em 2 Coríntios 3.18 temos: “18 E nós que, com a face descoberta, refletimos como num espelho a glória do Senhor, somos transfigurados nessa mesma imagem, cada vez mais resplandecente pela ação do Senhor, que é Espírito.” (BÍBLIA, Online, 2002).⁴⁰

Em Tiago 1.22-25, vemos:

22 Sejam praticantes da Palavra, e não apenas ouvintes, iludindo a si mesmos. 23 Quem ouve a Palavra e não a pratica, é como alguém que observa no espelho o rosto que tem desde o nascimento; 24 observa a si mesmo e depois vai embora, esquecendo a própria aparência. 25 Mas, quem se concentra numa lei perfeita, a lei da liberdade, e nela continua firme, não como ouvinte distraído, mas praticando o que ela manda, esse encontrará a felicidade no que faz. (BÍBLIA, 2022).⁴¹

O texto bíblico acima oferece dicas a respeito de diversos assuntos, inclusive com relação à Palavra. A expressão “Palavra”, segundo significado do grego original, trata-se de “[...] algo dito; por implicação, um tópico, também raciocínio ou motivo; por extensão, um cálculo; especialmente, a Expressão Divina.”⁴² (BIBLEHUB, Online, 2024). Nesse sentido, quem pratica a Palavra é também transformado por ela, mas essa é uma decisão pessoal pois também é possível estar diante do espelho da Palavra e ela não despertar nenhuma mudança nas pessoas. O escritor mostra que aqueles que seguem a Palavra e a praticam encontram uma espécie de beleza nos reflexos da vida. Assim, não é o espelho que muda, mas o modo como cada um se vê nele. A partir do contato com esse objeto, passamos a decidir que aparência vamos ter.

O espelho no filme é um objeto poderoso e sábio que fala a verdade. Porém, quando corrompido pelos desejos maléficos de Ravena, passa a ser poderoso e enganador. Esse objeto pertence a um santuário que é mencionado na narrativa, um lugar próprio para ele. Acontece

³⁹ Disponível em: <https://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/PZF.HTM> Acesso em: 06 ago. 2024.

⁴⁰ PAULUS, *op. cit.* – Acesso em: 06 ago. 2024.

⁴¹ PAULUS, *op. cit.* – Acesso em: 06 ago. 2024.

⁴² Disponível em: <https://biblehub.com/james/1-22.htm> - Acesso em 06 ago. 2024.

que muitos querem esse poder e essa sabedoria, e essa corrida para possuí-lo gera conflitos e morte.

Tal comparação do espelho do filme como sendo um objeto sagrado nos faz refletir sobre o lugar de pertença dos objetos religiosos. É interessante perceber que existem muitos lugares sagrados, ambientes separados e próprios para adoração de deuses e práticas rituais. Nesse sentido, no filme nos deparamos com um objeto que está fora de seu ambiente religioso, e talvez, por isso, acaba provocando conflitos e morte. Isso porque, na narrativa, vemos a corrida contra o tempo para quem vai ficar com o espelho, cobiçado por muitos. No entanto, o lugar ideal, correto e sem corrupção para ele é o seu santuário.

3.1.2 Colar

Sara possui um colar que recebeu de seus ancestrais, e em um dos momentos ela o dá a Eric. No objeto há um desenho que não fica claro, porém, muito parece que esse objeto possui valor místico, como um amuleto de proteção. Muitas religiões possuem objetos sagrados ou consagrados, respeitados pela sua tradição, unção ou valor simbólico. Por exemplo, no cristianismo de fé católica, é comum pessoas usarem colares de santos protetores, terços de oração, correntes especiais e assim por diante. A presença do colar afirma uma crença palpável, real e não abstrato. Com o colar ou corrente, em todos os lugares que o fiel for ele estará protegido e guardado pelo santo ou santa em que é devoto/a ou que acredita.

3.1.3 A posição da rainha

É interessante perceber que cargos, funções e posições sociais interferem nas mais diversas culturas e contextos. Nesse sentido, a ficção também guarda particularidades e hierarquias que dialogam com o mundo real. Por exemplo, queremos destacar aqui a posição de uma rainha de forma geral.

A posição da rainha seria uma posição religiosa? Aqui podemos estabelecer um diálogo não apenas com o cristianismo, mas também com diversas confissões religiosas. Reis e rainhas existem há muito tempo, inclusive até os dias atuais. Às vezes como função principal, ora como título de honra, ora como coparticipante de um governo. Fato é que a figura de um reinado impõe respeito e autoridade em uma nação. Podemos lembrar também que reis e rainhas em muitas culturas eram considerados deuses e deusas, ultrapassando assim o nível político e

econômico de um Estado, alcançando o nível religioso, tornando-se assim representantes da divindade na Terra.

As características de Freya e de Ravena comprovam esse poder místico e ao mesmo tempo da realeza. Ambas possuem o poder de governar, a autoridade está em suas mãos, uma posição de comando e de liderança. Ambas também possuem poderes mágicos, esses que auxiliam diretamente no governo de seus palácios. Isso porque as rainhas se utilizam dos poderes para conseguirem suas conquistas, ou seja, quando não conseguem o que querem de boa vontade, impõem seus resultados esperados mesmo que seja preciso tirar a vida de inocentes.

3.1.4 O ideal de reino

O ideal de reino se faz presente na narrativa fílmica. Com isso, pretendemos dizer que a ideia e o plano para se perpetuar um reino fazem parte dos desejos de Freya e de Ravena. Isso porque ambas desejam continuar reinando e destruindo qualquer obstáculo que possa surgir no caminho. A guerra de reinos e de exércitos é antiga, incluindo a vontade de conquistar territórios. Atualmente vemos essa realidade acontecendo no mundo, com suspeitas até de uma terceira guerra mundial. O problema é que reinos querem ganhar e nunca perder, assim, ceder em meio aos diferentes reinados parece não ser uma opção a ser considerada, já que o ideal de superioridade e o pensamento de uma raça ou etnia superior à outra são cada vez mais presentes nos dias de hoje, sendo que já o eram no passado.

Fazendo uma comparação com o cristianismo, na Bíblia encontramos muitos reis e rainhas que obtiveram êxito e aqueles que não tiveram sucesso. Muitos falharam nas guerras e perderam batalhas, mas não sem motivo. Mais do que fortes equipamentos e armaduras, a derrota estava relacionada ao povo que não obedecia ao Deus de Israel. A deslealdade às leis divinas juntamente com a prática equivocada de líderes e do povo contribuíam para que a derrota viesse aos exércitos de Israel.

A história do cristianismo é marcada por violência, guerras e tronos que foram passando gerações. Mas, antes dos reis de Javé ou Iahweh (Israel), o povo de Deus, assim denominado, não tinha reis. Acontece que, ao observarem os outros povos, perceberam que eram diferentes pois os outros possuíam reis e eles não. Esse relato pode ser encontrado na Bíblia, no Antigo Testamento, no livro de 1 Samuel, capítulo 8. Vejamos um trecho desse texto que está em 1 Samuel 8.5-9:

E disseram-lhe: “Tu envelheceste, e os teus filhos não seguiram o teu exemplo. Por isso, constitui sobre nós um rei, o qual exerça a justiça entre nós, como acontece em todas as nações”. Mas esta expressão: “Constitui sobre nós um rei, o qual exerça a justiça entre nós”, desagradou a Samuel, e então ele invocou a Iahweh. Iahweh, porém, disse a Samuel: “Atende a tudo o que te diz o povo, porque não é a ti que eles rejeitam, mas a mim, porque não querem mais que eu reine sobre eles. Tudo o que têm feito comigo desde o dia em que os fiz subir do Egito até agora – abandonaram-me e seguiram a outros deuses – assim fizeram contigo. Portanto, atende ao que eles pleiteiam. Mas, solenemente, lembra-lhes e explica-lhes o direito do rei que reinará sobre eles. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1973, p. 295).

Observando o passado e o presente, vemos que reis e rainhas demandam altos valores dos cofres públicos e privados de um país ou região. Nos tempos bíblicos, reis e rainhas também possuíam o status de ungido por Deus. Um dos exemplos emblemáticos que podemos citar é a unção do rei Davi pelo profeta Samuel, e um dos símbolos da unção era o derramamento de óleo sobre a cabeça daquele que seria escolhido para reinar. Saul, Davi, Roboão, Jeroboão e tantos outros reinaram sobre Israel, seja com o reino unificado ou posteriormente dividido em Israel Norte e Israel Sul. Porém, nenhum deles alcançou a plenitude e perfeição de um governante, sendo que na verdade cometeram muitos erros que não agradaram a Iahweh. Como consequência desses atos, o povo perecia nas mãos desses governantes e a ira de Deus se acendia em meio a tudo isso.

Reis e rainhas podem ser referências boas ou ruins, mas fato é que estão em posição de evidência e destaque. Freya e Ravena não foram instituídas ou ungidas por profetas ou profetisas, contudo a autoridade que possuem unida com seus poderes mágicos transmite a ideia de um poder para além do humano, um poder místico, transcendente e que governa nos fundamentos do ódio e da magia.

Portanto, o ideal de reino está presente na Bíblia, no cristianismo e em outras religiões. Esse mesmo ideal também permeia o filme em estudo, sendo que este mais em uma dimensão de poderes super-humanos do que propriamente de uma divindade. Mas, necessário se faz dizer que poderes místicos, mágicos e transcendentes podem conter muito de religião, seja a cristã ou outras confissões.

Outro aspecto comum nos reinados em geral é a hierarquia. A posição de liderança, dos súditos, soldados e encarregados é algo característico dos reinos.

Interessante perceber que Jesus Cristo, uma das figuras principais do cristianismo pregou e anunciou muito a respeito do reino de Deus. Érico Tadeu Xavier e Isaac Malheiros explicam que essa expressão é bastante utilizada:

[...] O Reino é chamado de “reino dos Céus” 32 vezes no NT, todas em Mateus. Por sua vez, a expressão “reino de Deus” aparece 66 vezes no NT (sendo 4 vezes em

Mateus). Portanto, a expressão “reino dos Céus” é exclusiva de Mateus, mas Mateus também usa “reino de Deus”. (XAVIER; MALHEIROS, 2019, p. 56).⁴³

A ideia de reino é fundamental para o cristianismo e para a temática do filme. Seja na literatura bíblica ou na narrativa dos diálogos fílmicos, a base do desejo de governar se faz presente. Ainda como semelhança podemos mencionar os aspectos que estão acima da capacidade humana nas características de Freya e Ravena (poderes e habilidades mágicas) e nas características de Jesus (onde a Bíblia afirma que é o filho de Deus e o próprio Deus encarnado e aquele que fez milagres).

Finalizando este tópico, percebemos que Paul Tillich em sua *Teologia Sistemática* traz um conceito para o que ele entende ser o reino.

Podemos usar o termo “reino” para indicar uma seção da vida na qual uma dimensão particular é predominante. “Reino” é uma metáfora como “nível” e “dimensão”, mas não é basicamente espacial (embora também seja isso); é basicamente social. [...] no sentido metafórico um reino é uma seção da realidade na qual uma dimensão especial determina o caráter de todo indivíduo que pertence a ela, sejam um homem, seja um átomo. Nesse sentido falamos em reino vegetal ou reino animal ou reino histórico. Em todos eles, todas as dimensões estão potencialmente presentes, e algumas delas se acham atualizadas. Todas elas são atuais no homem tal qual o conhecemos, mas o caráter especial deste reino é determinado pelas dimensões espiritual e histórica. [...] (TILLICH, 1987, p. 397).

É interessante perceber a escrita de Tillich no sentido de unir as várias dimensões do que pode ser definido como reino. Nesse sentido, destacamos a multidisciplinariedade do termo “reino” e a sua possibilidade na aplicação da religião e da cultura.

3.1.5 O palácio real

O palácio é uma figura importante no filme. Trata-se do local onde as rainhas transitam e moram, onde decidem e comandam seus reinos. Aqui pretendemos destacar o estilo que geralmente os palácios possuem. Com isso, podemos dizer que a riqueza em todos os aspectos é presente e apresentada. Mas, seria essa uma linguagem religiosa?

Observando o filme vemos que os palácios de Ravena e Freya são muito bonitos e bem equipados, tanto de soldados e encarregados como de recursos magníficos. Tronos, salas exclusivas, quartos excelentes etc. e toda a beleza e grandeza que eles possuem. Tudo isso transmite linguagens, e principalmente separação entre ricos e pobres, entre reis e simples soldados, entre aqueles que estão acima e os que estão em baixo. Diante disso, vamos refletir sobre a riqueza presente nos palácios e fazer uma comparação com o cristianismo.

⁴³ Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1186/1128> - Acesso em 17 set. 2024

Algumas igrejas, segmentos religiosos e outras confissões mencionam em seus cultos, liturgias e práticas que o reino de Deus é um mundo ideal, esperado e aguardado por todos, e enquanto esse reino não chega ou não é instalado, precisamos passar por várias dificuldades na Terra. A visão do palácio, do reino sem defeito é uma realidade para quem está governando, tão palpável e verdadeira. No entanto, para a maioria das pessoas é um sonho, algo que não pode ser tocado ou sentido agora, somente no futuro. Expressões como “ruas de ouro”, “pedras preciosas” e “lugar de eterna felicidade” podem ser ouvidas em alguns ambientes. Na Bíblia, o livro do Apocalipse de João, no capítulo 21, versículos 3 e 4, traz um relato semelhante a este:

Nisto ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: “Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo, e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus. Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1973, p. 1625).

O palácio é um lugar aguardado, há uma esperança de que um dia quem está na hierarquia de baixo subirá à de cima, um reino invertido que não é possível no momento mas será um dia. Aqui o elemento da fé é fundamental para essa transcendência, para esse futuro que está por vir.

Em um olhar crítico, podemos verificar que palácios reais possuem riqueza, e muitas vezes que não possui essa riqueza a deseja. Nesse sentido, para conquistá-la, é necessário haver sacrifícios, renúncias, mudanças de pensamento e de prática e assim por diante. Outro ponto que pode ser visto é que muitas vezes na Bíblia quando o povo de Iahweh destruía outro reino, eles levavam os despojos que podiam ser ouro, objetos preciosos etc. com o objetivo de usá-los e enriquecer os palácios reais dos reis do povo de Deus.

Palácios estão presentes nas religiões incluindo o cristianismo, e, seja direta ou indiretamente possuem relação com governos e reinos e pelos seus desejos por riqueza, mesmo que isso seja ou não uma ordenança divina.

3.1.6 O bem contra o mal

O filme mostra bastante a luta do bem contra o mal, luta essa que está presente em muitas narrativas fílmicas e da ficção de um modo geral. Na história do mundo nos deparamos com relatos comuns: um indivíduo contra o outro, um grupo contra o outro ou ainda vários grupos contra outros. Essa linha histórica traz uma marca interessante: a divisão em dois lados. Essa relação de um lado bom e outro mal passa constantemente pelo mundo da arte, seja em

teatros, músicas, histórias em quadrinhos, filme se séries. Nesse sentido, queremos aqui apresentar um pouco sobre a presença desse ideal na temática do filme em estudo.

O conflito do bem contra o mal também pode ser visto na religião ou no religioso, nas práticas, rituais, reuniões, cultos e no desenvolvimento natural de igrejas. Dizemos aqui “natural” pois trata-se de um conceito aceito em muitos ambientes religiosos, mesmo sendo eles de tradições ou confissões diferentes.

Em *O caçador e a rainha do gelo* (2016), essa relação é visível e pauta toda a narrativa do começo ao fim. O que define principalmente esse tema é que um dos lados afirma e apoia o amor e o outro nega e busca destruí-lo a todo momento.

No cristianismo de forma geral é comum ver lados bons e maus de histórias, rituais e cultos, momentos estes que se firmam em fundamentos históricos, bíblicos e da tradição cristã. Por outro lado, é importante observarmos com um olhar crítico tais questões pois podem não remeter a apenas aspectos religiosos. Nesse sentido, algumas crenças, práticas e pensamentos da religião podem não ser próprios desta, mas sim de contos e histórias populares que acabaram por ter alguma relação com o religioso.

Wanderley Pereira da Rosa, em sua dissertação de mestrado, escreveu que

[...] a visão dualista do ser humano defendida pela teologia cristã, ainda que um dualismo moderado¹, tem sua origem séculos atrás, quase no alvorecer do Cristianismo, mais especificamente no segundo século, quando as comunidades cristãs foram infiltradas por ideias gnósticas. O gnosticismo, por sua vez, teve como uma das suas fontes principais o dualismo antropológico platônico. Como consequência, defendia tanto a clássica separação entre espírito e matéria, quanto a imortalidade da alma. (ROSA, 2010, p. 12).⁴⁴

Portanto, a citação de Rosa nos leva a refletir sobre essa ideia de dois lados, de um sendo bom e o outro necessariamente ruim. Ainda poderíamos pensar se seria possível um lado trocar sua identidade de bom para mal, por exemplo, ou ainda o inverso. No cristianismo, o lado bom está com Deus, com seus anjos e seres celestiais, sendo que o mal pertence ao diabo, aos demônios e seus aliados. No filme, as rainhas Freya e Ravenna possuem essências más (ainda que para Freya isso será despertado posteriormente, já que no início era gentil e boa). Do outro lado da história, Eric e Sara são o casal modelo do amor: justos, convictos e que lutam para que o amor sobreviva.

Haveria um meio termo? Uma terceira opção sem ser o lado das rainhas ou o lado do casal? No filme percebemos que não, pois ambos os lados sofrem consequências por

⁴⁴ Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/103> - Acesso em 24 set. 2024.

escolherem seguir seus princípios, a sua essência. No cristianismo, observando o livro sagrado da Bíblia, percebemos que as características são semelhantes: céu ou inferno, luz ou trevas, liberdade ou escravidão, bem ou mal. Uma observação caberia aqui, apesar de não ser o objeto da presente pesquisa mas que é importante mencionarmos. Alguns estudiosos preferem a expressão “cristianismos”, o que transmite a ideia de uma pluralidade de formas de se seguir a fé chamada cristã, pois vivemos em meio à uma diversidade de crenças incluindo diálogos inter-fé ou inter-religiosos, quando uma religião interfere na outra e quando práticas de fé são exercidas por uma mesma pessoa ou grupo.

Paul Tillich em sua obra *Teologia Sistemática* explica algo interessante que podemos associar neste ponto. O autor utiliza a expressão “a vida e suas ambiguidades”, e, nesse sentido, apresenta a palavra “vida” com suas várias possibilidades de interpretação e as possibilidades de seu uso no vocabulário. Dessa forma, Tillich ensina que na própria palavra “vida” já podemos notar a morte. Mesmo que pareça uma contradição ou inadequado, na verdade faz todo o sentido já que envolve questões ontológicas e questões da finitude da vida. O autor também trabalha o tema do propósito, e apresenta seres e objetos que possuem ou não potencial para desenvolverem a vida para que foram criados. Assim, estaríamos diante de um conceito amplo, já que vida e morte estão relacionadas. (TILLICH, 1987, p. 393-394). Refletindo sobre os pensamentos deste autor, ele escreve na mesma obra trazendo fundamentos dos estudos de Aristóteles:

[...] Na linguagem da história da filosofia, podemos dizer que estamos seguindo a distinção aristotélica entre *dynamis* e *energeia*, entre potencialidade e atualidade, a partir dum ponto de vista existencialista. Certamente isso não é muito diferente da própria visão de Aristóteles, que enfatiza a permanente tensão ontológica entre matéria e forma em toda existência. (TILLICH, 1987, p. 394).

Tillich nos esclarece que a dimensão de dois lados, do bom e do mal, da vida e da morte, na verdade, refletem as ambiguidades que todo ser humano passa. O autor nos ajuda a compreender que há complexidade não apenas em definir termos como “vida”, mas também se torna complexo viver em meio às circunstâncias que podem mudar o propósito de uma existência.

3.1.7 O ideal do serviço

O ideal do serviço está presente no filme e é muito presente no cristianismo e na religião de um modo geral. Para além do voluntariado e do bom coração, servir pode estar associado a um ato de lealdade e fé.

No filme Freya, a rainha do gelo, recruta crianças para seu reino com o objetivo de treiná-las para combate. A finalidade da rainha é conquistar reinos e derrotar inimigos, então, para alcançar essa meta, sequestra crianças e as coloca presas em seu reino. As crianças, que serão mais tarde adultos, não possuem escolha. Eles não podem optar em servir ou não servir a rainha, assim, a obediência é baseada no medo e não na confiança. Os soldados da rainha são leais porque não querem morrer, obedecem porque não podem derrotar Freya. Essa relação, na verdade, é comparada a um senhor que possui um escravo, sendo que o dever deste é seguir as ordens de uma monarca autoritária.

No cristianismo a dimensão do serviço é um ponto central da vida religiosa. Servir é mais do que fazer algo bom para as pessoas ou para Deus, é na verdade imitar aquilo que Jesus fez, é ser parecido com ele, é tomar a atitude que ele tomou, portanto um sentido pessoal e ao mesmo tempo divino. O serviço transmite a ideia de um caminho certo, moralmente adequado e respeitosamente aceito. Talvez a diferença que encontramos seja a livre escolha do ser humano em servir ou não, em fazer ou não fazer, em imitar ou não imitar. Diante disso percebemos uma linha tênue sobre aquilo que motiva o ser religioso a fazer o que faz, o que realmente o leva a agir através do serviço.

Assim, podemos colocar aqui que o serviço é um princípio de ideal tanto no filme em estudo como no cristianismo, porém a livre escolha em servir é o grande diferencial tanto na arte do cinema quanto na literatura bíblica. Vejamos um exemplo na Bíblia: “11 Antes, o maior dentre vós será aquele que vos serve. 12 Aquele que se exaltar será humilhado, e aquele que se humilhar será exaltado.” (Mateus 23.11-12) - (BÍBLIA de Jerusalém, 1973, p. 1312); “26 Se alguém quer servir-me, siga-me: e onde estou eu, aí também estará o meu servo.” (João 12.26) – (BÍBLIA de Jerusalém, 1973, p. 1402). Além destes, existem também outros versículos bíblicos sobre o tema do serviço. Portanto, a temática do serviço é possível de se verificar tanto no filme como no cristianismo.

3.1.8. O amor tudo vence

O tema do amor é muito comum na arte, e os filmes também possuem histórias e contos românticos ou que narram histórias de amor. O filme em estudo está dentro desse grupo que explora a temática do amor em muitos níveis, tais como família, amizade e o amor entre casais. Este último merece destaque já que é o ponto central da narrativa.

O tema do amor é também um ponto que divide opiniões no filme. De um lado, Freya e Ravena são duas rainhas que passaram por decepções amorosas em suas vidas, portanto, pregam

a sua negação. Já Eric e Sara, os dois melhores soldados de Freya, lutam pela permanência do amor, resistindo assim ao poderio da rainha do gelo.

É possível estabelecer uma correlação entre o filme e o cristianismo a partir do tema do amor. Em um dos momentos Freya menciona que o amor tudo vence, mas faz isso com tom irônico, menosprezando Eric e Sara.

Ravena, irmã de Freya, zomba do amor. Em um determinado momento da narrativa ela e Eric estão lutando, e além da luta corpórea e de poderes mágicos, há uma luta de palavras. Ravena o questiona: “Você acha que o amor vence tudo?”, e Eric responde: “Não sei se vence tudo, mas vocês, sim.” A ideia da superioridade do amor pode ter relação com o Cristianismo, mais especificamente com a Bíblia Sagrada. Isso porque no texto de 1 Coríntios, capítulo 13, o apóstolo Paulo descreve as qualidades do amor, e uma delas é que “o amor jamais acaba”. Vejamos o texto bíblico, nesta ocasião na versão Nova Almeida Atualizada (NAA):

1 Coríntios 13:1-13

¹ Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.

² Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.

³ E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, isso de nada me adiantará.

⁴ O amor é paciente e bondoso. O amor não arde em ciúmes, não se envaidece, não é orgulhoso,

⁵ não se conduz de forma inconveniente, não busca os seus interesses, não se irrita, não se ressentido do mal.

⁶ O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

⁷ O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

⁸ O amor jamais acaba. Havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará.

⁹ Pois o nosso conhecimento é incompleto e a nossa profecia é incompleta.

¹⁰ Mas, quando vier o que é completo, então o que é incompleto será aniquilado.

¹¹ Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.

¹² Porque agora vemos como num espelho, de forma obscura; depois veremos face a face. Agora meu conhecimento é incompleto; depois conhecerei como também sou conhecido.

¹³ Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior deles é o amor.⁴⁵

Com base no relato bíblico, o amor é um ideal considerado fundamental para a permanência de outros sentimentos ou emoções. Ao compararmos com a frase dita no filme, os versículos 7 e 8 de 1 Coríntios 13 são parecidos com a fala de Freya.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.biblionline.com.br/naa/1co/13> - Acesso em 31 jul. 2023.

É interessante perceber que os poderes de Freya e Ravenna estão acima da capacidade humana comum, são poderes mágicos e habilidades muito poderosas e que poderiam levar Eric e Sara à morte a qualquer momento. Isso nos leva à reflexão de que aparentemente o amor do casal não poderia vencer nenhuma das rainhas, porém, a mensagem que o filme passa é de que os obstáculos podem ser difíceis e até impossíveis, já que Eric e Sara por si só não possuem poder mas sim habilidades que foram sendo forjadas desde o momento em que eram crianças, desde quando foram sequestradas por Freya para servirem no seu reino. “O amor tudo vence” pode ser uma expressão de superação e resiliência diante do domínio autoritário das rainhas más.

3.1.9. O tema do sacrifício

Em um certo momento do filme, Eric se sacrifica em favor de Sara e dos anões. Este é o momento em que eles estão fugindo e lutando contra os goblins, seres fantásticos presentes na história do filme. O tema do sacrifício está presente na narrativa e é um tema central no cristianismo.

Em *O caçador e a rainha do gelo* (2016) Eric decide dar a sua vida em favor de outros, ele decide lutar até a morte para salvar sua amada e seja amigos. Um amor de entrega, sacrificial, muito semelhante ao que o principal personagem do cristianismo fez: Jesus Cristo, segundo o relato bíblico, se sacrificou em favor das pessoas e da humanidade, salvando as pessoas de seus pecados.

Sacrifício na Bíblia é algo presente desde o Antigo ou Primeiro Testamento. O povo já sacrificava animais em adoração a Deus, e para perdão de pecados (chamado na Bíblia de expiação). Assim, nessa época fazia parte dos ritos religiosos matar animais em forma de sacrifício.

No Novo ou Segundo Testamento Cristo é comparado a um cordeiro que tira o pecado do mundo (João 1.29), frase que podemos associar ao papel exercido por Cristo ao entregar a sua vida e morrer na cruz.

A Bíblia relata que Jesus passou por um julgamento, já que era acusado pelos fariseus e os povos da época. Nesse sentido, além de um sacrifício feito por Jesus havia também um processo em que Ele passou e enfim foi condenado à morte de cruz.

Além disso, a literatura bíblica também relata que o sacrifício de Jesus foi no lugar de toda a humanidade.

Eric no filme toma uma decisão: em vez de todos morrerem, só ele se coloca à disposição para morrer no lugar de todos. A atitude de Eric pode encontrar espaço na fé e no religioso, já que se trata desse amor que aparenta ser custoso, desconfortável, fiel e constante, uma comparação ao amor de Deus que é feito apesar da humanidade, ou seja, que custa, que dói, mas que permanece.

3.1.10. Uma soteriologia da rainha Freya

Os relatos de salvação são comuns em narrativas e filmes, trata-se daqueles momentos em que uma personagem salva, resgata, traz de volta alguém que se demonstra caído, abatido, sem forças e que necessita de voltar, necessita de uma ressurreição.

Trazemos aqui um diálogo entre a jornada da rainha do gelo e a jornada religiosa cristã. No filme Freya possui alguns discursos no mínimo curiosos. Um deles é o de salvação, e aqui explicamos como essa ideia se desenvolve.

Freya entende que ao sequestrar crianças para formar soldados para seu Reino ela está salvando essas crianças. Seu fundamento tem base no que ela prega: deseja salvar as crianças do amor, libertá-las de toda a forma de amor, como por exemplo a família. Essas crianças crescem no reino de Freya sem pai, mãe ou responsável. Crescem sendo forjadas na espada, na luta, preparadas para os conflitos futuros do reino de Freya contra muitos outros que virão pela frente. Destacamos aqui o ideal de salvação, ou seja, o princípio de salvar pessoas está enraizado em Freya, mesmo que seu fundamento seja prejudicado.

No cristianismo, salvação é um tema central no sentido de que a Bíblia relata a história de Jesus, também chamado de Emanuel no seu nascimento. Mateus 1.21 diz o propósito de Jesus: a salvação dos pecados. Dessa forma, Cristo para ser o salvador, o libertador do povo.

No filme a salvação é desenvolvida e pregada por Freya como a solução de todos os males. No entanto, poderíamos colocar como uma salvação inversa, talvez. Isso porque Freya deseja salvar, livrar as crianças do amor, já que o amor é um pecado que ela não tolera. Uma inversão no conceito geral da defesa do amor, já que Freya não suporta amar, e declara ódio ao amor. Como ela passou por uma decepção amorosa, acredita fielmente que o amor deve ser destruído. Por isso, prega e executa sua salvação ao seu modo: sequestrando crianças de suas famílias para seu Reino.

No cristianismo Jesus pregou o amor a Deus e ao próximo, amar é base para o ser religioso cristão. Assim, trazemos aqui uma proposta de soteriologia de Freya, adaptando o termo para um filme de proposta não religiosa.

Outro aspecto interessante no tema da salvação é a justificativa para os atos salvíficos. A palavra “salvar” pode nos dar a ideia de que se precisamos ser salvos é porque algo ruim está nesse mundo e é necessário sair dele. A dimensão de salvação é ampla, mas aqui desejamos exemplificar em alguns pontos: a ideia de salvação de início parece bastante promissora e legítima, já que se alguém precisa ser salvo é porque existem pessoas que se preocupam em pregar e orientar os caminhos que levam a essa salvação. Ocorre que o grande arco “salvar” pode acabar encobrindo os motivos que levam a esses atos.

Nesse sentido, Freya estabelece algo semelhante à um plano de salvação, sequestrando crianças para servirem no seu reino. A ideia de Freya, para ela, é legítima, já que as crianças precisam ser salvas de qualquer forma de amor que venham a contaminá-las e a enganá-las dessa ilusão. A própria ideia de sacrifício está presente em atos salvíficos, por exemplo, morrer no lugar de alguém em benefício do bem comum. Quantas vezes essa cena já não aconteceu? Trata-se de um ato salvador: sacrificar a vida ou o que possui para que outras pessoas sejam beneficiadas. Acontece que Freya não mede consequências, e seu ato salvador na verdade é um ato sequestrador de sonhos.

Poderia se dizer que o ideal de Freya é legítimo, porém sua motivação é errada. Quando pensa que está salvando, na verdade está matando famílias e sonhos que se perderam. O filme não cita claramente a palavra “salvação”, porém seus significados perpassam toda a narrativa,

3.1.11 Nem vivo, nem morto

No final do filme, Ravenna explica como se manteve viva enquanto estava dentro do espelho. Ela diz que não estava bem morta e nem viva, mas algo entre as duas áreas.

No cristianismo, alguns posicionamentos são a favor de um estado intermediário entre a vida e a morte, talvez uma condição de espera, de expectativa e de aguardo para que o momento certo chegue para a uma alma. Alguns que seguem o cristianismo acreditam no purgatório, um momento de espera até que haja a purificação dos pecados de uma pessoa. Assim, ela irá para o céu, para a vida eterna após esse momento de purificação.

É muito comum também em filmes e séries personagens mortos-vivos, que por uma razão de epidemia ou vírus passam a ter comportamentos anormais e começam a matar pessoas para sobreviver. Em *O caçador e a rainha do gelo* (2016) não existe essa condição de morto-vivo, porém algo semelhante paira sobre a narrativa. Ravenna esteve presa dentro do espelho e não morreu, mas ao mesmo tempo não estava viva com seu corpo para a vida terrena, realmente algo entre os dois lados.

É interessante perceber que muitas vezes as situações limite, situações de fronteira, tendem a deixar no mínimo pensamentos estruturados desconfortáveis. Isso porque a linha de fronteira, aquilo que está entre uma e outra coisa pode incomodar, já que não possui uma definição concreta. Na história do filme *Ravenna* é uma rainha má e que procura a maldade em tudo o que faz, porém, podemos considerar que viver dentro do espelho, esse objeto mágico e talvez religioso já que pertence ao um santuário, essa situação foge aos padrões estabelecidos como morte e vida, bem e mal, material e imaterial.

Interessante que *Ravenna*, após ser liberta do espelho, volta à sua vida normal como rainha, agora com seu corpo e função restabelecidas. Poderíamos falar em uma ressurreição de *Ravenna*? Difícil dizer pois não estava morta de fato, ao mesmo tempo possível dizer pois não estava totalmente viva, ou seja, uma situação de fronteira.

3.1.12 O altar de pedras

Em certo momento do filme, Eric toma uma atitude interessante. Ele demonstra saudade de Sara (que para ele estaria morta). Assim, uma cena surge: Eric a princípio erige um monte de pedras e se lembra de Sara. Erigir um amontoado de pedras é um ato semelhante às atitudes do Antigo ou Primeiro Testamento na Bíblia.

Matthias Grenzer e Fabíola Weber ensinam algo muito importante sobre um dos significados das pedras para o povo de Israel:

A partir de sua presença no dia a dia, a pedra ganha ainda outra importância na vida de Israel, justamente como material que, transformado em objeto religioso, assume presença no culto. Nesse sentido, o patriarca Jacó já “erige uma pedra” em forma de “coluna” (Gn 28,18.22; 31,45; 35,14), “derramando azeite sobre ela” (Gn 28,18; 35,14), com a possibilidade de tornar-se “casa de Deus” (Gn 28,22), “testemunho” e “aliança” (Gn 31,44). Aliás, o “valente de Jacó” é pensado como “pedra de Israel” (Gn 49,24). Mais tarde, os israelitas irão construir “altares de pedras brutas”, ou “não lavradas”, para o Senhor, Deus de Israel (Ex 20,25; Dt 27,2-6). Além disso, duas “pedras de ônix” sobre as “ombreiras” e doze “pedras engastadas” no “peitoral” acompanham Aarão e seus filhos quando, no santuário da tenda de encontro, exercem o sacerdócio para o Senhor (Ex 25,7.2x; 28,9.10.2x.11.2x.12.2x.17.2x.21; 35,9.2x.27.2x.33; 39,6.7.10.14). Justamente porque nessas pedras se encontram gravados ou inscritos os nomes dos filhos de Israel, são “pedras de memória” (Ex 28,12; 39,7). Assim, o sacerdote, com as pedras, traz o povo perante o Senhor, cultivando-se a memória da relação entre Deus e os filhos de Israel. Em momento algum, por sua vez, Israel deve transformar a pedra em pedra figurada e, com isso, em imagem de Deus (Lv 26,1), como os demais povos conheciam “deuses que são de pedra” (Dt 4,28; 28,36.64; 29,16) (GRENZER; WEBER, 2018, p. 279-280).⁴⁶

⁴⁶ Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/rct.i91.37097/pdf> - Acesso em 29 out. 2024.

Observando o comentário acima, percebemos a relevância que essa atitude possuía. Mais do que pedras, elas significavam memórias, lembranças da relação de Deus com o seu povo. A Bíblia como fonte literária também traz destaques para a importância de trazer à memória tudo o que Deus Iahweh ensinou. Para isso, havia a Torá ou Pentateuco, instrução imperativa de conduta e fé do povo de Israel. Dessa forma, observamos práticas que se complementam: não se esquecer da lei de Deus, não abandonar as ordenanças divinas, lembrar de Moisés, Arão e suas lideranças exercidas no meio do povo, e assim por diante. Interessante que as pedras se tornavam símbolos, marcos históricos e divinos da interferência de Deus na vida humana. Talvez, o altar de pedras ou esse amontoado erguido trazia a divindade mais perto, algo palpável e possível de ser visto e sentido.

A atitude de Eric não parece ser religiosa ou uma tentativa de contato ou lembrança do divino, porém, o marco da memória é perceptível. Eric está com saudades de sua amada até então morta pela rainha do gelo. Para poder seguir sua vida, teria então erigido um amontoado de pedras, perpetuando a memória de Sara em seu coração partido. No filme e nos relatos bíblicos, percebemos esta semelhança: as pedras anunciam o passado (o que Deus fez/o que Sara fez), e ao mesmo tempo anunciam o presente (Deus continua fazendo/Sara continua presente na lembrança), talvez uma forma de reviver um sentimento ou uma crença com certa esperança.

3.1.13 A onisciência de Freya

Ter onisciência é ter ciência de tudo, conhecimento de tudo, e a rainha do gelo parece apresentar esse poder ou habilidade.

O Deus narrado nos livros da Bíblia é aquele que cria e que governa o mundo e o universo, e tem ciência de tudo o que se passa, pois, segundo a fé dos cristãos, criou todas as coisas. Nós seres humanos não conseguimos essa virtude já que somos limitados por muitos fatores, como por exemplo espaço, condição, saúde entre outros.

Quando vamos para as histórias em quadrinhos, filmes e séries, muitas vezes esse limite não é considerado. Isso porque heróis e vilões transcendem as limitações humanas alcançando patamares antes impossíveis mas por seus poderes e habilidades tudo se torna possível.

No filme, Freya sabe de muitas coisas que acontecem em seu reino, e aqui queremos apontar uma possível onisciência. A rainha do gelo tem a capacidade de ver o que acontece em outros ambientes enquanto está em seus aposentos reais. Ela faz uso de uma coruja branca, que parece enfeitada por ela, a qual permite ver e saber o que está ocorrendo em outros lugares.

A coruja é o olho da rainha, pois, onde este “animal” está, ela consegue ter a visão e ciência do momento. Como uma personagem secreta, a coruja se esconde nas árvores e florestas e vê o que a rainha deseja ver. Em um dado momento, Eric percebe que ele e o grupo estão sendo vigiados pela rainha, então destrói a coruja que se despedaça no chão, algo que também revela que esta não é um animal de verdade, mas um espião de Freya para monitorar os habitantes do mundo, principalmente Eric e Sara. A rainha do gelo tem certa onisciência porque consegue vigiar o que acontece ao redor de seu reino ou até distâncias mais longas, isso por causa de seus poderes mágicos e de seu desejo de vingança e maldade.

No cristianismo, muitas vezes se entende que Deus é onisciente, ele tem o conhecimento de tudo e de todos. A coruja no filme podia ser vista, mas como fazer diante de um deus que não se pode ver? Como ter a certeza de que ele está ciente de tudo? Deus realmente está no controle de tudo? A onisciência é necessária?

Vivemos em um mundo multicultural, e a tecnologia avança cada vez mais. Pessoas morrem, nascem, trabalham, estudam etc. Assim parece que o termo onisciência não parece fazer muito sentido ou pode ser irrelevante para a vida concreta da terra. Saber de tudo não é mais uma busca, é uma realidade. Hoje em dia não é necessário sair e ir a outro lugar, podemos sair e voltar através de uma tela, dessa forma, a impressão que fica é de que o ser humano está se tornando onisciente. Não há limites para a imaginação e para a tecnologia, e isso pode trazer consequências boas ou ruins.

Talvez podemos ir um pouco mais profundo nesse pensamento, partindo agora de um relato bíblico interessante que nos faz refletir. Trata-se do texto do Salmo 139, onde na Bíblia de Jerusalém aqui utilizada o título colocado é “Homenagem ao Deus onisciente” (BÍBLIA, 1973, p. 780). Trazemos aqui um trecho do Salmo 139, nos versículos de 13 a 15:

¹³ Sim! Pois tu formaste os meus rins, tu me teceste no seio materno. ¹⁴ Eu te celebro por tanto prodígio, e me maravilho com as tuas maravilhas! Conhecias até o fundo do meu ser: ¹⁵ meus ossos não te foram escondidos quando eu era feito, em segredo, tecido na terra mais profunda. (BÍBLIA, 1973, p. 780).

O Deus onisciente da Bíblia parece não se preocupar apenas em saber o que se passa no planeta Terra ou no universo, mas também valoriza o conhecimento interior do ser humano. O salmista declara em vários versos do salmo acima sobre esse Deus que conhece seu interior, e mesmo que tente fugir ou sair dessa onisciência, parece não ser possível visto que Iahweh o conhece desde quando seus órgãos estavam sendo formados.

Freya tem um conhecimento grandioso, porém mais focado em prevalecer contra seus inimigos, saber o que planejam e aonde estão indo. O objetivo da onisciência da rainha do gelo

seria mais vingativo e maléfico, sempre procurando como derrotar o poder do amor em qualquer ocasião. Já no cristianismo bíblico, aqui no recorte do Salmo 139, o escritor relata mais da bondade de Deus em conhecer os seus cuidando deles antes mesmo de nascerem.

Cabe ressaltar também que na declaração do Salmo 139 existe a manifestação do salmista contra seus inimigos. Parece que por um momento o escritor deixou sua gratidão de lado e começou a declarar ódio contra seus adversários. Por último, coloca um pedido a Deus para sondar e conhecer seu coração. Vejamos:

¹⁹ Ah, Deus se matasses o ímpio... Homens sanguinários, afastai-vos de mim! ²⁰ Eles falam de ti com ironia, menosprezando os teus projetos! ²¹ Não odiaria os que te odeiam, Iahweh? Não detestaria os que se revoltam contra ti? ²² Eu os odeio com ódio implacável! Eu os tenho como meus inimigos! ²³ Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração! Prova-me, e conhece minhas preocupações! ²⁴ Vê se não ando por um caminho fatal e conduze-me pelo caminho eterno. (BÍBLIA, 1973, p. 781).

Diante disso, percebemos a complexidade da vontade humana. A grande questão poderia ser: qual a função da onisciência? Assim, poderíamos ter argumentos e usá-la para o bem, mas também para o mal. Ser onisciente pode auxiliar na visão do todo, um panorama geral de tudo o que acontece no mundo, na sociedade, nos reinos e assim por diante.

Freya se manteve firme após sua decepção amorosa: se declarou contra o amor. Após saber do engano de sua irmã, voltou atrás de sua decisão abraçando o ideal do amor. Consideramos aqui que na verdade, ele não tinha a ciência de tudo, pois não conseguiu saber o plano de sua irmã contra ela. Por outro lado, possuía olhos e ouvidos através de seus soldados e de seus poderes mágicos, como na utilização de uma coruja branca para ser seus olhos quando precisava saber dos fatos.

3.1.14 Freya e sua volta ao amor

No final do filme, uma cena causa um questionamento. Após Ravenna lutar contra Eric e Sara e contra sua própria irmã, o casal sobrevive, Ravenna morre e Freya também. No entanto, antes de morrer, a rainha do gelo demonstra alegria por ver o casal que se ama. A narrativa revela que na verdade Freya ainda amava e em seu interior era a favor do amor e não contra, porém, diante da enganação de Ravenna, seus olhos se fecharam para qualquer entendimento amoroso, passando a negar toda forma de amor.

Então chegamos à cena antes da morte de Freya. Além de se alegrar com o casal, tem uma visão: ela se vê segurando seu filho nos braços, esboçando alegria e contentamento. Diante da cena, uma pergunta chave pode ser elaborada: qual o significado desse momento? Podemos elencar algumas hipóteses: Freya teve uma visão da “eternidade”, onde seu filho não está morto

mas sim vivo e poderá desfrutar da beleza de ser mãe; Ela teve uma visão de desejo, de vontade, ou seja, gostaria de estar com seu filho nos braços, mas, como está morto, trata-se de uma impossibilidade mas que pode ser imaginada; a mensagem da visão é moral, demonstrando que mesmo quando tudo morre ou se vai a esperança do amor ainda permanece nos corações.

Aqui também podemos fazer uma conexão com a frase “o amor sempre vence”, induzindo que mesmo que o desamor e as trevas venham a tentar reinar, o amor prevalecerá nos padrões morais da sociedade. Em diálogo com o cristianismo, podemos verificar que o Deus da Bíblia parece querer que as pessoas voltem para seus ensinamentos, como por exemplo a volta ao livro da lei (como na reforma religiosa e física que o rei Josias realizou) etc. Mas a volta ao amor, o amor de Deus, é algo a sempre ser valorizado, o famoso “Deus que não abandona” como ouvimos em muitos lugares. Essa fé se demonstra presente como um refrigério, uma regeneração, como um prêmio por passar as dificuldades da vida, pois, no final, existe redenção, perdão e amor abundantes.

Na religião, assim como nas histórias de filmes, séries e outros, muitas vezes somos convidados e rever onde passamos e a voltar, trazer à memória elementos do passado que são fundamentais para aquilo que se acredita.

A volta às origens parece ser algo característico de alguns movimentos, como os religiosos, por exemplo. Isso porque, quando uma pessoa vive sua vida da maneira que pensa ser melhor, como Freya viveu, mesmo que enganada por sua irmã, percebemos que a impressão que pode ficar é a de um desvio, uma mudança de rota. Com isso desejamos dizer que Freya como a rainha do gelo poderia representar uma falha comparada ao seu projeto de vida inicial. Ela abandona a gentileza e o amor para abraçar a maldade e o desamor. Trata-se de uma mudança radical em seus pensamentos e atitudes, no entanto, sua essência, mesmo que em uma “porcentagem” muito baixa, ainda permanece viva.

Propondo uma correlação com o cristianismo, e observando a literatura bíblica, podemos ter algumas hipóteses: Freya poderia ser comparada a um ser humano que luta contra o pecado, o que a Bíblia denomina de “vontade da carne” contra a “vontade do espírito”. Gálatas 5. 16-17, quando Paulo escreve às Igrejas da Galácia, vemos o seguinte: “Ora, eu vos digo, conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne. Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis. [...]” (BÍBLIA, 1973, p. 1523). Este tema tem relação com a vontade humana, ou talvez até o livre arbítrio. Segundo os ensinamentos da literatura bíblica, o ser humano teria o poder da escolha em fazer o bem ou em fazer o mal, em amar e não amar. Cabe

ressaltar aqui que existem muitas visões cristãs a respeito da Bíblia e de pontos teológicos e religiosos específicos, assim, podem ocorrer divergências de pensamentos com relação à tais pontos e outros que venham a surgir. Contudo, aqui pretendemos destacar essa visão do poder da escolha. Freya, diante de situações diversas, escolheu praticar o mal e destruir qualquer esperança do amor em seu reinado.

Com isso, podemos apontar que a essência da rainha do gelo clama por amor, atenção e carinho, mas sua decisão é ignorar tal ilusão e prosseguir com seu plano do mal. A vingança passa a tomar o lugar do amor e a vontade que antes era pacífica se torna maléfica e descontrolada.

Então, temos nas cenas finais uma volta às origens. Interessante perceber que isso ocorre quando a verdade é revelada à Freya, verdade esta que consistia na manipulação de sua irmã Ravena sobre sua vida, ou seja, Ravena enganou Freya o tempo todo, fazendo com que ela visse uma versão da história que não era de fato verdadeira. A rainha do gelo chega a se alegrar pela união de Eric e Sara, situação totalmente oposta quando estava determinada a matá-los. Como foi dito aqui, não sabemos o real significado dela ter tido uma visão onde segura uma criança nos braços, mas podemos colocar em pauta que Freya passou do ódio para o amor. Depois disso, ela enfim morre.

3.1.15 Fé, esperança e amor

De início vamos deixar o tema do amor para mais adiante neste tópico, assim vamos explorar um pouco as outras duas palavras.

Talvez conceituar as palavras fé e esperança seja um dos grandes desafios da vida, isso porque tais conceitos podem depender de outros fatores para serem enfim explicados. Com isso pretendemos dizer que além de uma definição, fé e esperança são sentimentos inseridos em culturas, que por suas vezes interferem na economia, política, legislação e na religião. Dessa forma, essas duas palavras muito comuns no vocabulário brasileiro, por exemplo, dependem de seus arredores, do que se passa em torno de pessoas ou grupos que possuem fé e esperança.

O primeiro questionamento que podemos fazer é: fé e esperança em quê ou em quem? A partir desse pressuposto, podemos aprofundar o estudo com direcionamentos que venham a sugerir os “alvos” que receberão esperança e fé. Ter um desses sentimentos torna-se algo muito abrangente e pouco específico. Nesse sentido, necessário se faz aproximar onde está essa fé e essa esperança.

No filme os dois sentimentos não estão ligados à uma divindade ou ser superior, mas são compartilhados entre si, ou seja, a fé e a esperança são exercidas entre um ser e outro. Para além disso, importante destacar que o elemento que acende a fé e a esperança é o amor, principalmente entre Eric e Sara. Antes de Freya interferir em suas vidas, ambos confiavam um no outro. Porém, após o feitiço de Freya os dois se separam e assim não há mais convivência e confiança necessárias para o relacionamento. Contudo, o amor se mostra valente e persiste mesmo em um contexto “desfavorável”.

Quando comparamos com a religião do cristianismo, é interessante perceber que o amor é a base da fé, esperança e prática cristãs. Há um versículo na Bíblia que relata sobre esse destaque para o amor, ou, como a Bíblia de Jerusalém coloca, caridade: “Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade.” (BÍBLIA de Jerusalém, 1973, p.1503). Sendo a maior delas a caridade (ou amor), ficariam para trás a fé e a esperança?

Em meio ao filme e a narrativa que se passa, percebemos que fé, esperança e amor caminham juntas, na expectativa de que algo novo surgirá e que o reinado de Freya terminará.

A ideia do porvir, do mundo que virá, do futuro sempre intrigou a humanidade. Será que o caos vai acabar? Será que as guerras cessarão? Há a possibilidade de um mundo melhor? Essa são algumas das perguntas que as pessoas fazem. Assim como a literatura bíblica aponta, a caridade ou amor prevalecem afinal.

Portanto, na religião do cristianismo e no filme os temas da fé, da esperança e do amor estão muito presentes, bem como a separação entre grupos que possuem esses atributos e outros que não os apresentam. Tais assuntos são centrais na narrativa fílmica e nos relatos da literatura bíblica e no cristianismo de modo geral.

3.2. O IMPACTO DOS SÍMBOLOS E A CORRELAÇÃO ENTRE CULTURA E RELIGIÃO

Vivemos em um mundo de símbolos que comunicam informações, seja um texto, uma imagem, um objeto, um alimento, uma roupa etc. Em meio a esses múltiplos símbolos, notamos que o ser humano é impactado direta ou indiretamente por eles. Nesse sentido, Paulo Augusto de Souza Nogueira, doutor em Teologia, explica que esses símbolos estão relacionados com a cultura e com a religião. No artigo intitulado *Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*, Nogueira traz conceitos e exemplos pertinentes em um mundo de correlações, interações e influências constantes do mundo

religioso e cultural de um modo geral. No artigo mencionado, o autor explica que “A semiótica da cultura desenvolvida pela Escola Tártu-Moscou, sob a liderança de Iuri Lótman, oferece um aparato conceitual sofisticado para o estudo do dinamismo e da transformação dos sistemas culturais e dos seus textos. [...]” (NOGUEIRA, 2015, p. 103).⁴⁷ Dessa forma, o autor utiliza-se da semiótica para estudar essa interação entre cultura e religião. Segundo o dicionário Michaelis, semiótica é a “Teoria geral dos signos e todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não).” (SEMIÓTICA, Online, 2024).⁴⁸ Conforme ensina Reuben da Cunha Rocha, mestre em Ciências da Comunicação, “O conceito de semiosfera nasce da proposição duma inversão, a de não ser o signo ou sua natureza o objeto da semiótica, mas o próprio espaço semiótico, ele que precede e torna possível a semiose, que põe signos, linguagens, textos, códigos em contato. [...]” (ROCHA, 2010, p. 2).⁴⁹

Nogueira ensina em seu texto que existem pontos de contato entre os aparentes “mundos diferentes” quando se trata de cultura e religião. Isso porque as áreas de fronteira que cruzam o caminho do ser humano podem gerar efeitos diferentes e reações diferentes inclusive no modo de agir na cultura e em contextos religiosos. Fato é que existem muitos espaços disponíveis no mundo atual para se praticar costumes culturais e religiosos, e, quando analisamos as artes, por exemplo, percebemos o quanto desses elementos se fazem presentes. No campo do cinema, por exemplo, nota-se que as zonas de fronteira muitas vezes são tênues, como em situações que deixam os espectadores confusos. Para citar um exemplo, lembremos das personagens que ora estão do lado “bom”, ora estão do lado “mal”. Em um momento sentem um chamado para ser luz, mas em outras situações se deixam conduzir pelas trevas. Nogueira ainda cita em seu texto situações de relatos bíblicos (canônicos) e apócrifos que podem levar ao pensamento de que existe correlação, de que existe elementos reais e imaginários, elementos da cultura e de mitos lendários. Nesse sentido, mais do que estabelecer caixas separadas de conhecimento, somos convidados a aprofundar os saberes sobre os costumes, leis e mitos que conduzem a vida comum de um povo. Da mesma forma, assim também somos convidados a analisar filmes, séries, entre outras artes, de modo que se permita dialogar entre elas.

⁴⁷ Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342636> – Acesso em 05 nov. 2024.

⁴⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/semi%C3%B3tica/> - Acesso em 05 nov. 2024.

⁴⁹ Disponível em: <https://semeiosis.com.br/issues?issue=PJag17A9ArhY5ESkjPb2&article=n73fWRut6jRtxZmoOhWa> – Acesso em 05 nov. 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) vários pensamentos podem surgir, tanto afirmativos como negativos. A capacidade dos diretores, atores e atrizes que participaram do enredo é fenomenal, visto que apresentam um filme com efeitos interessantes, cenários do mundo da fantasia bem como transmitem mensagens, discursos que comunicam suas intenções.

A proposta do filme não se mostra religiosa e não possui o objetivo de comparação com o cristianismo, por isso, tratou-se de um “privilégio desafio” buscar informações e pontos de contato entre a narrativa e o cristianismo (principalmente em valores morais e do texto literário da Bíblia).

Conforme o desenvolvimento do filme, é possível perceber palavras, gestos e atitudes que podem se assemelhar com conceitos judaico-cristãos, respeitando seus contextos e épocas próprias de produção e suas propostas para quem assiste ou lê.

A influência das religiões na cultura e assim vice-versa é muito possível, já que existem influências de padrões de comportamento, leis, costumes e assim por diante. Penafria nos ajuda a ir mais profundo na análise da narrativa, e Tillich auxilia com seu método de correlação, onde duas áreas do conhecimento se encontram.

No primeiro capítulo desta dissertação buscamos trazer conceitos sobre religião, cultura, cinema e linguagens religiosas. Chegamos à algumas considerações, tais como: existem muitas definições sobre esses termos, o que possibilita uma vasta pesquisa e vários resultados. Par o fim deste trabalho, encontramos definições que nos ajudaram a compreender o campo da religião, da cultura e do cinema, bem como o entendimento de Paul Tillich foi muito importante para encontrar o que o autor entende como religioso ou religião e sua relação com a cultura. A questão das linguagens religiosas foi abordada com limites e com focos específicos, e entendemos que o aspecto da comunicação, principal forma que utilizamos essas linguagens, são apenas parte do todo que é a linguagem religiosa. Nesse sentido, esse capítulo esclareceu um olhar entre tantos outros possíveis, contudo o destaque para o método de correlação de Tillich auxiliou a aproximação das áreas da cultura, do cinema e da religião. Este método traz estudos complexos e ricos para a filosofia, religião, cultura, por exemplo, e demonstrou que existem possibilidades de contato entre áreas de pesquisa diferentes. Nessa linha de pensamento a estética da recepção trouxe luz à interpretação, pois aponta para a forma como analisamos um

objeto, no caso, o filme em estudo. Dessa forma, a proposta de uma análise cristã da narrativa fílmica foi observada e apresentada posteriormente nos próximos dois capítulos.

No segundo capítulo, vimos que dividir o filme em uma estrutura facilitou a abordagem de uma linha do tempo do enredo, bem como a análise de Manuela Penafria abordou a temática de forma objetiva. A pesquisa da autora provocou olhares em sentidos, os quais colaboraram para a análise geral. Demonstramos como foi a escolha do filme para que pudéssemos analisá-lo, onde apontamos a diversidade de filmes existentes no mercado da produção cinematográfica, mas o que foi identificado com maior atenção foi o tema do amor e sua ligação de essência com o cristianismo. Nesse sentido, alcançamos alguns objetivos sempre deixando em aberto novas pesquisas e abordagens deste filme bem como de outros em seus mais diferentes gêneros (ação, aventura, suspense, comédia etc.).

Constatamos a importância da temática para as ciências da religião, visto que estudar este objeto contribui para o avanço da pesquisa entre Teologia, Religião e Cultura Pop, abrindo caminhos para análises científicas de obras do cinema, como um dos exemplos das artes. A questão dos discursos presentes também se mostra importantes, já que filmes, sejam religiosos ou não, comunicam ideias e práticas que podem se reproduzir na sociedade, ainda mais com as tecnologias avançando cada vez mais. Interessante que as ciências da religião podem lidar com temas que tocam a essência de cada religião, isto é, temas centrais que fundamentam posições e práticas religiosas.

No terceiro capítulo, aplicamos o método de correlação de Paul Tillich e chegamos à algumas considerações. Os objetos analisados, tais como o espelho e o colar podem remeter ao religioso. O espelho apareceu no filme como um dos principais objetos, e sua presença nas cenas provocavam ao mesmo tempo medo e respeito. Esse objeto pertencia a um santuário, local que gerou expectativas, pois estávamos à espera de um templo, um salão, um prédio, um castelo, algo que mostrasse o seu lugar de pertencimento. Não sabemos se fosse diferente o que poderia mudar no filme, mas percebemos sinais, indícios, detalhes nos diálogos e nas linguagens que se passavam que uma menção ao sagrado foi feita. O colar tinha um símbolo, mas representou a aliança entre Eric e Sara, o casamento e compromisso de um com o outro.

O terceiro capítulo passou a se dedicar na análise do filme com o cristianismo, trazendo temas morais e religiosos. Os conceitos de reino, reis e rainhas e o local desse reinado remeteram às questões religiosas, o que lembrou de aspectos cristãos que já relataram esse ideal da monarquia. O bem contra o mal foi analisado porém faz parte de muitas histórias onde existe o lado honesto, bom e correto e o outro perverso, mal e mentiroso. Temas como o serviço e o

amor foram trazidos, já que servir é algo que faz parte do ser humano e que também possui sentido para a prática da religião. O tema do amor provocou análises cristãs em relação à presença do amor e sua relação com a Bíblia, por exemplo. Frases ditas no filme foram aproximadas com relatos bíblicos e conseguimos encontrar semelhanças tanto nas expressões das palavras quanto nos gestos e intenções das personagens. A metáfora de uma rainha do gelo que é fria e má auxiliou na construção da personagem Freya, e suas atitudes revelaram mudança no comportamento, mente e alma, reforçando de um lado a negação do amor e de outro a sua afirmação. Há uma linha que caminha por todo o filme: o objetivo de Freya e as consequências dos atos de Ravenna, sua irmã. Todo o conflito se baseia na permanência do amor e na sua destruição. Temas como vida e morte apareceram.

Portanto, muitos outros temas podem surgir após a análise de um filme, o que não é diferente do filme em estudo. No entanto, alguns se destacam a respeito de pilares da religião cristã, por exemplo, e alguns princípios e valores cristãos foram percebidos na narrativa, mesmo que em uma proposta não religiosa. Aquilo em que as personagens acreditaram faz todo o sentido e mantém de pé cada um deles. A fé de que o amor é um elemento essencial da vida humana prevaleceu.

Na pesquisa encontramos elementos que podem remeter ao sagrado, à religião cristã e para além dela, já que outras confissões ou crenças podem ser identificadas também. Todas essas interações geram impactos no olhar de quem está analisando e do objeto que está sendo submetido ao estudo. A linha hermenêutica pode ser grande, abrindo caminhos novos de estudo e isso se torna valioso.

É importante dizer que a pesquisa não está fechada, mas sim tem a possibilidade de ir além nos estudos alcançando novos olhares e novos conhecimentos. Trata-se de um tema amplo e que envolve muitos assuntos. Dessa forma, outras religiões ou seguimentos da sociedade podem investigar e encontrar mais diálogos neste filme em estudo e em outros que venham a ser analisados. Vimos que é possível encontrar linguagens religiosas do cristianismo no filme *O caçador e a rainha do gelo* (2016) e essa interação possibilita novos caminhos para a pesquisa. A ficção, os contos de fada, filmes, séries, histórias em quadrinhos e tantas outras expressões da arte podem conduzir perspectivas na cultura pop, nas religiões, nas culturas e em muitos outros ambientes, abrindo novas oportunidades para professores/as, alunos/as dedicarem períodos de estudo e análise desses materiais, enriquecendo a pesquisa acadêmica e alcançando muitas pessoas que podem ser impactadas com os novos olhares que vão surgindo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Apud NAGEM, Ronaldo Luiz; CARVALHAES, Dulcinéia de Oliveira; DIAS, Jully Anne Yamauchi Teixeira. Uma proposta de metodologia de ensino com analogias. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 14, n. 1, p. 197-213, 2001. Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37414109.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2024.

ABIJAUDI, André Yuri Gomes. **Uma ontologia do amor: a reunião dos separados e a superação da vida fragmentada a partir de Paul Tillich**. 2018. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/7087>. Acesso em: 5 abr. 2024.

ACADEMIA INTERNACIONAL DE CINEMA. História do cinema: confira este guia e se destaque! Editado em: 25 ago. 2020. Disponível em: <https://www.aicinema.com.br/historia-do-cinema-confira-este-guia-e-se-destaque/>. Acesso em: 09 abr. 2024.

ADAM, Júlio César. Da ficção científica para a ficção religiosa: ideias para pensar o cinema de ficção científica como o culto da religião vivida. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 552-565, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4397701>. Acesso em: 4 abr. 2024.

AMBROSIO, Julia Meirelles; AZZOLINO, Adriana Pessate; REAL, Victor Kraide Corte; et al. O Universo Gótico e o Cinema. In: **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2010, Vitória, ES. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Arte/artigos/cinema_got.pdf. Acesso em: 4 jan. 2023.

ARAÚJO, Glauber Souza. Paul Tillich e sua Teologia da Cultura. **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 17, jun. 2010. [S. l.]: [S. n.]. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/index/>. Acesso restrito. Acesso em: 18 jan. 2023.

BABO, Carolina Chamizo Henrique. *A Retomada e a Reinvenção dos Contos de Fada pela Mídia*. In: **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1503-2.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Revista INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/5D44rZBWRJ5d8YCpX4GP83H/>. Acesso em: 9 abr. 2024.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução das instruções e notas de La Sainte Bible. École Biblique de Jérusalem. Ed. revista e aumentada. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

BÍBLIA SAGRADA. 1 João 4.8; 16. Disponível em: https://biblehub.com/1_john/4-16.htm. Acesso em: 9 abr. 2024.

BLAKE, Lily; DAUGHERTY, Evan; HANCOCK, John Lee; AMINI, Hossein. **Branca de Neve e o Caçador**. Tradução de Ronaldo Luis da Silva. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

BRASIL ESCOLA. *Escambo: o que é, quando foi utilizado, resumo*. 2024. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/escambo.htm>. Acesso em: 06 out. 2024.

BRIZOTTO, Bruno. Hermenêutica e estética da recepção: uma leitura das três primeiras teses de Hans Robert Jauss. **e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis**, v. 4, n. 1, jan./abr. 2013. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/718/pdf_347. Acesso em: 27 set. 2024.

BUENO, André; BIRRO, Renan; BOY, Renato (org.). **Ensino de História Medieval e História Pública**. 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2020. 199 p. Disponível em: https://www.academia.edu/download/63540435/Ensino_de_Historia_Medieval_e_Historia_Publica_202020200605-40531-1bnfqo0.pdf. Acesso em: 18 jun. 2024.

CERIONI, Clara. Os fatos que marcaram o mundo em 2016. (s.d.). [S. l.]. Disponível em: <https://exame.com/mundo/relembre-os-acontecimentos-que-marcaram-o-mundo-em-2016/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXIV, p. 171-193, 2012. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10763.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CULTURA. Michaelis. (s.d). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/> - Acesso em: 01 abr. 2024

CUNHA, Carolina. **Filosofia – o tema da liberdade**. 2022. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/filosofia-o-tema-da-liberdade.htm> - Acesso em 26 dez. 2022.

DICIONÁRIO ONLINE DICIO. Sine qua non. Disponível em: https://www.dicio.com.br/sine-qua-non/#google_vignette. Acesso em: 15 abr. 2024.

DOTTO, Bruna Farençena. **Coroas, estereótipos e representatividade: uma análise da representação feminina entre quatro gerações de Princesas da Disney**. 2017. Monografia (graduação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/16844>. Acesso em: 26 jun. 2024.

ENCICLOPÉDIA DO ESTUDANTE: história geral. Tradução de Maria Auxiliadora Guzzo. São Paulo: Moderna, 2008.

FERNANDES, Alauanda de Vasconcelos. **A Rainha da Neve, de Hans Christian Andersen: a construção do espaço fantástico nas aventuras de Gerda**. 2017. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21119>. Acesso em: 26 jun. 2024.

FERNANDES, Celso. **Luz! Câmera! Ação!: como usar filmes para ilustrar mensagens bíblicas**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

FERNANDES, Cláudio. **A situação da mulher na Idade Média**. Brasil Escola. (s.d). Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historia/a-situacao-da-mulher-na-idade-media.htm>. Acesso em: 21 jun. 2024.

GRENZER, Matthias; WEBER, Fabíola. Placas de pedra (Ex 24,12). **Revista de Cultura Teológica**, ano XXVI, n. 91, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/download/rct.i91.37097/pdf>. Acesso em: 29 out. 2024.

HARNIK, Bruno. **Fenômeno Phi e a percepção de movimento**. 2016. Disponível em: <https://www.alura.com.br/artigos/fenomeno-phi-e-a-percepcao-de-movimento>. Acesso em: 04 jan. 2023.

HARRISON, Peter. "Science" and "Religion": Constructing the Boundaries. *Journal of Religion*, 86 (2006), 81-106. Tradução feita por: **Revista de Estudos da Religião - REVER**, São Paulo, v. 1, 2007. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2007/t_harrison.htm. Acesso em: 06 out. 2024.

HERNÁNDEZ, Isabel. **Contos de fadas dos irmãos Grimm nunca foram feitos para crianças**. 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2019/10/contos-de-fadas-irmaos-grimm-criancas-cinderela-branca-de-neve-folclore-alemanha>. Acesso em: 11 jun. 2024.

HIGUET, Etienne Alfred; MARASCHIN, Jaci. **A forma da religião: leituras de Paul Tillich no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

KONINGS, Johan. Linguagens religiosas e Narrativas sagradas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 236-239, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2016v14n42p236>. Acesso em: 13 nov. 2024.

LABCOM Portugal. Manuela Penafria (s.d). Disponível em: <https://labcomca.ubi.pt/manuela-penafria/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia**. Tradução de Silêda Steuernagel e Paulo Mendes Campos. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MARTINS, Marcelo Massi. **Religião, cinema e contracultura – a dimensão existencial nas comunidades alternativas sob as lentes cinematográficas**. 2022. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/15148>. Acesso em: 04 abr. 2024.

MATOS, Keila. Resenha da obra “O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional” de Rudolf Otto. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, EST; Petrópolis: Vozes, 2007. 224p. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 19, n. 5/6, p. 497-502, maio/jun. 2009. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/download/1071/750/3452>. Acesso em: 09 abr. 2024.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Tradução José Fernandes: revisão de Luiz Antônio Miranda. Reedição. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

MOREIRA, Isabela. C.S. Lewis: conheça a história do autor de 'As Crônicas de Nárnia'. **Revista Galileu**, nov. 2017. Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/11/cs-lewis-conheca-historia-do-autor-de-cronicas-de-narnia.html>. Acesso em: 14 mar. 2024.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, repensar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. Apud OLIVEIRA, Mara Regina de. *Direito e Cinema: Tomo Teoria Geral e Filosofia do Direito*. 1. ed. São Paulo: Enciclopédia Jurídica da PUC/SP, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/89/edicao-1/direito-e-cinema>. Acesso em: 31 out. 2022.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera. **Estudos de Religião**, v. 29, n. 1 p.102-123, jan.-jun. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6342636>. Acesso em: 05 nov. 2024.

NOGUEIRA, Paulo Dias. **DICAS HOMILÉTICAS**. (s.d). Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C32hKGkr6H1/?igsh=NGM0cHRreWR6ODB3>. Acesso em: 28 fev. 2024.

OLIVEIRA, Elen Maribel de. *História do escambo no Brasil*. 8 ago. 2006. **Fundação Brasileira de Economia Social**. Disponível em: <https://fbes.org.br/2006/08/08/historia-do-escambo-no-brasil/>. Acesso em: 06 out. 2024.

OLIVEIRA, Mara Regina de. *Direito e Cinema: Tomo Teoria Geral e Filosofia do Direito*. 1. ed. São Paulo: Enciclopédia Jurídica da PUC/SP, 2017. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/89/edicao-1/direito-e-cinema>. Acesso em: 31 out. 2022.

ONTOLOGIA. Michaelis. (s.d.). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ontologico/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

O Caçador e a Rainha do Gelo. (s.d.). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt2381991/>. Acesso em: 29 abr. 2024.

PAULUS. *Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002. Disponível em: https://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/_INDEX.HTM. Acesso em: 06 ago. 2024

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes - Conceitos e Metodologia(s)**. VI Congresso SOPCOM, abril de 2009. Disponível em:

<https://www.academia.edu/download/31545895/Analisedefilmesconceitosemetodologias.pdf>.

Acesso em: 29 abr. 2024.

PEREIRA, Rodolfo Rodrigues. Contribuições de Tillich para o pensamento sobre religião, cultura e arte. **Revista Unitas**, v. 9, n. 1, 2021. Disponível em:

<https://revista.fuv.edu.br/index.php/unitas/article/view/2567/2291> - Acesso em 28 out. 2024.

PIEPER, Frederico. Religião e Cinema. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 20, n. 61, e206102, jan./abr. 2022. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/download/30378/20697> - Acesso em 04 abr. 2024.

PIEPER, Frederico. Religião: limites e horizontes de um conceito. **Estudos de Religião**, v. 33, n. 1, 5-35, jan.-abr. 2019. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7433569.pdf> - Acesso em 28 out. 2024.

REINKE, André Daniel. **Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

REINKE, André Daniel. Sobre. 2025. Disponível em:

<https://andredanielreinke.com.br/sobre/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. (s.d.). São Paulo/SP: **CDi/FAPESP** - Centro de Documentação e Informação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Disponível em:

<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/91412/claudio-de-oliveira-ribeiro>. Acesso em: 18 jan. 2023.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Teologia no Plural: Fragmentos biográficos de Paul Tillich. [S. l.]: **Revista Eletrônica Correlatio**, n. 3 - Abril de 2003. Disponível em:

<https://revistas.metodista.br/index.php/index/>. Acesso restrito. Acesso em: 18 jan. 2023.

ROCHA, Reuben da Cunha. Em torno da poética da pesquisa: semiosfera como epistemologia. Semeiosis semiótica e transdisciplinaridade em revista. Setembro, 2010. Disponível em:

<https://semeiosis.com.br/issues?issue=PJagl7A9ArhY5ESkjPb2&article=n73fWRut6jRtxZmo>

[OhWa](https://semeiosis.com.br/issues?issue=PJagl7A9ArhY5ESkjPb2&article=n73fWRut6jRtxZmo). Acesso em: 06 nov. 2024.

ROSA, Wanderley Pereira da. O dualismo na teologia cristã: a deformação da antropologia bíblica e suas conseqüências. 2010. 163 f. **Dissertação** (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2010. Disponível em:

<http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/handle/BR-SIFE/103> - Acesso em: 24 set. 2024.

SAINTE ANASTASIE. Hugo Münsterberg, biografia do pioneiro da psicologia aplicada. (s.d).

Disponível em: <https://pt.sainte-anastasio.org/articles/psicologia/hugo-mnsterberg-biografia-del-pionero-de-la-psicologa-aplicada.html>. Acesso em: 04 jan. 2023.

SANCHES, Mariana. O que era Trump representou para os EUA e para o Brasil. **BBC Brasil News**, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55699910>.

Acesso em: 27 dez. 2022.

SEMIÓTICA. Michaelis. (s.d). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/> - Acesso em: 05 nov. 2024

SERES MITOLÓGICOS. Goblins. *Seres Mitológicos*. Disponível em: <https://seresmitologicos.com.br/goblins/>. Acesso em: 01 mai. 2024.

SILVA, Edson Pereira; ARCANJO, Fernanda Gonçalves. História da ciência, epistemologia e dialética. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 44, n. 2, p. 149-174, abr./jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/6J8grRSZ78dgcLryCLfFvyM/#>. Acesso em: 15 abr. 2024.

SILVA, Fernando. Cultura: por que e para quem?. **Espaço do Conhecimento UFMG**, 29 mar. 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/cultura-por-que-e-para-quem/>. Acesso em: 1 abr. 2024.

TADA, Elton Vinicius Sadao. A tradução da obra “Teologia da Cultura” de Paul Tillich para os teólogos brasileiros. **Revista Eletrônica Correlatio**, [S. l.], n. 16, dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/index>. Acesso restrito . Acesso em: 18 jan. 2023.

TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. **Revista Ágora**, Vitória, n. 8, 2008, p. 1-27. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/1927/1439/0>. Acesso em: 1 abr. 2024.

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. Tradução da Missão das Igrejas Reformadas da Holanda. New York, N. Y., USA: ASTE, 1988.

_____. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX**. Tradução de Jaci C. Maraschin. New York, N. Y., USA: ASTE, 1986.

_____. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Berelli. 2. ed. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

TURNER, Steve. **Engolidos pela cultura pop: arte, mídia e consumo: uma abordagem cristã**. Tradução de Paula Mazzini Mendes. Viçosa, MG: Ultimato, 2014.

VADICO, Luiz. “Limpei as veredas!” Religião, sociedade e cinema: um embate de consequências estético-narrativas. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, p. 197-212, jul./dez. 2010.

XAVIER, Érico Tadeu; MALHEIROS, Isaac. O reino de Deus: uma realidade presente e escatológica. **Kerygma**, v. 14, n. 1, p. 55-65, 1º sem. 2019. Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, Engenheiro Coelho, SP. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1186/1128>. Acesso em: 17 set. 2024.